VIDA DEPOIS DA MORTE

NEVILLE RANDALL

Tradução: Amadeu Antònio

VIDA DEPOIS DA MORTE

Neville Randall 1975

INTRODUÇÃO

Na tarde cinzenta e chuvosa de inverno de 20 de janeiro de 1966, encontrei o meu caminho até uma fileira de casas de tijolo idênticas nos subúrbios de Acton, no oeste de Londres. Ia fazer uma entrevista para o meu jornal com Ena Twigg, que já era uma das médiuns de maior sucesso na Grã-Bretanha e estava prestes a tornar-se a mais famosa.

Após uma hora a responder a perguntas, ela interrompeu a conversa para fazer chá. O tilintar da loiça vindo de uma cozinha do outro lado do corredor foi subitamente sobreposto pela voz da Sra. Twigg, elevada numa conversa ardente.

Não havia mais ninguém na casa quando cheguei. Quando ela voltou empurrando um carrinho de chá, perguntei-lhe se tinha recebido uma visita.

"— A sua mãe acaba de chegar", disse ela. "Ela quer falar consigo."

A minha mãe tinha morrido, de cancro, quase exatamente um ano antes.

"— Ela diz", anunciou a Sra. Twigg, "que vocês eram muito próximos. Ela está logo atrás de si."

Olhei nervosamente em volta e não vi nada.

"— Ela está a tocar-lhe no ombro", continuou a Sra. Twigg. "Agora está a beijá-lo na testa."

Eu não senti nada.

Seguiu-se um fluxo de informações. Sobre a minha mãe, sobre mim e sobre a minha família. Quase tudo correto. Depois: "— Ela trouxe o pai da sua esposa, que ela conhecia tão bem e de quem gostava tanto."

O pai da minha esposa, um holandês, tinha morrido na Holanda, também de cancro, três semanas depois da minha mãe.

"— Ela diz", anunciou ela, "que o senhor tem dentro daquela pequena casa a oportunidade de fazer um grande trabalho."

Fiquei sem reação.

"— O senhor vai para Worthing."

Eu nunca tinha estado em Worthing e nunca tinha pensado em visitá-la.

"— O senhor é a única pessoa que escreve na família. Estamos extremamente interessados neste livro."

Alguns minutos depois, ela disse que o pai da minha esposa queria falar comigo.

"— O senhor vai ter um relógio encantador", transmitiu ela.

E um pouco mais tarde: "— O senhor vai ser um porta-voz para uma série de pessoas no mundo invisível. A sua pena será usada para escrever de forma indelével"... "O senhor tem um escritório só para si agora. Um pouco de paz e sossego."

Naquela noite, a sós com a minha esposa quando as crianças já se tinham deitado, reli as minhas notas desta estranha conversa de um só lado. A maioria das afirmações era facilmente verificável. Eu estava intrigado sobre o escritório só para mim. Eu partilhava um com outro jornalista no jornal e uma secretária. Não tinha conhecimento de planos para me mudarem.

"— Ah", disse a minha esposa. "Na Holanda, eles usam a mesma palavra para escritório e para estúdio/escritório pessoal."

Quando a minha mãe morreu, a minha esposa tinha convertido o seu pequeno quarto num escritório onde eu podia trabalhar fora do alcance do som da televisão.

A referência ao livro parecia encorajadora. Uma série de artigos que eu tinha escrito sobre a vida após a morte tinha sido publicada como um folheto que estava agora esgotado. Eu planeava reescrevê-lo com vista a transformá-lo num pequeno livro.

O relógio e a visita a Worthing permaneciam um mistério.

No abril seguinte, a mãe da minha esposa morreu. A minha esposa e eu marcámos uma sessão de teste com Ena Twigg para ver se a mãe dela apareceria.

E apareceu. A minha mãe também. "— O senhor começou um livro", disse ela. "Não este. Outro. Estamos a ajudá-lo com ele."

Continuei a reescrever o folheto e dei ao meu agente alguns capítulos de teste para tentar apresentar a editores. Nenhum deles estava interessado. Abandonei o projeto. As notas de ambas as sessões foram arquivadas e esquecidas.

Em 1971, a minha esposa e eu fomos ficar com a irmã dela em Zeist, na Holanda, para recolher algumas relíquias de família. Elas incluíam dois retratos de família e um relógio de fazendeiro frísio do século XVII.

No início de 1972, recebi uma chamada no meu escritório de um Sr. George Woods, um investigador psíquico que eu tinha visitado no seu apartamento em Brighton em 1960, quando estava a escrever os meus artigos sobre a vida após a morte. Ele tocou-me uma gravação feita através da mediunidade de voz direta de Leslie Flint, de uma voz que afirmava ser Cosmo Lang, Arcebispo de Cantuária, falecido em 1945.

Eu tinha visitado o Sr. Woods mais uma vez em 1969 para escrever um artigo sobre algumas das outras fitas de uma biblioteca crescente.

Woods perguntou-me, em 1972, se eu desceria novamente para escrever um livro sobre toda a coleção, um relato completo do que acontece quando morremos. Eu não teria de viajar para longe. Ele tinha-se mudado alguns quilómetros ao longo da costa de Brighton. Para Worthing.

Assim, resumidamente, foi como comecei a escrever este livro. A minha parte foi bastante pequena. O trabalho já tinha sido feito por Woods e pela sua colega, a Sra. Betty Greene.

Este é o livro deles. E o trabalho de uma vida deles. Eu sou apenas o último elo de uma corrente que começa num mundo invisível. Um porta-voz.

UM

A História de Alf Pritchett

O ano é 1960. 4 de novembro. Uma sala escurecida num apartamento em Londres. Dois homens e uma mulher sentados à espera, como vinham fazendo nas manhãs de segunda-feira nos últimos cinco anos. À espera que alguém aceite um convite aberto para lhes falar de uma experiência pela qual ninguém na terra passou e pela qual todos os que vivem um dia passarão.

O silêncio foi quebrado por uma voz rouca e gutural com uma entonação cockney. Um gravador foi ligado. A voz começou a descrever a provação de um soldado raso quarenta e seis anos antes, na desolação lamacenta de uma trincheira na Flandres, no inferno a que chamamos a Grande Guerra.

'Eu era apenas uma pessoa comum,' disse a voz. 'E o que tenho para dizer não teria nenhum peso real para a maioria das pessoas.'

'Podemos saber o seu nome?' perguntou a mulher.

'Oh,' respondeu ele. 'O meu nome não significaria nada, pois não? O meu nome é Pritchett. Alf Pritchett. Não significa nada.

'Deve ter sido em 1917 - ou 18. Eu próprio já não tenho a certeza agora. Foi há tanto tempo. Tínhamos estado sob um pesado bombardeamento praticamente todo o dia. Pensei para comigo na altura, se passarmos por isto teremos sorte. Depois, de manhã cedo, deram-nos o comando para avançar.

'Bem, pensei. É agora, rapaz. E devo admitir que foi preciso tudo o que eu tinha para conseguir realmente avançar.

'Eu estava a correr. Alguns dos alemães vinham na minha direção. Passaram disparados por mim como se não me vissem! Pensei, "Deus, é agora."

'Mas em vez de me atacarem ou de alguma forma demonstrarem qualquer interesse por mim, eles passavam disparados por mim!

'Pensei, "Bem, Santo Deus! Não consigo perceber isto de todo."
Eu continuei.

Lembro-me de correr e correr e pensei "Bem, se eles não me vão ver, eu certamente não me vou incomodar com eles. Vou meter-me num buraquinho qualquer algures e sair disto."

Lembro-me de me meter num buraco no chão, criado por uma bomba, suponho, nalgum momento. Meti-me neste buraco, e apenas me agachei, e pensei "Bem, vou esperar que esta barulheira acabe, e esperar pelo melhor, posso ser levado prisioneiro. Quem sabe?"

Estava ali deitado a pensar para comigo "Bem, é estranho que não me tenham visto. Devem ter-me visto. No entanto, passaram direto." E comecei a pensar sobre isso. E pensei, "Bem, não sei."

Não sei quanto tempo devo ter estado lá. De qualquer forma, devo ter adormecido ou algo assim, porque a próxima coisa que soube foi que me lembro de estar a ver uma luz brilhante à minha frente.

Não conseguia perceber isto de todo. Era um tipo de luz que eu nunca tinha visto antes, como se todo o lugar estivesse iluminado, e era tão deslumbrante que, por um momento, eu quase não conseguia olhar para ela. Tinha de manter os olhos fechados e dar uma espreitadela. E pensei, "Bem, é um truque da luz." Fiquei com um bocado de medo.

Depois, de repente, foi como se visse um contorno - uma forma ou figura a aparecer. Era o contorno de um ser humano, e estava cheio de luminosidade, e gradualmente pareceu ganhar forma.

Eu estava num suor absoluto. Era um velho amigo meu que eu sabia que tinha sido morto alguns meses antes, chamado Smart. Billy Smart! Costumávamos chamar-lhe "Ole Bill". Ele estava a olhar para mim e eu estava a olhar para ele.

Passado um bocado senti-me a levantar, e isso pareceu-me estranho, eu estar consciente de me estar a levantar. De uma forma estranha pensei, bem, aqui estou eu que estive deitado aqui provavelmente a noite toda - toda a noite e dia. Devia estar a sentir-me teso, desajeitado e desconfortável. Mas não estava. Sentia-me leve como uma pena. Pensei "Bem, algo me subiu à cabeça. Talvez tenha levado uma pancada ou algo assim."

De qualquer forma, fui na direção dele como se eu fosse um íman atraído por ele. À medida que me aproximava conseguia ver que ele estava, bem, cheio de vitalidade, cheio de vida. Uma cor maravilhosa no seu rosto. E então, quando cheguei perto dele, caiu-me a ficha de que ele estava morto!

Quando o vi pela primeira vez, não pensei nele como estando morto, embora deva ter-me lembrado e percebido de certa forma que ele tinha sido morto alguns meses antes. De qualquer forma, fui atraído por ele. Ele sorriu para mim, e suponho que eu devo ter sorrido de volta.

Ele estendeu a mão. Senti-me um bocado tonto de certa forma porque sabia que é natural apertar as mãos, mas ali estava eu numa trincheira a apertar a mão a alguém que estava morto! Fiquei num suor frio e pensei, "Bem, o que se passa aqui? Devo estar a sonhar ou algo assim!"

Conseguia ouvi-lo falar e ele diz, "Está tudo bem, nada com que te preocupares. Estás bem, companheiro. Anda lá."

Pensei, "Bem, isto é uma tontice. Há algo de errado algures."

De qualquer forma, agarrei-me à mão dele e de repente senti uma espécie de sensação de flutuação, e antes que desse por mim era como se estivesse a ser erguido no ar a segurar a mão dele. Lembrou-me de algo que vi há anos - Peter Pan ou algo assim. Pensei, "Isto é um sonho engraçado, este!"

Lá estávamos nós como que a flutuar - não posso dizer que estivesse a fazer outra coisa senão flutuar apenas com os pés fora do chão - indo gradualmente cada vez mais alto, como se tudo estivesse a ficar cada vez mais longe. E conseguia ver ao longe, lá em baixo, os campos de batalha, as armas e as luzes e as explosões. A guerra obviamente ainda continuava. E pensei, "Bem, isto é um sonho muito peculiar, este."

A próxima coisa de que me lembro foi de começar a avistar gradualmente o que parecia ser uma grande cidade. Era luminosa. É a única maneira de a conseguir descrever. Os edifícios tinham uma espécie de brilho.

Enfim, para encurtar a história, de repente senti os meus pés a tocar no chão novamente. Muito peculiar. Parecia sólido. Lembro-me de caminhar ao longo do que parecia ser uma longa avenida, e de cada lado havia árvores belíssimas, e entre cada duas árvores ou assim havia o que parecia ser uma espécie de estátua. E no passeio - suponho que é como lhe chamariam: caminho ou pavimento - as pessoas andavam de um lado para o outro com um tipo de vestimenta muito peculiar.

Pareciam que podiam ter sido romanos ou gregos ou algo que se vê em quadros. E havia edifícios belíssimos com colunas, e degraus belíssimos que subiam para eles. Na maioria com telhados planos, a propósito. Não me lembro de ver nenhuns telhados ou águas-furtadas como se vê em Inglaterra. Pareciam ser de estilo continental. E este tipo de brilho a vir deles. Havia todo o tipo de pessoas, e cavalos.

O Bill falava comigo sem parar. "Claro," diz ele: "Tu sabes o que te aconteceu?"

"O que me aconteceu? Tudo o que sei é que estou a divertir-me aqui. É melhor do que estar lá em baixo naquela confusão. Vou ter pena de acordar."

Ele diz, "Não te preocupes. Tu não vais acordar." “O que queres dizer com não vou acordar?" “Já foste, companheiro."

“O que queres dizer com já foste?"

“Estás morto."

“Não sejas tonto," digo eu. "Como posso estar morto? Estou aqui. Consigo ver tudo o que se passa à minha volta. Consigo ver-te. Mas sei que morreste há alguns meses. Levaste com uma. Mas como é que... Não sei. Tu podes estar morto, mas eu estou a sonhar."

“Não, não estás," diz ele. "Tu estás mesmo morto. Levaste com uma naquela carga."

“Nunca," digo eu. "Como posso ter levado? Eu não estaria aqui assim, pois não?"

"É exatamente isso," diz ele. "Tu estás aqui. Estás morto." “O quê," digo eu. "Não me queres dizer que isto é o céu?"

“Bem, não exatamente," diz ele. "Mas é um aspeto."

Pensei para comigo, "Aspeto. O que significa aspeto?" E então, de repente, percebi.

Enfim, para encurtar a história, subimos esta estrada agradável, muito prazerosa nesta cidade belíssima, e chegámos a uma espécie de colina. E mesmo à minha frente conseguia ver o que parecia um edifício belíssimo. Como - como o posso descrever? - como algo que vi na City de Londres, só que muito mais branco e belíssimo. Então eu disse: "Que lugar é aquele?"

"Oh," diz ele, "Vais ali para te encontrares com alguns dos teus velhos amigos. É o que chamamos um centro de receção."

“Um quê?" digo eu.

“Como uma espécie de hospital."

“Bem," digo eu, "Não quero ir para o hospital. Não tenho nada de errado. Estou bem. E em todo o caso não consigo perceber isto de todo."

“Não te preocupes," diz ele. "Não forces muito o cérebro neste momento. Isso virá ter contigo mais tarde. Apenas relaxa e diverte-te."

“Bem," disse eu. "Estou-me a safar bem. É muito melhor do que estar lá em baixo."

Então chegámos a este lugar. Entrámos. Havia todo o tipo de pessoas lá. Mas o que me pareceu estranho foi que estavam vestidas da mesma forma que muitas pessoas que eu tinha conhecido, a maneira como eu próprio me vestia na vida civil. Fatos e esse tipo de coisas.

Parece que nunca me lembro de ver o sol, no entanto parecia haver luz em abundância. E janelas grandes. E pessoas sentadas à volta a conversar. Havia mesas e cadeiras. Não vi nenhumas camas, e pensei que este é um hospital estranho, mas suponho que não é um hospital.

Toda a gente parecia estar bastante animada e alegre. Alguns conversavam, e outros comiam, e isso impressionou-me. Pensei, "Bem, apanhei-o aqui. Ele diz que isto é parte do céu. Eles não deviam estar a comer." Então digo, "Olha. Estão a comer ali."

"Ah," diz ele. "O que tu não percebes é que quando vens para aqui, sentes que é essencial fazer certas coisas. Se sentes que é essencial comer e beber, podes fazê-lo."

Sentei-me à volta de uma mesa com vários outros gajos.

“Acabaste de chegar?" dizem eles.

“Sim."

“Ouvimos dizer que vinhas," diz um.

“O que queres dizer? Ouviram dizer que eu vinha? Vocês nem sequer me conhecem."

“Bem, é o que tu pensas," diz ele. "Nós temos os nossos batedores lá fora, sabes. Ajudantes. Eu fui ajudado da mesma maneira. Eu próprio só estou aqui há pouco tempo."

“Oh," disse eu. "A instalar-te?"

“Sim. Muito bom. Muito melhor do que o que costumavam dizer-nos lá em baixo, não é?"

“Como assim?"

“Bem, sabes o que costumavam dizer-nos lá em baixo sobre o céu e o inferno, e a última trombeta e tudo isso. Pois. Eles perceberam tudo errado."

“Bem, parece que sim," digo eu, "não parece?"

“Pois," diz ele. "Toda aquela conversa de que se fores muito bom vais para o andar de cima, e se não fores tão bom vais para a velha cave. Eles perceberam tudo isso errado, companheiro. Aqui somos exatamente os mesmos que éramos, só que melhores. Bastante felizes. Amanhã," acrescentou ele, "vou-me embora daqui."

“O quê? Para onde vais?"

“Bem," diz ele, "vou ver os meus avós." Claro que tudo isto me pareceu um bocado passado, mas pensei, "Bem, é melhor manter o contacto com eles, e falar o mesmo tipo de linguagem. Afinal de contas, se tenho de estar aqui como dizem que tenho, mais vale integrar-me."

Então digo: "Oh, onde é que eles estão?"

"Disseram-me," diz ele, "que estão neste plano, como lhe chamam aqui, mas mais para fora. Estão a levar-me para lá." “Muito bem. Quem é que te leva?"

“O meu guia."

“Guia?"

“Sim. Há aqui um gajo simpático. Como um dos comissários, suponho que lhes chamarias. E ele descobriu um pouco sobre a minha origem e a minha gente e deram-lhe o trabalho de me escoltar. A propósito, notaste quando vieste para

aqui como foi estranho? Quão leve te sentiste? Aquele tipo de sensação de flutuação?"

“Sim. Pareceu um bocado estranho."

“Bem, é assim que vamos. Não vamos a caminhar. Vamos tipo... suponho que algumas pessoas chamariam voar. Tu pareces ter-te adaptado bem a isso."

“O que mais se pode fazer?" digo eu. "Dizem-te que estás morto. A melhor coisa a fazer quando se está morto, deveria eu pensar, é seguir as instruções e comportar-me. Afinal de contas, nunca se sabe quem é que nos vai estar a julgar e tudo isso."

“Ha," diz ele, "Ninguém te julga. Pelo que consigo perceber, tu julgas-te a ti próprio. Desde que estou aqui, tenho estado a refletir. Voltando um bocado ao velho passado, e a imaginar e a pensar sobre as coisas. A única coisa é julgares-te a ti próprio. Afinal de contas, é a tua consciência. Eu tenho uma, e tu também tens, aposto. Todos temos."

“Tanto quanto me consigo lembrar," digo eu, "a única coisa que alguma vez fiz de errado foi afogar o gato. Oh, e uma vez bebi uma caneca de cerveja e nunca a paguei porque estava lá uma multidão, e ele esqueceu-se e eu nunca a ofereci. Não vejo nada de terrivelmente malvado nisso."

“Vais ficar bem," diz ele. "Não te preocupes."

“Gostaria de voltar," digo eu, "e ver a minha gente, e ver como se estão a governar. Pergunto-me se já ouviram dizer que estou morto?"

“Se queres voltar," diz ele, "pode-se arranjar. Um daqueles gajos que está encarregado aqui pode provavelmente arranjá-lo. Claro, só te vai deixar infeliz, deveria eu pensar. Porque eles não te dão a mínima atenção. E depois? Podes voltar e bater à porta da mulher. Ou podes ir e bater à porta do velho pároco, e ele não te vai dar a mínima atenção, porque é tão cego como uma toupeira como o resto deles."

Eventualmente chegou a altura em que este amigo que me tinha trazido aqui veio ter comigo e diz: "Quero mostrar-te uma coisa."

Então eu digo, "Está bem, companheiro," e fui com ele.

Ele levou-me por uma rua. Passámos por casas muito atraentes com pequenas varandas e flores belíssimas. Até ao fim da rua e saímos para uma grande praça. Com uma grande fonte a deitar água no meio. Conseguia ouvir música. Música formidável, maravilhosa. E pensei, "Isto é mesmo bom."

Lembrou-me os velhos tempos em que costumava sentar-me no parque a ouvir a banda.

Sentámo-nos num banquinho debaixo de uma árvore belíssima.

"Vais achar isto muito repousante," diz ele. "Ficas aí sentado. Vou-te deixar por um bocado e volto para ti."

Fiquei ali sentado de olhos fechados a ouvir a música. Depois, de repente, tive a sensação de que havia alguém sentado ao meu lado. Abri os olhos e olhei e estava uma senhora belíssima. Tinha um belíssimo cabelo loiro e parecia ter uns dezanove ou vinte anos. Fiquei realmente surpreendido.

Ela chamou-me pelo meu nome. Pensei, "Bem, isso é engraçado, ela sabe o meu nome, mas eu não a conheço!"

"Estás a achar isto agradável aqui?" pergunta ela.

"Muito agradável," digo eu. "Obrigado-er-menina."

"Não tens de me chamar menina. Não me conheces?"

"Não. Não a conheço."

«O meu nome é Lilly.»

«Lilly? Não conheço nenhuma Lilly.»

«De certa forma, não é surpreendente. Sou a tua irmã. Morri quando era bebé.»

«Valha-me Deus», digo eu. «Lembro-me da minha mãe falar de uma menina que morreu com apenas alguns dias de vida. Mas não podes ser tu. Tu és adulta.»

«É verdade», diz ela. «Sou a tua irmã. Morri quando era bebé e cresci aqui deste lado.»

«Bem, isto ultrapassa-me.»

«Vou cuidar de ti agora que estás aqui. Vou levar-te para casa.»

«Para casa?», pergunto eu.

«Sim, para casa.»

«Oh!»

Ela tirou-me da praça e levou-me por uma avenida larga, ladeada de árvores. Cortámos caminho, descemos uma encosta e saímos para o campo. Gradualmente, chegámos a uma pequena casinha. O que de mais parecido eu vira

com as casas de campo da minha terra, em Inglaterra. Ela parou num pequeno lugar com o seu próprio jardim, com um portãozinho, um alpendre e uma porta. Notei que havia imensas flores lindas.

Entrámos. Ao fundo de um pequeno corredor havia uma salinha, muito acolhedora e confortável. Cadeiras agradáveis. Sem lareira. «Vejo que não têm lareiras aqui», disse eu.

«Não», disse ela. «Não precisamos de lareiras porque está sempre um clima quente e agradável.»

«Isso é bom, não é? Então não chove?»

«Não, aqui não temos chuva. Mas, por vezes, temos orvalho.»

Ficámos ali sentados a conversar. Sobre a minha mãe, o meu pai e o irmão que eu ainda tinha na terra. Ela disse que ia vê-los com frequência, e a mim também quando eu estava na terra, desde a infância. Tinha estado comigo durante todos os anos da guerra. Ela não pôde — não estava comigo quando morri. Mas preparou tudo para mim; sabia que eu viria e que seria trazido.

Pensei: «Oh, isto é agradável.» Depois pensei: «Bem, não sei, é estranho.» Mas instalei-me e fiquei com a minha irmã. E talvez seja melhor voltar noutra altura para vos contar mais sobre isso.

Dizem-me que o meu tempo acabou. Tenho de ir. Adeus.

A voz desvaneceu-se e ficou o silêncio. De onde vinha ela? Poderia realmente ter sido a voz de um soldado morto na Grande Guerra?

Existe um registo de todos os soldados britânicos mortos e sepultados em todos os palcos de guerra. É mantido pela Commonwealth War Graves Commission em Maidenhead, Berkshire.

Pritchett não é um nome comum. Uma pesquisa nos arquivos revelou apenas quatro. Um deles era o Soldado n.º 9023 A. Pritchett, do Machine Gun Corps (Infantaria). Foi morto em 1917. E sepultado no Cemitério Potijze Chateau Lawn, a uma milha de Ypres.

Seria ele o dono da voz que contou esta história da sua própria morte? Ele deu outra pista. O nome do seu velho amigo e guia: Billy Smart. Morto, segundo Pritchett, alguns meses antes.

Smart é um nome comum no exército britânico. Houve centenas de Smarts mortos na Grande Guerra e dezenas deles tinham o nome próprio William.

Um, e apenas um, encaixa na história contada pela voz que afirmava ser Pritchett. O Soldado n.º 20394 William Smart, também do Machine Gun Corps (Infantaria). Foi morto perto de Arras em 1916.

A história de Pritchett é uma das quinhentas gravadas em fita por George Woods e pela Sra. Betty Greene, de Worthing, Sussex, através de um médium de voz direta chamado Leslie Flint. É um de quinhentos relatos gravados — uma biblioteca inteira — dedicada a contar o que nos acontecerá quando morrermos.

DOIS

Para onde foram todos os soldados?

Três anos antes da morte de Alf Pritchett, no início de agosto de 1914, George Woods embarcou para França como soldado na Northamptonshire Yeomanry com a Força Expedicionária Britânica. Tinha vinte anos. Era o filho sensível e inconformado de um típico fidalgo rural das províncias que, embora estivesse incapacitado por um cavalo ter caído sobre ele e lhe ter esmagado a coxa, ainda caçava à raposa e lia as orações familiares todas as manhãs à sua esposa, filhos e criados.

O jovem Woods tinha reprimido o horror de matar, fosse humanos ou animais, e alistou-se porque o seu pai assim o desejava. Viu-se apanhado numa batalha sangrenta que os livros de história chamam a Retirada de Mons.

Em desvantagem numérica perante o exército do Kaiser, os Old Contemptibles foram dizimados. No final da primeira Batalha de Ypres, alguns batalhões que tinham partido com 1000 homens estavam reduzidos a um oficial e trinta homens. Foi uma experiência que ele jamais esqueceria.

Um incidente assombrou-o pelo resto da vida.

Um companheiro de armas, mortalmente ferido, agarrou-lhe a mão.

«Existe vida depois da morte?», sussurrou ele. «O que é que me vai acontecer?»

«Sim», respondeu ele com uma confiança que não sentia.

O soldado morreu. Woods colocou a questão ao capelão do regimento.

«O que vai acontecer», perguntou ele, «a todos estes pobres rapazes que são mortos?»

«Devemos acreditar na Bíblia», respondeu o capelão.

«Alguma vez alguém voltou para provar a vida depois da morte?», perguntou Woods.

«Ninguém», disse o capelão. «Exceto Jesus.»

Woods foi um dos sortudos. Em 1915, foi ferido na cabeça e ficou cego. Após seis meses no hospital, a visão do seu olho direito foi restaurada. Nunca mais voltaria a ver do olho esquerdo. Chamavam-lhe um ferimento "Blighty" (que garantia o regresso a casa).

Foi desmobilizado. Em 1916, regressou para ajudar a gerir a nova propriedade do pai, uma quinta de 400 acres em Hardwicke, perto de Aylesbury, em Buckinghamshire. Mas a sua provação tinha-lhe conferido uma ambição mais premente: encontrar a resposta à pergunta que o capelão não soubera responder. O que nos acontece quando morremos?

Durante os anos vinte e grande parte dos anos trinta, experimentou todas as variedades organizadas da Igreja Cristã para ver se lhe ofereciam uma resposta que satisfizesse o seu anseio por provas.

Nenhuma o conseguiu.

A década de trinta estava a chegar ao fim. O seu pai morrera. A agricultura tornara-se uma luta. Mudou-se para Croydon, na periferia sul dos subúrbios de Londres, com a mulher e um filho chamado Nigel, que recuperava de uma meningite. Pouco depois, ao passar por um edifício moderno de tijolo vermelho, os seus olhos foram captados por um aviso: «Venha ouvir os mortos falar.» No domingo seguinte, disposto a experimentar tudo uma vez, entrou sorrateiramente e ocupou um lugar discreto perto da porta para assistir ao seu primeiro serviço Espiritualista.

O serviço, e uma prometida demonstração de clarividência, causaram pouca impressão. Preparava-se para sair quando a mulher que oficiava anunciou: «Quero ir ao senhor que está lá atrás.»

Com um estremecimento de horror e embaraço, ele percebeu que ela estava a apontar para ele.

«Tenho aqui o seu pai», começou ela. «Ele diz que o seu nome é William Woods e que é aleijado. Quando estava na terra teve um acidente. Diz que quer falar com o seu filho George. Diz que viveu num lugar chamado Hardwicke. Diz

também que está muito preocupado com o seu filho Nigel. Ele deve ir para a cama mais cedo, senão pode ter uma recaída.»

Woods permaneceu sentado, atordoado. Seria um truque? Como poderia uma mulher que ele nunca conhecera ter obtido aquela informação? Seria possível que o seu pai tivesse voltado dos mortos para responder à sua pergunta? A sua mente estava confusa. Enquanto ia para casa, não conseguia pensar em mais nada. Pela primeira vez na vida, tinha algo por onde começar a trabalhar.

Iniciou uma nova linha de investigação ao juntar-se à Society for Psychical Research. Ali conheceu um homem que o ajudou a traçar um rumo através das águas inexploradas da investigação psíquica.

O Reverendo Drayton Thomas era um ministro metodista que se tinha juntado a um grupo audaz de clérigos, malvistos pelos homens da igreja ortodoxa, mas unidos pelo desejo de fazer algo, por mais drástico que fosse, para inverter o declínio do apelo do Cristianismo ortodoxo. Ainda não tinham a certeza do quê. Mas a maioria deles eram companheiros de viagem do Espiritualismo. E começavam a pensar que, se os registos com 1900 anos da ressurreição de Cristo tinham perdido o seu impacto, teriam de ser reforçados pela evidência de comunicações do século XX daqueles que tinham morrido nos nossos tempos.

Isto era material audacioso. Hoje em dia, uma crescente Churches' Fellowship for Psychic and Spiritual Studies pode realizar sessões com o apoio de bispos da Igreja de Inglaterra e de líderes metodistas. Em 1945, o Arcebispo Lang tinha, há relativamente pouco tempo, engavetado o relatório da sua própria comissão sobre o Espiritualismo. Supostas comunicações dos mortos eram consideradas obra do diabo. Drayton Thomas apresentou Woods ao principal médium de voz direta da Grã-Bretanha.

Dizia-se que Leslie Flint possuía um dom estranho e raro: a capacidade de atrair os espíritos de seres humanos que tinham morrido e passado para outro plano de existência, e de lhes fornecer uma substância chamada ectoplasma, que ele extraía do seu corpo e do corpo dos assistentes para moldar uma réplica dos órgãos vocais — uma caixa de voz ou microfone etérico.

Através deste engenho, cerca de um metro acima da cabeça do médium, foi dito a Woods, um espírito transmitia os seus pensamentos. Por um processo que nenhum cientista vivo conseguia explicar, ele criava vibrações que lhe permitiam falar, como se fosse através de um telefone, numa voz algo semelhante à que usara na terra.

Woods foi a uma sessão. Várias vozes, alegando ser os seus parentes falecidos, falaram com ele. Pelo tom das vozes e pela informação que lhe deram, Woods convenceu-se de que eram genuínas.

A sua pergunta estava respondida. A sua missão parecia ter chegado ao fim. Na verdade, estava apenas a começar.

TRÊS

Para que conste

As comunicações dos mortos continuam a ser suspeitas. Aqueles que pensam que a morte é o fim chamam-lhes truques de prestidigitação fraudulentos. Os cristãos ortodoxos pensam que são obra do diabo. Os investigadores psíquicos que se convenceram de que a comunicação é uma realidade avaliam-na pela forma como ocorre, e dividem os médiuns em dois tipos principais: mentais e físicos.

Os médiuns mentais são a variedade mais comum. Operam por clarividência — a capacidade de ver espíritos invisíveis para as pessoas normais; ou por clariaudiência — o dom de ouvir vozes espirituais inaudíveis para os ouvidos normais. Os mais bem-sucedidos, como Ena Twigg, utilizam uma combinação das duas. O médium afirma ver ou ouvir mensagens de comunicadores espirituais invisíveis ou inaudíveis para os assistentes, interpreta-as e transmite-as com a sua própria voz. A precisão da mensagem depende da capacidade do médium em interpretá-la.

A mediunidade física é mais rara e não deixa nada à interpretação ou ao acaso. O médium não ouve nem vê. Não recebe impressões e nunca precisa de abrir a boca. Pode ser tão eficaz como espetador passivo ou estando profundamente adormecido. A sua única, mas essencial, contribuição é ser dotado de um suprimento abundante de uma substância ou força vital chamada ectoplasma, que todos os seres humanos possuem em algum grau.

Uma fotografia de infravermelhos de uma sessão de voz direta mostra cordões de ectoplasma a emanar do médium e, em menor grau, dos assistentes, unindo-se todos para formar o que parece ser uma bola de névoa a alguns pés acima da cabeça do médium. Isto é chamado de caixa de voz e diz-se ser uma réplica dos órgãos vocais humanos. O comunicador espiritual transmite os seus pensamentos em vibrações terrestres rebaixadas para dentro da caixa. Por algum processo estranho, não explicado pela ciência, as vibrações emergem numa imitação aceitável da voz que ele usava na terra.

Esta é a teoria explicada pelos comunicadores espirituais que a utilizam, com dificuldade, para falar connosco na terra. Que testes práticos podem ser aplicados para a avaliar, consideraremos mais tarde.

Até 1945, quando George Woods teve a sua primeira sessão com Flint, as comunicações por voz direta tinham sido ouvidas por muito poucos. Os relatos baseavam-se na memória dos assistentes ou em notas tiradas no escuro. E eram tratados com ceticismo ou descrença por todos, exceto pelos convertidos.

Após a guerra, ocorreu uma mudança decisiva. Provocada por uma invenção que viria a ser tão importante para a educação psíquica como a prensa de Caxton foi para a distribuição de livros: o gravador de fita portátil.

Woods adquiriu um modelo primitivo e começou a levá-lo consigo para as sessões. Pela primeira vez, foi capaz de gravar tudo o que as vozes diziam e reproduzi-lo para amigos interessados, que podiam ouvir as vozes com tanta clareza como se estivessem sentados com o médium.

Flint estava já no auge dos seus poderes. Mas poucos fora dos círculos Espiritualistas sabiam da sua existência até ele publicar a sua autobiografia, Voices in the Dark, em 1971.

Era uma história estranha, quase inacreditável, de um rapaz nascido num lar do Exército de Salvação, filho de pais incompatíveis que se separaram quando ele era criança. Criado na pobreza, foi separado das outras crianças por uma capacidade assustadora de conseguir ver pessoas que os seus familiares adultos lhe diziam estarem mortas.

Após uma sucessão de empregos precários, foi atraído para um grupo Espiritualista, descobriu o seu dom estranho e viu-se a dar sessões de voz direta numa casa camarária a um círculo crescente de clientes por uma guiné de cada vez.

À medida que a sua reputação crescia no final dos anos trinta, personalidades bem conhecidas gravitavam para a sua humilde casa, primeiro em St Albans, depois num subúrbio do norte de Londres. Drayton Thomas e o seu grupo de clérigos não ortodoxos, que tentavam trazer a investigação psíquica para o seio cristão, fizeram dele a sua ligação com a vida eterna prometida por Cristo.

Através dele, afirmava-se, a Rainha Vitória enviou mensagens à sua última filha sobrevivente, a Princesa Luísa; Rudolph Valentino falou com Beatrice Lillie; Leslie Howard comunicou numa reunião pública presidida pelo Marechal do Ar Lord Dowding; e Mae West manteve uma conversa com a sua falecida mãe num quarto do Hotel Savoy.

Tudo isto, não relatado por uma imprensa cética, estava já no seu passado quando Woods iniciou as suas sessões como apenas mais um cliente interessado a pagar a sua taxa.

Mas Woods era diferente dos outros. Pouco antes da primeira sessão, a viajar num elétrico de Croydon para Londres, sentiu um desejo irresistível de escrever. Tirou um bloco e um lápis. A sua mão, controlada por alguma força invisível, cobriu o papel tão rapidamente que ele ficou fisicamente exausto. Quando a mão foi libertada, descobriu que tinha escrito um relato filosófico sobre o próximo mundo, tão estranho para ele como um livro por abrir, com a caligrafia do seu pai.

Woods também era um vidente.

Em 1946, visitou a Austrália. Quando regressou a Croydon, marcou outra sessão. Surgiu uma voz afirmando ser de um homem chamado Michael Fearon. Disse que fora professor de biologia na Escola de Taunton pouco antes da guerra e que fora morto na Normandia em 1944, duas semanas após o Dia-D. Isto foi fácil de verificar. Woods localizou a mãe de Fearon e levou-a consigo a Flint. A voz surgiu novamente. A Sra. Fearon declarou que era o seu filho.

Ele voltou novamente. Outra voz, desta vez feminina, anunciou a sua identidade como sendo a Sra. Patrick Campbell, a lendária atriz eduardiana que inspirou uma série de cartas apaixonadas de Bernard Shaw e criou o papel de Eliza Doolittle em Pygmalion. Ela tinha uma mensagem para ele. Muito em breve ele conheceria uma mulher que seria enviada para se juntar a ele nos seus estudos psíquicos e ajudá-lo-ia a enviar as suas gravações para todo o mundo.

Na altura, pareceu apenas mais uma mensagem. Uma entre muitas. Registou-a vagamente, como uma previsão de um quiromante de feira, e mergulhou nas atividades de um círculo crescente que se reunia todos os domingos na casa dos Woods para ouvir e discutir as fitas que ele gravava com Flint.

Os anos passaram. Ele quase esquecera a mensagem. Até que, em junho de 1953, uma mulher telefonou a perguntar sobre um apartamento que ele tinha anunciado na sua casa em Barclay Road, Croydon. Ele acabara de o alugar a outro inquilino. Mas, para suavizar a desilusão dela, mostrou-lhe a casa e anotou o seu nome e morada, prometendo avisá-la se algum dia ficasse livre. O nome dela era Sra. Greene.

Betty Greene era filha de um funcionário bancário de Croydon e organista de igreja que se reformara para viver na aldeia piscatória de Polperro, na

Cornualha. Tinha casado, separado-se, e ganhava a vida como secretária médica no Hospital St John para Doenças de Pele.

No feriado de agosto, ela caminhava pela Barclay Road em direção à tabacaria. Woods estava a trabalhar no seu jardim da frente, viu-a passar e chamou-a. Tinha dado o pré-aviso ao seu inquilino, disse ele. Ainda estava interessada no apartamento? Ela mudou-se duas semanas depois.

Senhorio e inquilina tornaram-se rapidamente amigos. Ele emprestou-lhe livros e passou gravações das suas sessões com Flint. Ela ouviu atónita as conversas com Michael Fearon, uma rapariga cockney chamada Rose, e reconheceu o sotaque americano de uma voz que afirmava ser Lionel Barrymore. Em dezembro, Woods decidiu que ela estava pronta para o passo seguinte na sua educação psíquica: ouvir as vozes enquanto falavam através da mediunidade de Flint.

Foram até Londres num grupo de cinco pessoas. As luzes foram apagadas. Ficaram sentados por alguns momentos à espera no escuro. Uma voz feminina quebrou o silêncio com um «Boa noite».

«Boa noite», responderam os assistentes em coro.

«E como estão?» replicou a voz.

Betty Greene reconheceu o sotaque cockney da fita que ouvira várias vezes em Barclay Road.

«Rose?», questionou ela.

«Isso mesmo», respondeu a voz.

Era Rose, uma rapariga de Londres que outrora ganhara uma vida precária a vender flores no átrio da estação de Charing Cross.

Instigada pelas perguntas da Sra. Greene, ela começou a dar-lhes uma descrição viva e terra-a-terra da sua vida no plano seguinte de existência. Sem um momento de hesitação, respondeu a perguntas sobre o campo e as cidades do seu novo mundo, as roupas que usavam, as coisas que faziam e as relações uns com os outros. Era mais do que a prova de uma vida depois da morte que Woods procurara. Era um relato jornalístico prático sobre a vida quotidiana num mundo que, até há pouco, nenhum dos cinco assistentes sabia com certeza que existia.

Para Woods, foi outro avanço. A partir de então, Betty Greene tornou-se uma companheira indispensável em cada sessão.

A sinalização final surgiu dois anos mais tarde, em 1955. Outra voz feminina manifestou-se. Muito diferente de Rose. Rica, profunda e autoritária. A

voz, afirmava ela, de Dame Ellen Terry. Outrora na terra a voz de Portia e de Ofélia para o Hamlet de Irving. Uma rainha do palco na Inglaterra eduardiana que morreu em 1928.

Woods ligou o gravador esperando outro relato do próximo mundo. Em vez disso, recebeu uma palestra que viria a dar aos três um novo propósito na vida.

«Vão ter algumas comunicações notáveis», disse-lhes ela. «E sugiro que mantenham estes contactos regularmente para acumular poder e tornar possível esta ligação que foi deliberadamente planeada para as vossas fitas... Há almas deste lado que têm um grande desejo de aproveitar estas oportunidades para transmitir mensagens e informações relativas à mecânica da comunicação entre o nosso mundo e o vosso...

Precisamos de ajudantes dispostos do vosso lado. Precisamos de pessoas íntegras, pessoas sinceras que estejam dispostas a abdicar do seu tempo.

As fitas que gravam dão-nos a oportunidade de chegar a muitas pessoas em todas as partes do vosso mundo... Traremos várias almas de várias esferas para dar palestras e lições. Vocês são muito importantes para nós porque sabemos que são sinceros...»

«Sabemos que podemos alcançar muito através de vós, e é por isso que queremos que venham em intervalos regulares. Muito depende deste contacto regular. Queremos que o mantenham e não o quebrem.»

Era uma ordem que Woods não podia recusar. Tinha sessenta e um anos. O trabalho da sua vida estava prestes a começar.

Durante um sábado por mês, nos cinco anos seguintes, Woods e a Sra. Greene apanhavam um comboio de East Croydon para Victoria, carregavam o gravador num autocarro até Paddington a tempo de uma sessão às onze horas. Em 1960, mudaram-se para Brighton; em 1964, para Worthing, e apanhavam o comboio Brighton Belle com o gravador em cima de uma mesa ou num assento livre para o proteger da vibração.

Quando Flint deixou de trabalhar aos fins de semana, Betty Greene mudou de emprego para um onde pudesse trabalhar ao sábado e tirar a segunda-feira livre para o que era agora uma sessão quinzenal.

Na noite anterior, viam televisão com moderação, evitando qualquer coisa que pudesse desencadear uma linha de pensamento. No comboio não liam nada, tentando manter a mente vazia. Ao chegarem ao apartamento, eram recebidos pelos cães de Flint e dirigiam-se diretamente para a sala de sessões para montar

um microfone num bengaleiro por cima da cadeira onde Flint se sentava, ligando-o ao gravador numa mesa de café e à corrente elétrica.

Uma caixa de cartão de três lados, feita especialmente por Woods, era colocada em volta do gravador para proteger Flint de uma luz ténue que permitia à Sra. Greene ver se as bobinas estavam a girar como deviam.

Flint sentava-se, anunciava a data e os nomes do médium e dos assistentes, e apagava a luz. Ficavam sentados à espera no escuro que algo acontecesse.

Assim que se ouvia uma voz, a Sra. Greene punha a fita a correr e mantinha-a assim até que a conversa bidirecional fosse encerrada pelo comunicador ou por Mickey — o guia cockney de Flint, um ardina que fora atropelado e morto por um camião —, avisando-os de que a energia extraída de Flint e Woods estava a esmorecer.

Ficavam sentados por alguns momentos em silêncio no escuro. Quando a luz era acesa, Flint parecia cansado. Woods sentia-se exausto e, por vezes, maldisposto. A Sra. Greene, a única que não era vidente, não sentia qualquer efeito.

Woods e a Sra. Greene retiravam a fita, guardavam o gravador, entregavam o pagamento e partiam para casa com mais uma adição à sua crescente biblioteca.

Após quinze anos, com intervalos ocasionais por motivo de doença, possuíam uma biblioteca de quinhentos relatos claros, vívidos e coerentes, alegando descrever a experiência de passar deste plano de existência para o seguinte, e como é a vida no mundo além-túmulo a que os homens chamam Céu.

As vozes vinham de uma amostra representativa de seres humanos que afirmavam ter vivido na Terra neste século e no anterior.

Pessoas simples, como Alf Pritchett, contentavam-se com relatos básicos e factuais sobre como é morrer e descobrir-se ainda vivo. O que lhes aconteceu imediatamente após a morte. Quem encontraram e para onde foram levados. As suas novas casas e jardins. As cidades e o campo, e como era o clima no seu novo ambiente. Comem, bebem e dormem? Que roupas vestem e que trabalhos fazem. O que acontece aos animais e aos animais de estimação da família. Porque é tão difícil voltar e falar com os familiares que ainda vivem na Terra?

Outros eram personalidades famosas e bem-sucedidas quando estavam na Terra, que descreviam as suas reações mentais e como mudaram as suas opiniões num plano de existência onde podiam refletir sobre as coisas livres de preconceitos e de padrões herdados deste mundo.

Atores como Lionel Barrymore e Ellen Terry, e escritores como Oscar Wilde e Rupert Brooke, explicavam como desenvolveram os seus talentos criativos e o que pessoas como Shakespeare e Bernard Shaw estão a fazer agora. Teólogos e líderes espirituais como Cosmo Gordon Lang, outrora Arcebispo de Cantuária, e Mahatma Gandhi, voltaram para desenvencilhar a verdade do dogma na religião estabelecida.

Entre todos, substituíram o medo da morte física por uma nova lei natural de imortalidade universal. E deram-nos algumas das respostas às perguntas que o homem tem feito ao longo dos tempos.

QUATRO

Devo estar morto

Como será morrer?

A perspetiva deste lado do túmulo não é convidativa. É assustadora. Dolorosa. Se tivermos sorte, rápida. Para a maioria de nós, algo em que preferimos não pensar.

Será que percebemos tudo mal? A mensagem do outro lado é bastante diferente. Nada com que nos preocuparmos. Apenas uma transição natural de um tipo de existência para outro.

Nenhuma das vozes que voltou para descrever a Woods e Betty Greene o que lhes aconteceu se recorda de ter tido medo ou dor. A maioria demorou bastante tempo a perceber que já não estava viva. O momento da morte, para todos eles, foi um sonho que mudou impercetivelmente para um novo sentido de realidade. Intelectualmente intrigante. Com pouca emoção, sensação física ou medo. A sua principal preocupação era o porquê de as pessoas que tinham deixado para trás andarem a correr de um lado para o outro em tal pânico, não conseguindo ver que eles ainda estavam vivos, felizes e bem.

Assim que um espírito comunicante domina o problema de transformar os seus pensamentos em palavras através da caixa de voz ectoplásmica, começa geralmente a falar com todo o entusiasmo de um viajante que telefona ao chegar ao fim de uma longa jornada para dar as suas impressões sobre o destino. Betty Greene aproveita a primeira oportunidade para o orientar no sentido de contar o que mais nos interessa, fazendo a sua pergunta de abertura habitual:

«Poderia dar-nos a sua reação ao descobrir que estava morto?»

Esta foi a pergunta que ela colocou a uma voz que se apresentou, a 11 de abril de 1959, como sendo um agricultor do Sussex chamado George Hopkins.

Em vez de lhe responder, ele lançou-se num monólogo sobre religião. A Sra. Greene deixou-o continuar e esperou por uma pausa.

«Sr. Hopkins», interrompeu ela.

«Diga, amor?»

«Pode dar-nos», disse ela com firmeza, «alguma ideia de como foi a sua passagem?»

Desta vez, ele percebeu.

«Ah, sim», respondeu ele. «Posso contar-lhe isso num instante. Bem, eu tive apenas um esgotamento, ou um ataque, ou um ataque cardíaco. Ou algo desse género. Na verdade, eu estava na colheita. Senti-me um pouco estranho, pensei que fosse do sol e deitei-me junto à sebe. Senti-me um pouco sonolento, um pouco estranho, e devo ter cabeceado. Mas valha-me Deus, apanhei tal choque.

Acordei, segundo me pareceu. O sol já se tinha posto. E ali estava eu, ou o que parecia ser eu. Não conseguia perceber nada daquilo, estava tão intrigado. Tentei sacudir-me para acordar. Pensei: bem, isto é engraçado. Devo estar a sonhar. Não conseguia entender nada. Nunca me passou pela cabeça que estivesse morto.

De qualquer forma, dei por mim a caminhar pela estrada em direção ao consultório do médico. Pensei: bem, talvez ele me possa ajudar. Bati à porta, mas ninguém respondeu. Pensei: bem, não imaginava que ele tivesse saído, porque as pessoas estavam a entrar pela porta da consulta.

Vi um ou dois dos meus velhos compinchas. Todos eles pareciam passar através de mim. Ninguém parecia fazer qualquer comentário sobre mim. Pensei: isto é que é um sarilho.

Fiquei ali parado um bocado a tentar perceber. Depois vi alguém a correr pela estrada como um louco em direção ao médico. Ele entrou apressado, passou por mim e por toda a gente, e no momento seguinte ouvi-os a falar de mim. Pensei: que raio se passa? Eu estou aqui! Ouvi-os dizer que eu estava morto!

O médico foi no seu carro pela estrada fora, e eu pensei: não sei nada sobre estar morto. Não posso estar morto. Eu estou aqui. Como raio posso estar morto?

Depois pensei para comigo: "isso é engraçado. Vi-me ali deitado. Mas quando se morre, acaba-se. Vai-se para o céu ou para o inferno. Eu certamente

não estou no céu e não estou no inferno. Estou aqui, a ouvir o que eles estão a dizer." Gradualmente, suponho que me caiu a ficha de que eu devia estar morto.

A coisa seguinte que vi foi eles a recolherem o meu corpo e a trazê-lo de volta. Puseram-me na capela. "Oh, meu Deus", pensei, "isto é a gota de água. Devo estar mesmo morto. Já ouvi falar de pessoas a morrer e agora chegou a minha vez. Suponho que o melhor a fazer é ir ver o pároco. Ele de certeza que sabe alguma coisa."

Então fui até à casa paroquial e esperei. Vi-o entrar e sentar-se à secretária. Notei que nada era sólido. Se eu me sentasse na cadeira — num certo sentido sentava-me e, no entanto, não me sentava —, não sentia qualquer peso por baixo de mim.

Vi o velho pároco. Ele entrou, passou mesmo por mim, foi para a secretária, começou a escrever cartas e a fazer coisas. Comecei a falar com ele. E ele não me deu qualquer atenção!

Pensei: "ele é como os outros. Eu julgava que ele saberia alguma coisa." Então toquei-lhe no ombro.

A certa altura, ele virou-se como se pensasse que algo estava ali, e eu pensei: "estou a conseguir algum progresso", por isso toquei-lhe outra vez. Ele não ligou nenhuma. Depois levantou-se e deu assim um estremecimento, e creio que estava a tremer de frio. Estava uma manhã bastante agradável. Não via razão nenhuma para ele sentir frio. Fosse como fosse, ele não pareceu perceber sequer que eu ali estava. Pensei: "não estou a chegar a lado nenhum aqui."»

George Hopkins parece ser uma alma simples. Incapaz, por formação ou educação, de perceber o que estava a acontecer sem ajuda. Será mais fácil para um intelectual?

Em 1957, Woods e a Sra. Greene estavam sentados e à espera numa sessão normal de segunda-feira de manhã. O silêncio foi quebrado por uma voz de classe alta dizendo: «Bom dia. Não tenho bem a certeza se me conseguem ouvir.»

«Sim», respondeu Woods. «Conseguimos ouvi-lo muito bem.»

A voz continuou: «O meu nome é Brooke. Rupert Brooke.»

«Oh, que maravilha», exclamou a Sra. Greene.

Os pensamentos de Woods voaram de volta para a guerra. Quando, no início de 1915, um soneto do poeta lírico da juventude eduardiana captou a imaginação de toda a Grã-Bretanha:

Se eu morrer, pensa apenas isto de mim:

Que há algum canto de um campo estrangeiro

Que é para sempre Inglaterra...

Alguns meses depois, Brooke morreu numa ilha no Egeu. A sua voz silenciou-se: para nunca mais ser ouvida.

Agora, afirmava estar a falar com eles num quarto escuro em Londres:

«Foi-me sugerido que poderia ser interessante se eu fizesse um contacto. Na verdade, num certo sentido, não sei bem o que posso fazer, ou de que forma poderei possivelmente ser útil.»

«Bem», disse a Sra. Greene. «Vou dizer-lhe, e talvez isso possa ajudá-lo. Gostaríamos de saber como foi a sua passagem e como se descobriu do outro lado.»

Brooke lançou-se num monólogo sobre as dificuldades de falar para a caixa de voz, depois dispersou num relato confuso da sua nova vida e dos problemas envolvidos em tentar escrever poesia no inglês dos anos cinquenta.

«Peço desculpa», terminou ele sem jeito. «Uma confusão terrível.»

«Vamos lá», incentivou a Sra. Greene. «Pode contar-nos como foi a sua passagem?»

«Passei para o outro lado na Primeira Guerra Mundial», respondeu ele. «Foi tudo muito repentino. Parecia que estava num corpo que, ao início, já não parecia ser o mesmo, e no entanto, na aparência, era igual. Simplesmente não conseguia compreender. Simplesmente não percebi que tinha morrido.

Tudo parecia, num certo sentido, bastante natural e, no entanto, o corpo que eu estava a usar parecia-me estranho. Não sentia que tivesse qualquer peso. Havia uma leveza terrível em relação a mim próprio.

Pisquei-me e fiquei assustado ao descobrir que não sentia nada. Isso preocupou-me terrivelmente. Depois apanhei um ou dois choques quando percebi que as pessoas não me viam... Pensei: se não me sinto a mim próprio quando me belisco, porque haveria uma pessoa de me ver, estando ela ainda na terra no antigo corpo? Pensei que devia estar nalgum nível vibracional que não é comum na Terra e, portanto, as pessoas não conseguem ver-me.

Eu conseguia ver as outras pessoas, mas elas não me viam a mim. Tudo parecia tão estranho.

Lembro-me vividamente de estar sentado à beira de um rio e de olhar para mim próprio, e de não me ver. Não conseguia ver reflexo nenhum. Pensei: "Isso parece extraordinário. Tenho um corpo e, no entanto, não tem reflexo." Não conseguia adaptar-me de forma alguma. Ia ter com várias pessoas que conhecera, tentando dizer-lhes que estava vivo e bem, e elas simplesmente não percebiam que eu ali estava.

Percebi que a razão pela qual não me podiam ver era porque, se o meu corpo não tinha reflexo, não podia ser sólido para eles. Não podia estar na mesma vibração; não podia ser o mesmo tipo de matéria. Tive de me adaptar ao facto de possuir um corpo que, para todas as aparências exteriores, era o mesmo e, no entanto, obviamente não era um corpo real do ponto de vista da Terra. Portanto, estava naquilo a que suponho que se chamaria um corpo espiritual e, no entanto, eu não era particularmente espiritual. Estava intrigado e perplexo.»

A abordagem de Brooke ao problema era mais intelectual do que a de Hopkins. A sua perplexidade era quase a mesma. Ambos tiveram uma morte bastante natural. Hopkins teve um ataque cardíaco. Brooke morreu de septicemia. Será que a morte violenta é diferente? É assim que um dos 7000 britânicos mortos nas estradas todos os anos descreveu a sua morte em 10 de fevereiro de 1964.

Ted Butler estava a fazer as compras de sábado com a mulher em Leeds. Depois... «Estava a atravessar a estrada e, num abrir e fechar de olhos, algo me atingiu. Foi um camião que creio ter ficado descontrolado na descida. Prendeu-me contra a parede e apaguei-me.»

Nenhuma memória de dor.

«Lembro-me apenas», continuou ele, «de algo vir na minha direção, e é tudo. Aconteceu tudo tão de repente.»

A Sra. Greene interrompeu para ter a certeza. «Como é que se descobriu realmente?»

«Bem», respondeu ele, «não sei. Tudo o que sei é que vi uma multidão de pessoas todas paradas a olhar para baixo para qualquer coisa. Espreitei com a multidão e vi alguém que era exatamente igual a mim!

Ao início não percebi que era eu. Pensei: "Que coincidência. Aquele sujeito é igual a mim. Podia ser um irmão gémeo." Não me caiu a ficha. Depois percebi que a minha mulher estava ali a chorar baba e ranho. Ela não parecia perceber que eu estava ali parado ao lado dela.

Puseram o meu corpo numa ambulância, e a mulher entrou, e uma enfermeira também. Eu entrei e sentei-me com a minha mulher e ela não pareceu perceber que eu estava ali sentado. Depois, gradualmente, apercebi-me de que era eu quem estava ali deitado.

Fui para o hospital. Claro que me puseram na morgue. Não gostei nada daquilo. Por isso saí dali depressa e fui para casa. Estava lá a mulher, e a Sra. Mitchen, a vizinha do lado, a tentar confortá-la. Acho que essa foi a pior altura de todas.

Depois houve o funeral. Claro que eu fui. Pensei para comigo: "Tanta confusão e despesa para nada, porque eu aqui estava." Achei tudo muito comovente, mas ao mesmo tempo parecia tudo tão estúpido, porque ali estava eu. Ninguém me deu atenção.

O velho pároco estava ali a recitar. Pensei: "Ele deve saber, se é que alguém sabe." Por isso fui e pus-me ao lado dele, e fartei-me de lhe dar cotoveladas no lado. Ele não ligou nenhuma. Continuou apenas com o seu ritual.

Depois havia os coveiros. Conhecia um deles, o velho Tom Corbett. Ele era cá uma peça. Tinha bebido muitas cervejas com ele e dado muitas gargalhadas. Ele encheu o buraco, e o outro gajo encheu o velho caixão e a sepultura. Pensei: isto é que é um bonito serviço. Não vou ficar aqui em baixo com esta gente, por isso saí.

Devo ter andado a pairar pela minha casa durante semanas, creio eu. Uma ou duas vezes andei nos velhos elétricos. Ao início estava tudo baralhado. Mas também costumava rir-me às vezes. Se a Companhia soubesse que eu estava aqui sentado sem pagar o bilhete, diziam alguma coisa.»

Depois notou outra coisa.

«Comecei a perceber que todos os que estavam sentados naquele elétrico também não estavam a pagar o bilhete. Uma das primeiras conversas reais que tive foi com uma mulher sentada ao meu lado. Achei que ela parecia muito simpática e tudo o mais. Ela começou uma conversa.

"O que é que está aqui a fazer?"

Pensei: "Esta é uma bela maneira de abrir uma conversa." Por isso disse: "Como assim, o que é que estou aqui a fazer? Posso muito bem estar aqui como em qualquer outro lugar."

"Eu sei", diz ela. "Mas você devia estar a fazer alguma coisa, não apenas a andar para cima e para baixo em elétricos e autocarros e a ir preocupar a sua mulher. Não consegue fazer nada dessa maneira."

"Bem", disse eu. "Para si é muito fácil falar. Mas para onde é que você vai, então?"

Claro que percebi que ela estava morta. Pensei: "O que é que ela anda a fazer na mesma brincadeira que eu?"

"Na verdade", diz ela, "tenho andado para cima e para baixo nos elétricos e nos autocarros consigo há algum tempo. Mas provavelmente nunca me notou até agora. Tenho estado à espera de uma oportunidade para tentar dar-lhe uma ajuda."»

Ted Butler tinha chegado ao fim da primeira fase da morte. Tinha conhecido o guia que o levaria deste mundo para o próximo.

CINCO

Guia para o Próximo Mundo

Ted Butler estava morto. Andava num elétrico em Leeds, invisível para os seus companheiros de viagem ainda neste mundo. Falava com a primeira pessoa que o conseguia ver e ouvir e que acabara de se oferecer para ajudar.

«O que é que pode fazer?», perguntou ele.

«Bem», respondeu ela. «Não acha que é tempo de sair destas condições? São apenas os seus pensamentos que o estão a prender. De certeza que quer fazer mais do que isto, do que andar a pairar pela Terra. Ninguém lhe liga nenhuma. Qual é o sentido disso?»

Butler recordou a sua primeira conversa como espírito.

«"Bem, isso tem algum sentido", digo eu. "É verdade que ninguém liga nenhuma. Mas acho que é melhor do que — bem, do que não me ralar nada. Em todo o caso, não conheço mais nada."

"A culpa é sua", diz ela. "É o seu estado de espírito que o mantém aqui em baixo. Se libertasse os seus pensamentos e pensasse em coisas de natureza e pensamento mais elevados, sairia de tudo isto. Claro que compreendo que se deve em parte à forma como passou, à rapidez da coisa, e às vibrações de pensamento da sua mulher e da sua mãe, e de um ou dois outros que o prendem. Mas devia sair de tudo isto. Venha comigo."

"Bem, para onde é que vamos?"

"Oh, eu levo-o. Não se preocupe."

"Bem, saímos na próxima paragem?"

"Como assim, sair na próxima paragem", diz ela.

"Não é necessário esperar e sair na próxima paragem. Podemos sair quando quisermos, assim que se decidir."

"Não percebo isso."

"Já devia saber a esta hora", diz ela, "que embora possa entrar num autocarro e sentar-se no autocarro e sair na paragem e entrar no local de recolha e tudo o mais, não tem de o fazer. Não tem de fazer o que toda a gente faz. Está apenas a fazer as coisas por hábito. Tem de se livrar desses hábitos e perceber agora que essas coisas não têm importância, e que pelo simples pensamento pode transferir-se desta condição."

"Bem, não sei."»

«"Olhe", diz ela. "Aqui tem a minha mão. Segure a minha mão, feche os olhos e tente não pensar em nada em particular. Deixe a sua mente como se fosse um quadro em branco."

"E assim fiz, como ela me disse."»

Ted Butler estava prestes a partir na viagem para a sua nova casa com a ajuda que nos é dito ser enviada automaticamente a todos os que morrem — o guia para o próximo mundo.

De todos os relatos registados, poucos parecem ser capazes de dar este passo sozinhos. Quase todos os que saem do seu corpo morto parecem permanecer ligados à terra até serem encontrados por um parente falecido ou por um guia treinado que os consiga demover dos seus laços terrenos e conduzi-los para o desconhecido.

George Hopkins, que deixámos à porta da casa paroquial a perguntar-se por que razão o vigário não o reconhecia, pareceu compelido a pairar por ali durante vários dias para assistir ao seu próprio funeral.

«Estavam a carregar o meu corpo», disse ele, «pelo velho cemitério dentro da caixa, e puseram-me lá com a velha senhora. De repente, caiu-me a ficha sobre a Poll, a minha mulher. Pensei: "Isto é engraçado. Se é que estou morto, devia estar com ela. Onde é que ela está?"

Eu estava ali parado a vê-los pôr este meu corpo na sepultura. Depois da cerimónia, ia a caminhar atrás deles pelo trilho. Ali, mesmo à minha frente, a vir na minha direção, estava a minha mulher!

Mas não a minha mulher como eu a conhecera nos últimos anos da sua vida. Mas sim como a conheci pela primeira vez, quando era uma rapariga jovem. Estava linda, realmente linda. E com ela pude ver um dos meus irmãos que morreu quando tinha cerca de dezassete ou dezoito anos. Um rapaz de boa aparência e de cabelo loiro. Vinham a rir e a brincar na minha direção. Pensei: bem, eu estou aqui e eles estão ali, por isso estou safo. Eles de certeza que agora sabem o que fazer.

A minha mulher e o meu irmão fizeram uma grande festa quando me viram, dizendo que sentiam muito terem chegado tarde.

Disseram: "Sabíamos que não tinhas estado muito bem, mas não fazíamos ideia de que vinhas de forma tão repentina. Recebemos a mensagem, mas sentimos muito não termos conseguido chegar aqui mais depressa."

Pensei: que estranho. Como raio é que eles se deslocam? Eu sabia que me tinha deslocado, mas, quanto a mim, parecia que estava a caminhar, tal como fazia antes, exceto que tudo era muito mais leve. Não parecia ter qualquer peso no corpo, e nada de dores e sofrimentos como costumava ter. Eles começaram a tentar explicar-me as coisas, mas não diziam demasiado. Disseram que eu tinha de me adaptar e instalar.

Então eu disse: "Vocês falam em instalar. Onde diabo é que nos instalamos? Ninguém aqui parece querer ter nada a ver connosco e ninguém parece ligar nenhuma."

"Oh, não faz mal. Não te preocupes com eles."

Contei-lhes sobre o pároco.

"Não precisas de o ir ver", disseram eles. "Ele é o último que deves ir ver. Ele sabe menos do que algumas outras pessoas. Tu estás bem."

"Mas para onde vamos?"

"Vamos levar-te para a nossa casa." "Onde é que fica?"

"Oh, não te podemos dizer exatamente onde é", disseram eles. "Mas podemos levar-te lá, e em breve perceberás que é a tua casa. Tu vais reconhecê-la."

"Como posso reconhecê-la? Nunca lá estive."

"Oh, sim, já estiveste. Muitas vezes, quando estavas a dormir. Na verdade, tu conheces o lugar muito bem."

Comecei a pensar: "Bem, não me lembro. Costumava ter uns sonhos esquisitos. Uma ou duas vezes lembro-me de sonhar com um sítio muito bonito com um jardim adorável, e o meu velho cão Rover estava lá, o que morreu há muitos anos. Lembro-me que costumava pensar que estava apenas a sonhar."

"Não, aquilo não era sonhar", disseram eles. "Eras tu. Eras tu connosco quando estavas a dormir. Quando o teu corpo dormia, a tua mente ficava livre e podias viajar e estar connosco."

"Bem, parece-me muito bem, devo dizer."

"Não percebes que estás diferente?", disseram eles.

"Bem, sinto-me diferente. Não me sinto velho. Não tenho as velhas dores e sofrimentos que costumava ter."

"Já te viste a ti próprio?"

"Não, nunca pensei nisso."

"Bem, vem daí, nós mostramos-te."

Pensei: "Bem, isto vai ser interessante, ver-me a mim próprio." E depois: "Podia ter olhado para um espelho."

"Oh não", disseram eles. "Num espelho não."

Então levaram-me para o que parecia ser um lugar muito bonito, com um cenário adorável, paisagens lindas e casas bonitas, mais campestres do que citadinas. E levaram-me a uma num campo muito belo. E era exatamente o mesmo pequeno lugar com que eu tinha sonhado, ou que pensava ter sonhado. E ali estava eu, como estava nos meus sonhos há alguns anos.

Lembro-me de uma vez ter acordado de madrugada e de me lembrar disto, e pensei que era uma coisa esquisita. Era exatamente igual!»

Butler e Hopkins podem ter tido um pouco de azar no tempo que tiveram de esperar pelos seus guias. Com Alfred Higgins, um pintor e decorador de Brighton, a máquina de boas-vindas celestiais parece ter-se movido com rapidez.

A 14 de outubro de 1963, ele anunciou-se da forma habitual. Betty Greene começou com a sua pergunta de abertura de rotina: «Pode dizer-me, Sr. Higgins, como foi a sua passagem e as suas reações?»

«Caí de uma escada», respondeu prontamente. «Não morri logo ali, mas fiquei inconsciente e morri no hospital. Claro que isto já foi há uns bons anos. Eu era pintor e decorador. Você é da zona de Brighton, não é?»

«Sim, sou», respondeu a Sra. Greene.

«Vivi em Brighton durante algum tempo», disse Higgins.

«Em que parte de Brighton?»

«Já foi há muitos anos e, como tantos sítios, mudou bastante, não mudou? Na parte de trás do Old Steine.»

«Na parte de trás do Old Steine?» «Sim.»

«Sr. Higgins, pode dizer-me as suas reações ao passar para o outro lado? Como é que se descobriu.»

«Como é que eu o quê?»

«Como é que se descobriu e quais as suas reações quando passou para o outro lado.»

«Bem», respondeu Higgins, «quando tive qualquer tipo de perceção ou consciência do que me estava a acontecer, estava deitado numa espécie de margem a olhar para um rio. Não conseguia entender nada daquilo. Não conseguia perceber onde estava. Não reconhecia o local e não conseguia pensar em como tinha lá ido parar. Depois vi alguém a vir na minha direção, vestido com o que me pareceu ser um monge. Mas percebi, claro, mais tarde, que não era. Mas ele tinha uma espécie de hábito comprido e parecia ser um cavalheiro benevolente e bastante jovem. Pensei: ele é uma pessoa jovem para ser monge. Na verdade, muito honestamente, pensei na altura que ele se parecia exatamente com Jesus. Pelo menos com as imagens que eu tinha visto de Jesus. Mas percebi, claro, que não era, depois. Ele veio, pôs-se ao meu lado e falou comigo: "Ah, já chegaste."

Eu digo: "Cheguei? Não sei bem o que quer dizer com isso?"

Ele diz: "Não percebes, então, que estás aqui, onde estás?"

"Não", digo eu. "Tudo o que sei é que não reconheço este sítio. É muito bonito."

"Estás morto, sabes?"

"O quê?"

"Sim. Estás morto."

"Não estou morto. Como posso estar morto? Não seria capaz de ver."

Senti-me a mim próprio.

"Olhe", digo eu. "Não estou morto. Sou sólido."

"Ah", diz ele. "Há muita gente que parece pensar que, quando morre, ou não é absolutamente nada, ou, se está morta, que vai para o céu ou para algum outro lugar como o inferno. Não existe tal lugar como o céu, nem existe tal lugar como o inferno. Estás numa condição de vida que é tão real, como podes ver por ti próprio, como qualquer coisa que já tenhas conhecido antes. A vida além daquilo a que chamas morte é um estado de espírito. A tua condição, neste momento, é talvez um pouco de confusão. Mas não estás infeliz e, certamente, pareces estar, tanto quanto consigo perceber, bastante à vontade. Pareces bastante calmo e plácido. Não estás excessivamente ansioso com nada em particular, pois não?"

"Não", digo eu. "Mas agora começo a perceber que o que diz é verdade. Devo admitir que estou um pouco preocupado com a minha gente. Deve ser um choque terrível para eles, sabe. Não tenho memória de morrer. Não me lembro de nada a não ser de cair. Pelo menos tive a sensação de que estava a cair e depois não me lembro de mais nada."

"Bem, claro", diz ele. "Morreste no hospital."

"Ah, morri?"

"Gostarias de voltar só por um bocadinho para ver a tua gente?", pergunta ele. "Achas que isso te ajudaria?"

"Bem, seria interessante, não seria. Gostaria de os ver."

"Eles não te vão ligar nenhuma, sabes", diz ele.

"Ah. Porquê?"

"Bem", disse ele, "eles não vão perceber que estás lá porque não te conseguem ver, e não te vão ouvir se lhes falares."

"Bem, então não vale muito a pena ir, pois não?"

"Bem, tu é que sabes."

"Eu vou", digo eu. "É possível que a Ada — que é a minha mulher — ela talvez... gostava de ver como é que ela se está a aguentar, de qualquer forma."

"Está bem. Vamos lá."»

Às vezes, logo após a morte, seja enquanto ainda estão ligados a este mundo ou logo após chegarem ao próximo, as pessoas parecem sentir um desejo avassalador de visitar aqueles que mais amaram e que tiveram de deixar para trás. Quase sempre são avisados de que isso será de pouco conforto para eles ou para as suas famílias. Quase sempre, eles vão.

Assim aconteceu com Alfred Higgins.

SEIS

Visita à Família

Alfred Higgins tinha decidido visitar a sua família, que ainda estava neste mundo, antes de partir para o próximo. Virou-se para o seu guia.

«"Bem, como é que chegamos lá então?"

"Vem apenas comigo", disse ele. "Vamos apenas caminhar por esta estrada."

Subi a encosta e entrei na estrada. Enquanto caminhávamos, ele diz: "Dá-me apenas a tua mão." Senti-me um bocado esquisito, sabe. Pensei que parecia um bocado ridículo eu estar a segurar a mão de alguém desta maneira. Mas, ainda assim, ele disse para segurar a mão, por isso segurei. Parecia tão estranho, mas assim que toquei na mão dele, foi como se tudo ficasse esquisito, como se tudo parecesse desaparecer gradualmente. Era como se eu estivesse a ir dormir de certa forma, mas não era como o sono. Era apenas uma espécie de falta de compreensão e de perceção das coisas à minha volta. Fiquei tipo inconsciente, suponho.

A coisa seguinte que soube era que estava parado na nossa cozinha e estava a observar a minha mulher. Ela estava de pé junto ao lava-loiça a descascar batatas. Pensei se ela saberia que eu estava ali e chamei o nome dela. Ela não disse nada. Não me ouviu. O meu amigo diz: "Ela não te vai ouvir, sabes."

"Bem, não sei. O que é que eu podia fazer?"

"Nada que pudesses fazer", diz ele. "Mas ela pode sentir a tua presença. Nunca se sabe. Vamos esperar só um bocadinho."

Depois ele diz-me: "Concentra o teu pensamento nela. Pensa com força. Pensa o máximo que puderes. Pensa no nome dela."

Eu assim fiz. E, de repente, ela endireitou-se e olhou. Deixou cair a faca e a batata que estava a descascar e olhou em volta. Parecia mesmo baralhada, quase assustada.

Fiquei com pena, de certa forma, por tê-la assustado. Percebi que devia ter sido eu a tentar chegar até ela. Ela desatou a correr daquela cozinha. Abriu a porta e depois voltou a fechá-la, sentou-se, pôs a cabeça em cima da mesa e começou a chorar. Senti-me pessimamente com isto. Pensei: "Oh, meu Deus, isto é terrível."

"Não te preocupes", disse ele. "Ela sente. Ela sabe dentro de si, ainda não compreende, mas sabe dentro de si que tu estás perto dela."

"Bem, se a vou deixar miserável desta maneira, não vale muito a pena, pois vale?"

"Não deixes que isso te preocupe", diz ele. "Isto acontece muitas vezes. Eles não sabem com qualquer certeza. Nunca lhes falaram sobre a vida depois da morte. Nunca lhes falaram sobre a possibilidade de comunicação e todo esse tipo de coisas. Mas ela vai chegar lá... ela sente... ela pressente, e no fundo de si mesma, lá bem no fundo, ela sabe."

"Não há nada que eu possa fazer?"

"Nada", diz ele. "Esta não é a altura. Tens de esperar. Mais tarde, talvez consigamos fazer alguma coisa."

"Bem, o que é que fazemos agora?"

"Não acho que possas fazer grande coisa aqui. Acho que o melhor para nós é voltarmos."

"Está bem." Depois eu digo: "Mas gostava de ir a um ou dois outros sítios antes de voltarmos, se puder."

"Bem, onde é que queres ir?"

"Pensei: gostava de ver vários amigos."

"Bem, está bem."

"Importa-se de entrar num pub?"

Ele riu-se quando eu disse aquilo.

"Não se importa, pois não?", digo eu. "Parece uma pergunta estranha eu pedir a um anjo para entrar num pub."

"Oh, nós vamos muitas vezes a pubs e a sítios desses", diz ele. "E eu não sou um anjo."

"Bem, eu estava com a impressão de que, como você está aqui, altamente respeitável e tudo o mais, devia ser. Mas notei que não tem asas."

Ele riu-se outra vez.

"Claro", diz ele, "que não temos asas. Essa é a velha ideia que muita gente religiosa ganha na terra. Isso é porque pensam sempre que as pessoas quando morrem, isto é, as pessoas boas, voam para o céu. E, nos primórdios, costumavam pensar que a única maneira de subir ao céu era ganhar asas como os pássaros!"

Ele tinha um sentido de humor maravilhoso e eu sentia-me tão calmo com ele que digo: "Gostava de ir a este pub." "Está bem."

Pensei para comigo que isto ia ser um bocado complicado, porque ele obviamente não saberia onde é o pub, e eu não sei como lá chegar sozinho, não na situação em que estou agora, sem corpo físico, como vocês lhe chamam.

"Eu sei o que estás a pensar", diz ele. "Pensa apenas no lugar, fecha os olhos e estaremos lá."

Pensei: "Isto está a correr bem." Ele estendeu-me a mão. Pensei: "Suponho que ponho a minha mão na dele outra vez." E assim fiz.

A coisa seguinte que soube era que estava parado no balcão deste pub e estavam lá três dos meus velhos comparsas. Fui pôr-me ao lado de um e lembrei-me do que me tinham dito para fazer com a mulher — concentrar-me, pensar com força. Ele estava com aquela caneca de cerveja na boca e eu estava a pensar para comigo no nome dele e, de repente, ele deixou-a cair no balcão. Ficou com um ar todo baralhado.

Olhou em volta e disse aos companheiros dele, os meus outros dois amigos: "Que engraçado. Tinha a certeza que ouvi, tinha a certeza que ouvi..."

"Ouviste o quê?"

"Vocês não ouviram nada?"

"Não, nós não ouvimos nada."

Ele pensou, suponho eu, que estava a fazer um bocado o papel de parvo.

"Oh", diz ele. "Não é nada."

Eles riram-se e disseram: "O que é que se passa contigo, pá? Estás com os nervos?"

Mas ele ouviu-me bem. Foi feito pelos meus pensamentos. Uma das primeiras coisas que percebi foi que não é preciso falar para ser ouvido. É preciso concentrar-se com força. É uma questão de pensar o tempo todo que se quer entrar em contacto, ou que se quer fazer alguma coisa, e então é possível. Simplesmente não se consegue fazer falando alto à maneira antiga, sabe. Foi a minha primeira lição neste tipo de coisas.»

Alfred Higgins pareceu achar difícil fazer a rutura e afastar-se, mesmo com os serviços imediatos de um guia. Foi ainda mais difícil para um cockney de Londres que deu o nome de Harry em 1957 e admitiu que o seu único lazer tinha sido o pub.

«Eu costumava gostar de beber», disse ele. «Receio que a minha ideia de diversão era ir ao velho pub e ficar lá até me porem na rua. Quando bati as botas, não conseguia livrar-me do desejo de ir a um pub.»

Parece, pelo seu relato, uma experiência bastante frustrante. Mas, ao início, ele não estava preocupado.

«"Quando bati as botas", explicou ele, "não conseguia beber nem dar à língua. Mas, de alguma forma, costumava sentir uma certa satisfação em andar pelos pubs e ver os meus velhos amigos, ouvir as conversas deles e ver os outros a beber."

Quando se fartou disto, decidiu preencher algumas lacunas da sua vida na terra e ver um pouco do mundo.

"De repente caiu-me a ficha", explicou ele, "se eu posso estar no 'Rose and Crown', posso estar em Tombuctu. Então decidi fazer uma viagem à volta do mundo."

Depois, até o viajar de graça se tornou aborrecido sem ninguém com quem falar. Lembrou-se da sua escola dominical.

"Costumavam ensinar-nos um monte de coisas sobre ir para o Céu e tudo o mais. Eu também não estava feliz... Lá no fundo, suponho que havia um desejo de ter algo mais.

Depois, comecei a ter a consciência de que alguém me seguia. Aquilo deu-me cabo da paciência durante algum tempo. Pensei: 'Quem diabo será este?' Olhava para trás. Ninguém. Então, um dia pensei: 'Vou chegar ao fundo disto.'

De repente ocorreu-me que talvez se eu me afastasse das velhas condições, por assim dizer, e me sossegasse, e lançasse os meus pensamentos para que alguém viesse ajudar, eu receberia ajuda. Então fui até a um lugarejo onde tinha estado quando era miúdo, um sítio em Suffolk."

Ele calou-se.

"Sim", disse Woods de forma encorajadora.

"Continue", disse Betty Greene. "Isto é terrivelmente interessante." Harry continuou, descrevendo uma árvore junto a um riacho onde se costumava sentar a sonhar acordado quando era rapaz.

Depois: "Parada mesmo à minha frente estava a figura de um rapaz novo — eu diria que teria uns vinte e três anos. Loirinho, cabelo encaracolado, bem parecido, e vestia um fato.

Estava ali aquele tipo, parado à minha frente; eu olhava para ele, ele olhava para mim e nenhum de nós dizia uma bendita palavra. Pensei que era uma alucinação. Não podia ser. Eu não disse palavra. Nem ele. E, no entanto, de repente foi como se a mente dele entrasse na minha, não sei bem como aconteceu, mesmo agora. Conseguia ouvi-lo, de certa forma, dentro de mim, a dizer: 'Agora depende de ti, companheiro, estás a ver?'

Pensei: sim, depende de mim o quê? Depois senti-me como se estivesse a ser hipnotizado ou algo parecido. Levantei-me e ele foi recuando gradualmente. Disse para comigo: 'Que parvo. Se ele vai mais para trás, cai à água', porque havia aquele riacho ao fundo, como vos disse. Mas não, não caiu. Ele chegou à margem e eu ali, a segui-lo gradualmente. Ele chegou à beira da água e eu pensei: 'Cá vai disto, rapaz, vais apanhar uma molha agora.' Mas não. Foi como se ele caminhasse sobre a água.

Não sei porquê, mas naquele preciso momento em que estava a acontecer, pensei em mim na escola dominical. Lembrava-me de falarem de Jesus a caminhar sobre a água. Mas este homem não podia ser Jesus. Eu estava num estado de confusão total, digo-vos, por todos os lados. Não sabia se ia ou se vinha.

Ali estava ele a andar para trás. E ali estava eu a segui-lo numa espécie de transe. Senti-me um bocado parvo, na verdade, mas ainda assim não conseguia resistir. Não conseguia andar para trás. Tinha de continuar a segui-lo.

De repente, foi como se alguém me tivesse metido num elevador ou algo do género. Estava eu a subir pelo ar! Claro que ele também estava no ar. Pensei: 'Cristo, vou fechar os olhos nesta parte.' Estava num estado próprio, num pânico

total. De repente, parecia que estava a flutuar a milhas de altura. Tudo parecia ficar cada vez mais longe — as chaminés das casas e as copas das árvores. E, de repente, parecia que estávamos nas nuvens, e consegui ver um avião a passar e era como se viesse direito a mim. Pensei: 'Ai valha-me Deus, espero conseguir andar mais depressa do que aquilo.' E, no entanto, pensei ao mesmo tempo — é engraçado como se pensa em três ou quatro coisas ao mesmo tempo nisto. Pensei: ele não me pode tocar de qualquer maneira, porque é suposto eu estar morto.

Enfim, eu estava com este tipo — era como se estivéssemos a flutuar juntos — e, de alguma maneira peculiar, à medida que íamos subindo mais e mais, parecia que nos íamos aproximando. Não consigo explicar isto. Mas, de repente, foi como se houvesse um zumbido no meu ouvido e perdi os sentidos.

Depois foi como se tivesse voltado de uma espécie de sono. De repente, encontrei-me num quarto muito agradável. Era muito simpático. Não era propriamente luxuoso, mas limpo e confortável. Cama boa, lençóis bons, tudo polido, limpo, e a luz a entrar pela janela. Vi pássaros — quer dizer, havia pássaros a cantar lá fora — e pensei para comigo: 'Onde é que eu estou? Não consigo entender nada disto.' Não conseguia perceber nada, por isso pensei que o melhor era deitar-me e relaxar. Não valia a pena entrar em pânico.

Então a porta abriu-se e, valha-me Deus, fiquei de queixo caído. A porta abriu-se e era — a minha mãe!"»

Harry tinha finalmente conseguido. Todos parecem lá chegar no fim. Mas a experiência dele dificilmente foi típica. Para o cidadão sóbrio comum que leva uma vida normal, as evidências sugerem que a viagem deste mundo para o próximo pode levar pouco mais tempo do que a deslocação no comboio das 8h20 da casa nos subúrbios para o escritório num dia normal de trabalho. Como a viagem de um Sr. Biggs, de Buckinghamshire, que a descreveu a Woods e Greene em 1966, no estilo detalhado e terra-a-terra de um agente da polícia a prestar depoimento sobre um caso rotineiro num tribunal de comarca.

«"Sr. Woods?", começou ele numa voz calma e pragmática. "Sim", respondeu Woods.

"Isso mesmo", respondeu a voz. "Sra. Greene. Sim, é verdade. Ouvi falar tanto de vós por um lado e por outro. Sim, sobre o trabalho que fazem. É muito interessante."

A voz era idosa. De classe popular. Mas sem um sotaque identificável. Talvez a voz de um artesão rural ou de um lojista com pouca instrução formal, mas com um dom natural de expressão.

"Está a gravar isto?", perguntou ele. "Sim."

"Isso mesmo. Sim, tenho ouvido falar bastante de vós através de várias pessoas por aqui. E da Sra. Greene também. Vocês fazem isso a que chamam gravação em fita, não fazem?"

"Fazemos", disse Betty Greene.

"E passam para as pessoas ouvirem, para que saibam algo sobre o que se passa. Pois é."

"Pode dar-nos um depoimento, amigo?", disse Betty Greene.

"Eu? Ai, ai, ai! Não sou o tipo de pessoa que pudesse fazer um discurso como algumas das pessoas que aqui estão."

"Bem, não pode contar-nos como foi a sua passagem e como se descobriu do outro lado?"

"Ah, eu morri."

"Pode contar-nos como se descobriu, quais foram as suas reações ao dar por si o chamado morto?"

"Oh, sim. Estava sentado na minha cadeira e estava a ler o jornal que tinha acabado de chegar. Senti-me assim um bocado esquisito e pensei: isto é engraçado. Tirei os óculos, pu-los em cima da mesa e pensei: bem, deixa-me sentar aqui sossegado um minuto e isto passa. A coisa seguinte que soube foi que estava ali sentado, mas não estava ali. Estava de pé, pelo que me parecia, junto à cadeira, a olhar para mim próprio! E lá estava o jornal na mesa, os meus óculos, e eu pensei: isto é estranho. Muito estranho. Não conseguia perceber nada disto.

Depois tive consciência de que estava alguém a bater à porta. Estava ali parado, a olhar para mim próprio sentado na cadeira e, no entanto, era como se pudesse ouvir aquele bater à porta e, ao mesmo tempo, conseguia ver quem estava a bater, embora continuasse parado no quarto. Era a minha irmã. Ela vivia a poucas casas de distância. Pensei: 'Oh, meu Deus, o que é que eu vou fazer? Não consigo abrir a porta.' Estava num estado de pânico total.

As batidas continuaram e eu estava a ficar todo agitado, a pensar que estava a sonhar ou algo assim e a esperar acordar para ir abrir a porta à minha irmã. Mas nada aconteceu. E então consegui vê-la a descer o caminho. Parecia muito perturbada e nervosa. Pensei: 'Não sei. O que é que eu faço?'

Depois do que devem ter sido apenas alguns minutos, ela voltou com um polícia. Ai meu Deus, para que é que ela foi chamar um polícia? E de repente caiu-me a ficha. Claro que ela não conseguia entrar. Se calhar estava preocupada

ou perturbada por minha causa. E, no entanto, pensei, não há nada que eu possa fazer. Por isso, limitei-me a ficar ali parado ao pé de mim mesmo. Parece parvo quando se diz assim. Pensei: se ela entra e me vê estatelado naquela cadeira daquela maneira, vai apanhar um susto valente. Tenho de tentar acordar-me. Por isso, sacudi-me como um louco e nada aconteceu. Pensei: o que é que eu vou fazer?

Acabou por ser o polícia a entrar pela janela. Entrou na sala e eu reconheci-o. Já o tinha visto muitas vezes na patrulha. Demorei bastante tempo até conseguir perceber o que se estava a passar. Ele sacudiu-me. Pensou que eu estava a dormir, tal como eu tinha pensado. Nada aconteceu. Ele percebeu que eu estava morto. Abriu a porta. Claro que a minha irmã entrou.

Ela estava num estado terrível. Claro que era tudo o que me restava, a minha irmã, naquela altura. A May. Foram chamar o médico. Veio o velho Dr. Foskett, mas ele não servia para nada. Quer dizer, não podia fazer nada por mim. Era óbvio. Percebi que tinha chegado a minha hora.

Eu tentava acalmar a minha irmã. Ela não me ligava nenhuma. Fui lá, pus a mão no ombro dela e tentei dizer-lhe que eu estava bem, que não era eu que estava ali, que eu estava parado ao lado dela. Mas ela não pareceu perceber nada. Limitou-se a ficar ali sentada.

Depois o médico foi-se embora e vieram levar o corpo. Atiraram-no para baixo como um velho saco de batatas. Pensei: 'Não vou atrás deles. Vou ficar aqui na minha casa. Mais vale sentar-me na minha cadeira agora que está vazia.' Então sentei-me e tentei pensar em tudo. A minha irmã tinha-se ido embora e eu estava sozinho na casa.

De repente, foi como se a lareira desaparecesse. É a única maneira de descrever. E ali, onde estava a lareira, era como se a parede tivesse desaparecido e eu conseguia ver belos campos verdes, árvores e uma espécie de — ia dizer um rio, mas era mais como um riacho. E conseguia ver algo — algo — ao princípio não sabia o que era, a vir na minha direção, lá ao longe. Percebi o que era: era uma figura. Era a minha mãe.

Ai, meu Deus. Ela parecia... oh, como eu a tinha visto no quadro que ainda tinha no quarto pendurado na parede — a minha mãe quando casou. Ela veio mesmo pelo que era a lareira em minha direção e estava com um sorriso de orelha a orelha, tão feliz como o que mais.

'Vem daí', diz ela, 'não queres ficar aqui. Não vale a pena estares aqui sentado. Ninguém te vai ligar nenhuma. A May não vai perceber, sabes. Tens de vir estar comigo.'

'Não compreendo.'

'Sabes que agora acabou tudo', diz ela. 'Já passaste para o outro lado. Sabes, estás morto, estás a ver. Não queres ficar aqui estatelado nessa velha cadeira. Este quarto... que desmazelo em que estavas a viver.'

Ela começou a dizer-me como eu me tinha desleixado. Suponho que me desleixei ao longo dos anos, a viver sozinho. O meu velho cão tinha morrido algum tempo antes e eu não tive coragem de arranjar outro, porque sabia muito bem que não viveria tanto tempo para o ver crescer e não seria justo para o pobre animal.

'Vem comigo', diz ela. 'Tenho o Mick.' 'O Mick?' Era o meu outro cão.

'O Mick, sim. Temos andado a tratar do velho Mick para ti.' 'Oh, adorava ver o velho Mick', disse eu. Fui com a minha mãe."»

O Sr. Biggs estava a caminho deste mundo para o próximo. É hora de ir com ele e ver o que acontece quando se chega.

SETE

Uma conversa com a Mãe

«"Foi engraçado", disse o Sr. Biggs, "passar pelo que tinha sido a minha lareira para este tipo de campo encantador. Enquanto caminhávamos, a minha mãe não parava de dar à língua, a contar-me todo o tipo de coisas.

'Como está o pai?', perguntei eu.

'Ah, eu vejo-o', disse ela. 'Não estou com ele, sabes, porque estávamos separados.'

Claro que eu sabia tudo sobre isso. Sabia que eles nunca se tinham dado muito bem.

'Eu vejo-o', diz ela. 'Mas não estamos juntos. Vivo com a minha própria gente.'

Isto é, a mãe dela, a minha avó. E também a Florrie, a sua irmã favorita que morreu há muitos anos, quando eu era rapazito.

'Eu e a Florrie', diz ela, 'éramos como duas ervilhas na mesma vagem. Iguais em todos os sentidos. Sabes como fiquei perturbada quando ela morreu.'

'Oh, lembro-me vagamente disso', disse eu. 'Eu era apenas um garoto na altura.'

'Pois bem, eu e a Florrie damo-nos bem e fazemos trabalho hospitalar.'

'O quê?'

'Fazemos trabalho hospitalar.'

'Hospitais', digo eu. 'Vocês não têm hospitais? Se estão mortos, não precisam disso. Não têm dores nem sofrimentos. Para que é que querem hospitais?'

'Oh', diz ela. 'Bem, não são da mesma maneira que tu conheces os hospitais. Mas são necessários para certos tipos de pessoas que estão mentalmente perturbadas e precisam de orientação e ajuda. É um trabalho interessante e sinto-me feliz a fazê-lo. E também lido muito com os jovens, porque — sabes o teu irmão Art, vejo-o muitas vezes. Estamos muito próximos.'

'Art?', digo eu. 'Não me lembro de ter um irmão Art.' 'Ah, não', diz ela. 'Não te lembras porque ele morreu ainda bebé, antes de tu nasceres.'

'Ah', digo eu. 'Lembro-me vagamente de qualquer coisa sobre isso.' 'Sim', diz ela. 'Ele morreu bebé, mas cresceu.' 'Isso não faz sentido para mim.'

'Pois, muitas coisas não vão fazer sentido para ti', diz ela, 'até estares aqui há algum tempo. Depois vais-te habituar a compreender. Estas coisas não te surgem de repente. Tens de ser paciente.'

'Bem, e as minhas coisas lá em casa?', perguntei eu. 'O que é que vai acontecer a isso?'

'Olha', diz ela, 'não comeces a preocupar-te com isso. De qualquer maneira, muita coisa não valia grande coisa, pois não?'

'Bem, não sei, podia não valer grande coisa para ti', disse eu, 'mas para mim valia. Afinal de contas...'

'Olha', diz ela. 'Não penses nessas coisas. Tenta tirar a tua mente disso.'

'Bem, se vou ter um funeral, devia estar lá.'

'Oh, bem, não fales disso agora', diz ela. 'Logo se vê.'

'Está bem. Gostava de ver quem é que aparece', disse eu. 'Não que haja muitos que apareçam, suponho eu. Mas há o meu velho amigo Alfie.'

'Oh, esquece isso.'

Ela estava a dar à língua comigo. É engraçado eu dizer que ela estava a dar à língua. Era como se ela estivesse a palrar e, no entanto, não estava a abrir a

boca. De repente, caiu-me a ficha de que eu conseguia ouvi-la a falar comigo e, no entanto, ela não estava a dizer nada. Ou seja, não estava a falar. Então parei.

'Vem lá', disse ela.

'Mas eu não percebo isto. Estás a falar comigo e, no entanto, a tua boca não se mexe. É como um ventríloquo', digo eu. 'Engraçado, não é?'

'Oh, em breve aprenderás aqui a falar através dos teus pensamentos e, afinal de contas', diz ela, 'estás a receber o que eu estou a dizer. Estás a ouvir-me, não estás?'

'Sim', digo eu, 'mas não estás propriamente a falar. Pelo menos não parece que estejas.'

'Oh, vais ganhar o hábito', diz ela. 'Vem lá, não deixes que isso te preocupe. Vais compreender muitas coisas daqui a pouco.'

Pensei: 'Não sei.' Estava mesmo intrigado.

Depois chegámos a uma ponte. Coisa engraçada, esta ponte. Enquanto passávamos por ela, digo para comigo — e não me apercebi que ela conseguia ouvir-me enquanto eu o dizia para mim próprio, não falei em voz alta — 'Oh, esta ponte. Eu conheço esta ponte. Esta é a ponte que costumava haver num lugarejo quando éramos garotos.'

'Sim, é verdade', disse ela.

'Isto é engraçado', digo eu. 'Como é que isto veio para aqui? Se eu estou morto, como é que isto é assim? A ponte que eu me lembro costumava ser perto da velha aldeia.'

'Pois bem', diz ela. 'Vais compreender. Aqui temos uma espécie de réplica de tudo. Estou a trazer-te por aqui porque traz recordações felizes e vai ajudar-te. Lembras-te da pequena aldeia e das pessoas, de tudo isso?'

'Sim.'

'Bem, está aqui.'

'Como pode estar aqui? Estava em Buckinghamshire há anos.'

'Sim, é verdade', diz ela. 'Isto é o mesmo, mas não é o mesmo de certa forma. Mas vai ser tão real para ti como aquele lugar.' 'Não percebo. Desisto.'

'Bem, vais perceber, rapaz. Não te preocupes.' Depois ela diz: 'Vamos a casa da May.'

'Quem?', pergunto eu. 'Da May.' 'Da tia May?' 'Sim.'

'Bem, ela morreu há anos.'

'Claro que morreu. Eu também. Já te esqueceste?' 'Oh, valha-me Deus, não.'

Nem sabia o que estava a dizer metade do tempo, quando penso nisso.

'Vamos ver a May', disse ela. 'Ela vive na aldeia.' 'Sim, ainda vive.'

'Isso não faz sentido.'

'Nada te vai fazer sentido ao princípio', diz ela, 'até começares a aprender um bocado. A May foi sempre feliz na aldeia. Ela sempre adorou a casinha que tinha. Sabes aquela casinha que ela tinha ao fundo da rua?'

'Oh, lembro-me dessa.'

'Pois bem, vais vê-la por ti próprio.'

Foi como se eu estivesse a caminhar de volta para o passado. Lá estava a mesma casinha. Era uma de quatro, na ponta. Um murinho de tijolo muito baixo à frente. Um jardinzinho de que o meu tio tinha tanto orgulho. Oh, era bonito. Todas as malvas-rosas e as flores — tudo como ele sempre gostou. E lá estava ele, e a minha tia, parados à porta.

Mas, oh, como ele parecia diferente. Ele foi sempre um homem alto, mas tinha ficado muito velho e curvado. Ali estava ele, alto e direito como uma seta. E com um aspeto jovem e fresco.

Fizeram uma festa comigo. Levaram-me para dentro, sentaram-me, e estava tudo num brinco, limpo e fresco, tal como se fosse um dia de verão.»

«"Aquilo fez-me cair a ficha de repente. Pensei: 'Bem, não sei. Não sinto o calor, se é um dia de verão, e no entanto é como um dia de verão. Não vejo sol nenhum e, contudo, há esta luz adorável.' E comentei qualquer coisa sobre isso.

'Pois bem', disseram eles. 'Claro que não temos excessos de calor ou de frio. Está sempre ameno e agradável, e a luz é sempre muito boa... Gostarias de uma chávena de chá?'

Claro que aquilo quase me deixou por terra. 'Não me venham com essa brincadeira', disse eu. 'Se eu estou morto, não me comecem a dizer que podem pôr-se a fazer bules de chá.'

A minha tia riu-se e diz: 'Olha, tu vais compreender, como a tua mãe sem dúvida tentou dizer-te, que quando chegas aqui pela primeira vez, tudo é feito de forma muito parecida para que te sintas feliz e familiarizado; e se quiseres algo assim, podes tê-lo. Mas em breve perceberás que essas coisas não são

necessárias. Mas, se gostarias de uma chávena de chá, num instante teremos uma chávena de chá.'

'Nunca pensei que fosse possível tomar chá quando se está morto.'

'Ora bem', diz ela. 'Não vou discutir contigo. Vou buscá-lo.'

Então ela foi lá atrás e trouxe este bule de chá. E o que é engraçado — era o mesmo bule de que eu me lembrava sempre. Uma coisa castanha e velha que ela tinha há anos, com o bico partido. E tinha o mesmo agasalho velho de que ela tanto gostava, um que ela própria tinha tricotado.

'Não me digas que tens isso... Não trouxeste isso contigo quando bateste as botas?'

'Não', diz ela. 'Mas fiquei tão surpreendida como tu ao descobrir que estava aqui. Evidentemente, qualquer coisa que signifique muito para ti, se vale a pena ter, se é importante para ti, podes tê-la, pelo menos enquanto pensas nela. E se parares de pensar nela e deixares de achar que é necessária, então deixa de existir para ti. Só existe hoje porque tu vieste, e porque estás a pensar no passado, quando costumavas vir ver-nos e nós fazíamos uma chávena de chá. E lembras-te daquele tabuleiro, aquele velho tabuleiro de lata que tinha aquelas gravuras, aquelas flores?'

Lá estava ele, tal e qual.

'Queres dizer que tens estas coisas todas?'

'Apenas enquanto pensamos nelas. E como tu vinhas, pensámos nisso, e pensámos que te faria sentir confortável e em casa. Mas assim que deixarmos de achar que é importante, já não precisamos mais disso.'

'Eu não entendo isto de maneira nenhuma', digo eu.

Durante todo este tempo, sabem, estava a minha irmã na Terra, a chorar baba e ranho. Lágrimas de crocodilo, na verdade, acho eu. Ela nunca teve muita paciência para mim. Limitava-se a sentir que era o seu dever. Não era má pessoa, mas andava um bocado farta por um lado e... atenção, que ela já tinha a dose cheia, hei de admitir. Tinha tido um fulano tal por marido.

Enfim, pensei: bem, e este funeral? Suponho que devia estar lá. Já que estou morto, devia marcar presença.

A minha mãe riu-se e disse: 'Para que queres ir lá abaixo? Já acabaste com essa gente. Não queiras ir ver funerais nenhuns.'

'Não sei. Parece loucura, mas gostava de ver o meu próprio funeral.'

'Ah', diz ela. 'Se é isso que queres fazer, nós vamos contigo. Entretanto, devias descansar. Gostarias de ir para a cama?'

'Ah, cama? Também se vai para a cama aqui?'

'Bem', diz ela, 'não é necessário, mas no teu caso pode ser uma boa ideia.'

Resumindo a história, fui para a cama.

A coisa seguinte que soube quando acordei foi que estava parado no cemitério local. E foi isto que me irritou. Irritou-me mesmo, porque eu tinha mantido o meu seguro em dia e tudo o mais. Ali estava eu a ser baixado à sepultura e era uma cova de indigente. Ora, isto perturbou-me mesmo de forma terrível, porque eu tinha-me certificado de que havia dinheiro suficiente para me enterrarem decentemente. Essa é uma das razões, suponho eu, pelas quais quis ir ver o meu próprio funeral.

Lá estava a minha irmã e duas outras pessoas, uma que reconheci, outra que não. Um era um velho sujeito que eu conhecia. Tínhamos andado na escola juntos. E ali estava eu a ser enterrado. A chuva caía como louca. O velho pároco despachava o serviço como se tivesse um comboio para apanhar. E percebi que ela não se tinha dado ao trabalho de comprar um palmo de terra. De certa forma não importava, mas era o princípio da coisa. Tinha mantido as minhas apólices e tudo isso, e tinha deixado uma quantia jeitosa. E ela fez-me aquilo! Pensei: bem, espera lá, sua víbora, até vires para este lado. Eu dou-te o que mereces. Ora essa, fazer-me uma coisa destas.

'Olha', diz a Mãe. 'Quando ela chegar, já pensarás de maneira diferente. Afinal de contas...'

'Que desperdício de dinheiro.'

'Não, ouve', diz ela. 'Que importa onde estás enterrado? O que importa é onde tu estás, não onde estás enterrado. E aquele dinheirinho vai dar para ela se orientar agora. Eu sei que o princípio está errado.'

'Ora se está errado', disse eu. 'Ela bem sabia que eu andava a fazer aquilo para ter um funeral decente.'

'Que importa se tens um funeral decente ou não? Ou se aquele homem está ali em cima de ti a palrar o serviço como um comboio expresso?'

'Que importa?', disse eu.

'Não faz diferença nenhuma. Estás aqui, não estás? E estás bem, não estás?'

'Sim, estou aqui e estou bem.'

'Bem, então para de te preocupar com isso. Afinal, quando eles chegarem aqui, seja o pároco ou a tua irmã, vão confrontar-se com a vida. Vão confrontar-se com a verdade. Vão olhar para trás e ter arrependimentos. Mas não podes culpá-los totalmente. São ambos ignorantes.

A tua irmã é ignorante. É minha filha, mas é tão ignorante como o que mais nalguns aspetos. Mas ela aprenderá. O pároco também aprenderá. Tu aprenderás que não é o corpo na cova que conta, nem o serviço, nem o despachá-lo o mais depressa possível para cobrar os sete xelins e seis pence ou o que quer que eles recebam. É o que tu és por dentro, o que tu próprio foste. Não o que finges ser, ou o que pensas que devias ser, ou que és, ou aquilo em que não acreditas.

É o que tu és realmente que conta. E isso é tudo o que importa. Olhando para trás, agora, para a tua vida, nunca fizeste mal real a ninguém e as tuas intenções eram boas. Não eras propriamente um tipo instruído. Não eras propriamente homem de ir à igreja. Mas não eras um mau sujeito e fizeste o teu melhor. Vais aprender, rapaz, vais aprender.'»

OITO

Com Que Então Isto é o Céu

Chegaremos todos ao Céu como o Sr. Biggs — se as nossas intenções forem boas e nunca fizermos mal real a ninguém? Haverá malvas-rosas no jardim e lanches de família acolhedores para todos nós?

Apesar do volume de evidências, existem muitas lacunas preocupantes no nosso conhecimento da vida no próximo mundo. Sobre alguns temas, as vozes são estranhamente pouco informativas ou vagas. Mas graças à pergunta de abertura de Betty Greene e à sua insistência em obter uma resposta, um aspeto da vida etérica é relatado de forma tão detalhada como um casamento real ou um Mundial de Futebol: o que acontece quando chegamos.

Deixámos Ted Butler, morto por um camião em Leeds, de mãos dadas com a sua guia num elétrico.

«"Segure a minha mão", ordenou ela. "Feche apenas os olhos e tente não pensar em nada em particular. Deixe a sua mente como se fosse um quadro em branco."»

O que aconteceu a seguir? Passemos a palavra a Ted Butler.

«"E assim fiz, como ela me disse. Achei um bocado difícil. Não sei quanto tempo terá passado até sairmos. Devo ter perdido os sentidos. A coisa seguinte que soube foi que estava sentado numa poltrona muito agradável, em frente a esta senhora, numa salinha muito simpática. Muito agradável, muito bonita. Cortinas de chita nas janelas. Havia um belo tapete de lareira no chão e uma sensação maravilhosa de leveza e calor, o que eu pensei ser o sol a brilhar pelas janelas. Tudo parecia um brinco. A mesa estava bem posta. Era como se tivesse ido a algum lado para o chá das cinco. Pensei: 'Onde estou eu agora?'

'Trouxe-te aqui', disse ela. 'Já percebeste agora que estás no meu quartinho.'

'Oh, é muito amável da sua parte. Não sei o que a minha mulher pensaria de mim por estar sentado na casa de uma mulher estranha!'

'Ah', riu-se ela. 'Não deves pensar assim agora. Isso está longe de ti. Agora vamos ter uma conversa agradável e uma boa chávena de chá, e eu vou explicar-te as coisas.'

'É muito amável da sua parte, querida.'

'Ah, já agora', diz ela, 'gostava que soubesses que estou aqui há muitos anos. Vim na viragem do século.'

'Ah, sim.'

'Sim', diz ela. 'E vivo com a minha mãe.' 'Ah, vive?', digo eu. 'Onde está a sua mãe agora, então?' 'Ela saiu.'

'Ela vai trabalhar?'

Ela riu-se: 'Suponho que lhe possas chamar trabalho, mas não trabalho à maneira antiga. A minha mãe era uma mulher trabalhadora quando estava na terra. Costumava aceitar roupa para lavar e estava sempre a fazer qualquer coisa. Agora vai a um sítio onde cuida de crianças, porque sempre gostou muito de crianças. Criancinhas que morreram bebés ou quando eram muito novas, e ela ajuda a criá-las e a cuidar delas. Ela adora esse trabalho. Estará de volta em breve. Por isso, vamos tomar uma chávena de chá.'

Pensei: 'Que engraçado. Pergunto-me se vou sentir o sabor. Quando eu ia à casa da minha mulher e eles estavam a tomar chá, eu pensava que gostaria de uma chávena, mas claro que não conseguia pegar nas chávenas e suponho que não teria sentido o sabor.'

'Oh, aqui vais sentir', disse ela, 'porque estás numa atmosfera inteiramente diferente. Estás nas tuas condições naturais agora, por isso tudo à tua volta será natural e real. Agora, quando estenderes a mão, sentirás que as coisas são reais,

não como quando voltavas para a tua mulher. Toma esta chávena de chá, querido, e vais sentir-lhe o gosto. Terá o mesmo sabor que o chá que tomas na Terra.'

E assim o provei, e tinha.

'Bem, não é simpático?'

'Sim', digo eu, 'é muito simpático. Mas quem diria' — não pude deixar de me rir — 'quem diria que as pessoas na Terra pensariam em nós aqui sentados a tomar chá... pensariam que éramos malucos.'

'As pessoas simplesmente não compreendem', disse ela. 'Aqui, conforme te vais orientando e conforme progrides, vais encontrando as coisas para as tuas necessidades. Se, quando chegas pela primeira vez, sentes que é necessário ter isto ou aquilo, isso é providenciado. Mas é apenas algo temporário até te ajustares ao facto de que não precisas dessas coisas. Eu normalmente não tomo chá nem nada disso. Mas como eras um convidado na minha casa e te estás a habituar gradualmente às coisas, pensei que ajudaria.'

'É muito amável da sua parte', disse eu. 'Não devia ter-se dado ao trabalho.'

'Oh, não', disse ela. 'Trabalho nenhum. Faz parte do meu serviço.' 'Serviço?'

'Ah, sim', diz ela. 'Tenho o hábito de descer à Terra se puder ajudar alguém como tu, que estava preso à terra.'

'O que disse?'

'Preso à terra.'

'Preso à terra?'

'Sim, era o que tu estavas, pobre querido. Estavas amarrado à Terra devido ao teu estado de espírito e aos teus pensamentos. Não conseguias libertar-te. E isso faz parte do meu trabalho, ajudar as pessoas a libertarem-se das coisas materiais. Já andei para cima e para baixo naquele elétrico muitas vezes com pessoas, porque costumava viver naquela cidade há muitos anos. Estou a fazer o meu bocadinho. Milhares e milhares de pessoas fazem isso, sabes, e eu sou apenas uma delas.'»

Ted Butler estava a instalar-se. O que aconteceu aos outros que deixámos nas mãos dos guias enviados para os receber? Ou que estavam apenas a perceber que estavam mortos?

Deixámos Rupert Brooke a olhar perplexo para um rio, perguntando-se por que razão não conseguia ver o seu reflexo na água.

«"Estava sentado", disse ele, "à beira deste rio, cada vez mais intrigado, e não pouco assustado, perguntando-me qual seria o próximo passo, quando de repente tive a consciência de alguém parado ao meu lado.

Olhei. Não vi ninguém. No entanto, sabia que estava ali alguém. Depois foi como se ouvisse distintamente uma voz dizer: 'Vem comigo.'

Pensei: 'Como diabo posso ir com alguém quando não o consigo ver? Não sei para onde vão, nem sei quem são.'

Três vezes a voz disse: 'Vem comigo. Fecha os olhos.' A coisa seguinte que soube foi que estava num lugar inteiramente diferente, o que parecia ser um edifício vasto, não muito diferente de uma sala de concertos. Havia muitos assentos e muitas, muitas pessoas. Eu estava sentado e conseguia ouvir música belíssima. Parecia ter uma mensagem que interpretei como sendo de paz, quietude e descanso, para não ficar indevidamente preocupado ou inquieto. Senti-me muito mais calmo.

Gradualmente, comecei a vislumbrar, ao longe, o que parecia ser um enorme panorama de luz mutável. Todo o tipo de cores em constante mudança, desde os tons mais pálidos até matizes profundos. Gradualmente, toda a sala parecia ficar inundada com isto.

Quis falar com alguém e, no entanto, tinha quase medo de articular palavras. Tornei-me muito consciente de alguém perto de mim a dizer: 'Tu consegues. Não te preocupes. Tu consegues.'

Ouvi-me a dizer: 'Que lugar é este?'

Em resposta, ouvi uma voz dizer: 'Este é um lugar onde podes ser trazido para um novo ser. Aqui as vibrações tornarão possível para ti um novo modo de vida. Esta é uma estação de purificação.'

Percebi que estava a ocorrer uma mudança em mim. As pessoas em volta, conseguia senti-lo, estavam a mudar de alguma forma subtil. E, no entanto, não o conseguia explicar. Parecia que todo o meu corpo estava a ficar impregnado de algum poder carregado, de alguma vitalidade, e tudo parecia tornar-se muito mais solidificado. Após pouco tempo, uma ou duas pessoas começaram a mover-se, a levantar-se, a caminhar e a começar a falar.

Tínhamos passado para o outro lado recentemente, e tínhamos sido trazidos para este lugar, e estávamos a começar a ser ensinados sobre como experienciar a nova vida. Vi, como suponho que outros também devem ter visto, o que pareciam ser figuras, pessoas que não tinham estado ali anteriormente ou, pelo menos, não tinham sido visíveis. Alguns eram homens e algumas eram mulheres.

Algumas das mulheres foram ter com outras mulheres sentadas no auditório e alguns dos homens foram ter com alguns dos homens.

Percebi, claro que muito mais tarde, que estas eram pessoas cujo trabalho era conduzir este tipo de iniciações e ajudar as pessoas que, quando vinham para este lado, necessitavam desta reabilitação gradual para uma nova vida.

Depois de ter falado com várias pessoas, fui levado para o que parecia ser um parque. Vi muitas pessoas com muitos tipos de trajes. Passeámos e sentia-se que o corpo era uma realidade. Percebi que o meu corpo estava a funcionar em harmonia com os meus pensamentos.

Lembro-me de estar sentado debaixo de uma árvore a conversar com uma pessoa em particular, que era o meu ajudante. Perguntei se era possível continuar a escrever. Ele disse: 'Claro que podes, se quiseres. E podes, se quiseres, fazer outras coisas. Se quiseres tornar-te pintor ou músico, não há nada que te impeça. Essa é a única forma de progredir deste lado. Seguir em frente.'

Senti que, se ao menos pudesse retratar algumas destas experiências de tal forma que as pudesse enviar de volta à terra, seria uma grande ajuda. Perguntei se era possível. Disseram que bem, seria possível, mas não durante um tempo considerável.

O homem sorriu e disse: 'A maioria das pessoas, quando chega aqui pela primeira vez, é assim. Querem correr de volta para os seus amigos e familiares. Querem dizer a toda a gente no mundo como é maravilhoso passar do vosso mundo para este. É o processo mais natural. Não há necessidade de todo o medo terrível que as pessoas têm de morrer... Não te preocupes com isso. Chegará o tempo em que poderás voltar e prestar algum serviço.'»

O tempo chegou. Após uma espera de quarenta e dois anos. Produziu um dos poucos relatos da chegada ao próximo mundo vindo de um intelecto que nos conta o que quer que queiramos saber.

Qualquer número de personalidades famosas e dotadas fez fila para falar connosco através de Flint, Woods e Betty Greene. De Oscar Wilde a Mahatma Gandhi e Cosmo Gordon Lang, Arcebispo de Cantuária. Mas tinham demasiados conselhos para nos dar sobre como gerir as nossas vidas neste mundo e demasiada informação sobre o seu progresso académico no próximo para nos contarem como lá chegaram e onde se instalaram. Deixaram esse tipo de coisas para os tipos terra-a-terra e sem instrução, como George Hopkins, que deixámos com a sua mulher a acordar numa casa de campo que ele já tinha vislumbrado num sonho.

«"Era exatamente igual", disse ele. "Lá estava o meu velho cão a correr e a abanar a cauda, e a saltar. Abri a porta e entrei, e havia uma reunião — eu diria que estavam umas doze pessoas ou mais — pessoas que eu tinha conhecido. Outro irmão meu e uma irmã, os familiares da minha mulher — estavam todos lá, satisfeitos, a dar-me as boas-vindas e a fazer uma festa comigo. Na verdade, havia tanto barulho, todos a chilrear e a falar ao mesmo tempo, o cão a ladrar, foi um verdadeiro regresso a casa. Tinham uma bela de uma mesa posta para mim. Ficariam surpreendidos.

Aquilo pareceu-me estranho. Pensei que não imaginaria que eles tivessem chávenas de chá por aqui e que se sentassem a comer coisas. Eles disseram: 'Ah, sim, ao princípio. Talvez não o esperes, mas é algo a que estiveste habituado, e gostamos de te fazer sentir em casa. Ajuda-te a instalares-te. Enfim, vais ficar bem agora. Tens a Poll, o cão e a nós. Manteremos o contacto contigo e viremos ver-te de vez em quando.'

De repente percebi que me conseguia ver a mim próprio, não como costumava ver-me num espelho, mas a mim próprio pela primeira vez. Disse a todos: 'É tão maravilhoso, não sei o que dizer. Certamente não sei o que fazer.'

Disseram: 'Bem, não digas nada, não faças nada durante algum tempo. Relaxa apenas, diverte-te e descansa, e recupera deste choque de, bem, passar para o outro lado, como vocês dizem.'

'Bem', disse eu, 'não percebo isto. É tudo tão natural, tudo tão real. Aqui estão vocês, todas as pessoas que amei, todas as pessoas que significaram tanto para mim na Vida, todos aqui à espera para me receber e me fazer feliz. E há todas aquelas pessoas lá em baixo que se pensaria que pelo menos saberiam alguma coisa, particularmente o pároco. Eu sei que não era de ir à igreja. Não ia regularmente. Mas ele não parece saber nada. Não parece ser capaz de confortar ninguém por aí além. O que está errado?'

'Bem', disseram eles, 'não deves culpar o pobre do pároco. Ele está a fazer o melhor que pode, em circunstâncias talvez difíceis. Mas, lá está, eles simplesmente não percebem nada da poda.'

Depois começaram a dizer-me que ele tem esta ideia esquisita de que, de alguma forma, apenas os chamados bons vão ser levados para o Céu e, eventualmente, regressarão à Terra para habitar na Terra em corpos físicos.

'Claro', explicaram eles, 'há muitos deles com a mente mais aberta do que ele. Ele é do tipo antiquado. Muitos deles estão mais avançados agora, mas muito poucos sabem sobre comunicação ou sobre a vida depois da morte propriamente dita. Aceitam o facto, ou a possibilidade do facto, a compreensão, por assim

dizer, da vida depois da morte, mas claro que não aceitam esta brincadeira da comunicação de maneira nenhuma. Na verdade, um ou dois de nós já fomos ao que vocês chamam reuniões, ou círculos, ou sessões, e fizemos contactos, passámos mensagens. Mas são muito raros. Há muito poucos médiuns com quem se consiga realmente estabelecer contacto ou fazer algo de jeito. Quanto à Igreja, bem, é pena, mas perderam a realidade de tudo isto. Para eles, é algo que aconteceu há dois mil anos e nunca mais aconteceu desde então. Vivem no passado e não percebem que o presente e o futuro são todos o mesmo, na verdade.' Disseram-me que não existe tal coisa como o tempo. 'É uma ilusão.'»

Um padrão começa a emergir. Biggs fez a transição com a sua mãe; Hopkins com a sua mulher; Pritchett com um amigo; Butler e Brooke com guias enviados ao seu encontro. Em agosto de 1966, uma rapariga com sotaque escocês chamada Mary Ivan disse que simplesmente perdeu os sentidos e acordou no outro mundo.

«"Acordei e vi que estava num sítio que parecia um hospital. Pensei: 'O que é isto?' Porque eu estava na minha própria casa, e sabe, eu estava doente na cama, e tinha uma irmã que cuidava de mim. Lembro-me de acordar aqui e estar numa espécie de enfermaria, num hospital, mas muito simpático e limpo. Tudo parecia tão fresco e arejado, e todos pareciam ser tão eficientes e silenciosos. O sol (pelo menos na altura pensei que era o sol) brilhava pelas janelas e havia quadros pendurados nas paredes. Pensei: 'Isto é estranho.'

Depois, uma mulher muito doce veio ter comigo. 'Sabes', disse ela, 'tens apenas de descansar um pouco e em breve estarás bem. Vais orientar-te e passar a conhecer as coisas, e a tua gente virá ver-te daqui a um bocadinho.'

Pensei: 'Isto é estranho. Tenho a certeza de que estava em casa, na minha própria cama, e aqui estou num hospital; por isso, devo ter estado inconsciente e devem ter-me trazido para o hospital.' Depois consegui ver, passado um bocadinho, outras almas deitadas por ali. Havia uma rapariguinha doce ao meu lado numa cama, uma loirinha. Estava sentada a palrar e depois mostrou-me uma ou duas coisas que tinha, uma boneca, uns livros e coisas assim.

'Não é bom estar aqui?', diz ela. 'Sinto-me tão feliz.' 'Sim, é muito bom. Mas o que é que tu tens?' 'Oh, tenho difteria.'

'Bem, não parece nada que tenhas difteria. Estás fresca como uma alface e as tuas bochechas estão rosadas e alegres. Há quanto tempo estás aqui?'

'Acabei de chegar', diz ela. 'Mas estou muito feliz.'

Depois vi a minha irmã a vir na minha direção! Ela morreu muito jovem, quando eu tinha cerca de doze anos. Chamávamos-lhe Kate. Pensei: isto é estranho. A Kate não está cá, a Kate morreu. E ali estava ela.

Aproximou-se de mim e trazia um grande ramo de flores nos braços, flores frescas ainda com o orvalho. E disse: 'Trouxe-te isto. Estamos tão contentes por teres vindo. A Mãe vem em breve, e o Papá também.'

'Não', disse eu. 'Isso não é possível. Como é que vocês estão a entrar aqui? Tu não estás cá, tu estás morta.'

'Oh, não sejas boba', diz ela. 'Eu estou morta, pois estou, e tu também.'

'Como assim, eu estou morta?'

'Estás morta.'

'Não, é impossível', disse eu. 'Eu estou bem viva. Estou num hospital, mas como é que tu entraste? Alguém te viu passar pela porta?'

'Sim, todos me viram passar pela porta, porque estão todos mortos aqui dentro.'

'Não entendo nada disto.'

A pequenina da cama ao lado não parava de olhar para mim. 'É verdade?', diz ela. 'Estamos mortas? E a senhora, ela está mesmo morta também?'

'Bem, ela é a minha irmã e está morta, e se ela está morta, então nós devemos estar mortas, mas estamos vivas. Não percebo isto.'

'Viemos buscar-te', disse a minha irmã.

'Como assim, buscar-me? Tens de pedir autorização ao hospital para eu sair. Mas devo dizer que me sinto tão bem, nunca me senti tão bem em toda a minha vida.'

'Claro que estás bem. Não tens problema nenhum. Tira isso da cabeça. Não estás doente. De qualquer maneira, vou falar com a senhora que está encarregue desta enfermaria.'

Passado um pouco, houve um conciliábulo entre elas e permitiram que eu me levantasse.

'E as minhas roupas?', perguntei eu.

A minha irmã riu-se. 'Não tens de te preocupar com isso. Já as tens vestidas.'

'Como assim, já as tenho vestidas?'

Olhei para mim e lá estava eu, vestida! Não conseguia perceber nada disto, porque não me lembrava de ter vestido nenhuma roupa, nem me lembrava de ter trazido roupa nenhuma. E ali estava eu, de pé ao lado da cama, com um vestido lindo. Era azul-claro com uma faixa e um monte de rendinhas à volta do pescoço. Pensei: 'Não percebo isto de maneira nenhuma.' E o meu cabelo estava todo penteado e bonito.

A minha irmã riu-se e disse: 'Está tudo bem. Eu ajudei-te a vestir, mas tu não soubeste. Também ajudei a pentear o teu cabelo, através dos meus pensamentos.'

'Como é que fazes isso?', perguntei eu. 'Achas que eu vou ser capaz de fazer as coisas pelo pensamento?'

'Sim, claro que vais. Vai levar um pouco de tempo a habituares-te. Mas assim que perceberes isso, através dos teus pensamentos podes alcançar todas as coisas que queres fazer.'

'Achas que é mesmo assim?'

'Sim', diz ela. 'É assim mesmo. Enfim, vamos agora. Vamos ver a Mãe e os outros.'

'Mas eu pensei que tinhas dito que a Mãe vinha cá?'

'Oh, ela provavelmente estará lá em baixo.'

Descemos uma escadaria belíssima, e era como se fosse feita de mármore. Havia todo o tipo de pessoas interessantes a caminhar por ali, todas com um aspeto tão saudável, robusto e bem. E por todo o lado parecia haver — não sei — como se todo o lugar tivesse sido tão bem cuidado."

A voz fez uma pausa.

"Continua, Mary", encorajou Betty Greene. "Isto é imensamente interessante."

Mary Ivan continuou:

"Pois. Descemos estes degraus, saímos por uma espécie de pórtico, descemos mais uns degraus para um jardim deslumbrante. Eu nunca estive nestes sítios luxuosos porque nunca tive posses para esse tipo de coisas, mas dizem-me que não é diferente do que se vê em França em alguns daqueles jardins magníficos com as fontes a deitar água. E havia todo o tipo de pessoas, crianças

também, a correr e a brincar. Depois pensei: que estranho, nenhuma destas pessoas parece deslocada e, no entanto, eu sinto-me tão deslocada.

'Suponho que eles estejam aqui há muito tempo', disse eu à minha irmã.

'Não', disse ela. 'Apenas nestes últimos dias, conforme tu contas o tempo. Estão apenas a aclimatizar-se a tudo e estão à espera dos seus amigos e familiares. Isto é o que chamamos um centro de receção, onde as pessoas vêm com frequência — nem sempre, mas vem muita gente até se aclimatizarem às novas condições de vida e os seus amigos começarem a chegar. Eventualmente, eles vão-se embora. Normalmente, vão viver com a esposa, ou o marido, ou talvez com a mãe e o pai, se não forem casados. Pelo menos, as pessoas que eles mais amam são as que invariavelmente esperam no jardim e aguardam que eles saiam. Claro que alguém, como eu no teu caso, entra para quebrar o gelo, por assim dizer.'

Sabe, ninguém precisa de ter medo de morrer porque é a coisa mais maravilhosa, é a coisa mais emocionante que alguma vez poderia acontecer a alguém. Ninguém precisa de se preocupar com isso."

Ela começou a falar com entusiasmo sobre a sua nova vida. Betty Greene trouxe-a de volta ao fim da sua história.

"Encontraste a tua gente, Mary?"

"Acabei por encontrar, sim. E acabei por ir viver com a minha mãe e, mais tarde, com o meu marido."»

NOVE

Morte Súbita

«"As pessoas que eles mais amam", disse Mary Ivan. "São as que invariavelmente ficam à espera."

Se ela tivesse vivido um pouco mais tarde na Terra, talvez pudesse ter cantarolado: *"Everybody loves somebody, and somebody loves you."*

Alf Pritchett tinha uma irmã perdida há muito tempo, o Sr. Biggs uma mãe, George Hopkins uma esposa e Mary Ivan pais, irmã e marido. Mas quem se poderá encontrar para providenciar um lar celestial a um rapaz novo que morre numa guerra antes de ter tempo de casar, deixando os pais e todos os que lhe eram próximos para trás na Terra?

A resposta surgiu a 16 de julho de 1966. Uma voz masculina jovem anunciou a sua identidade como Terry Smith. Tinha sido pelos ares, disse ele, e afogou-se quando uma granada do *Bismarck* afundou o cruzador de batalha britânico *Hood* nas águas frias e verdes do Atlântico Norte.

"Aconteceu tudo tão de repente", recordou ele. "Nenhum de nós teve realmente uma hipótese. Foi desesperante."

Betty Greene interveio com a sua pergunta de abertura habitual: "Terry, podes descrever as tuas reações quando deste por ti ainda vivo? O que é que te aconteceu?"

"A primeira coisa de que me lembro foi de subir uma rua. Era uma rua que eu nunca tinha visto antes. Ao início, não conseguia perceber que não era uma rua real. Era tudo muito atraente. Árvores lindas de ambos os lados da estrada e casas adoráveis, casas mesmo muito simpáticas. Havia pequenos *bungalows* espalhados aqui e ali, e havia casas maiores, e era tudo tão atraente. Não reconheci o lugar e, no entanto, parecia que podia ser algures, talvez na Califórnia. Tinha visto fotografias de avenidas largas com árvores, relvados inclinados e casinhas bonitas. Não conseguia entender nada daquilo.

Não havia mais ninguém por ali. Era como se estivesse ali sozinho, sabe. Achei estranho. Pensei que provavelmente estava a sonhar, suponho eu. A estrada não me era nada familiar, mas havia algo nela que me dava uma espécie de confiança interior.

Enfim, limitei-me a caminhar e todas aquelas casas bonitas pareciam desertas. Nem um som, sabe. Nada. Depois, quando avancei mais, vi uma

senhora muito doce, uma mulher muito bonita, achei eu. Não parecia ter mais do que uns vinte e oito ou trinta anos — estava parada junto a um portãozinho. Foi a primeira casa com portão que vi, já agora. Todas as outras pareciam não ter portões; subia-se apenas o pequeno trilho até à porta da frente. Pensei: bem, parece um bocado estranho depois de todas as outras casas não terem vedações nem nada.

Enfim, esta senhora — o que era engraçado nela era que parecia jovem, mas eu sentia que era velha — estava encostada ao portão e, quando me aproximei, ela sorriu. Eu parei e ela disse: 'Estás à procura de alguma coisa, filhote?'

Eu disse: 'Sim — bem, mais ou menos, sabe. Não sei bem o que está a acontecer nem onde estou.'

'Oh', diz ela, 'está tudo bem, filhote, estive à espera de ti. Entra.'

Pensei: 'Bem, não tenho nada a perder, por isso vou entrar.' Pelo menos é alguém com quem falar.

Levou-me para a frente — suponho que se chamaria a sala de visitas — era uma salinha simpática, com cortinas de chita e cadeiras muito giras, e tinha um ar muito acolhedor. E estava um gato sentado numa cadeira. Um gato preto lindíssimo. Pensei: 'Gatos? Não se pode estar morto com gatos.'

Ela diz: 'Vem lá, filhote, senta-te.' Então sentei-me na outra cadeira, a que não tinha o gato, percebe.

Ela disse: 'Gostarias de beber alguma coisa?'

Pensei: Bem, isto é que é falar. Se eu gostava de beber alguma coisa! Pensei que ela me ia oferecer uma chávena de chá, ou algo assim, por isso disse: 'Sim, gostava, por favor.'

'O que é que gostarias?'

Pensei: Bem, tenho de ser cauteloso aqui. Não quero parecer que bebo álcool. Então disse: 'Gostava de uma laranjada.'

'Gostarias? Está bem.' Então ela sai e volta com um copo de laranjada.

'Sabes que não tens nada com que te preocupar, filhote', diz ela. 'Estive à espera de ti.'

'À espera de mim?'

'Sim.'

Eu não sabia o que dizer. Fiquei ali sentado e ela diz: 'Sabes que estás morto?'

'O quê?'

'Estás morto.'

'Deixe-se disso. Não posso estar morto sentado numa sala com um gato ali ao lado e a beber um copo de laranjada. E a senhora é sólida e real que chegue. Como posso estar morto? Admito que é tudo um bocado estranho.'

Ao princípio, pensei que estava a ter um sonho ou coisa parecida.

'Não é sonho nenhum, filhote', diz ela. 'Estás morto.'

'Bem, se a senhora diz que estou morto, como é que eu vim aqui parar?'

'Oh, está tudo bem', diz ela. 'Estive a pensar e a rezar por ti, e fiquei encarregue de ti.'

'Como assim, ficou encarregue de mim?'

'Bem', diz ela, 'quando o teu navio se afundou...'

E de repente veio-me à memória. Quando o navio se afundou. A última coisa de que me lembro foi de estar na água a agarrar-me a uma barra de madeira. Meio que pensei que me podia aguentar, mas claro que agora percebo que era desesperante.

'Afogaste-te', diz ela.

'Ah.'

'Há centenas e centenas de rapazes', diz ela, 'que passaram para este lado.'

'Ah, sim?'

'Sim, e cada um desses rapazes tem alguém algures para cuidar dele. Alguns têm a sua própria gente, familiares ou amigos. Outros têm outras almas, e eu sou a que está encarregue de ti', diz ela. 'Tu não percebes, mas foste guiado. Pensaste que estavas a caminhar sozinho pela estrada acima. Mas não estavas. Estavas a ser ajudado pela inspiração de uma alma cujo trabalho é ajudar as pessoas quando vêm para aqui de repente, como tu vieste.'

'Bem, não percebo nada disto.'

'Não te preocupes', diz ela. 'Fica comigo. Eu cuido de ti. Serei como a tua mãe.'

Pensei: bem, já é qualquer coisa. E ela começou a falar sobre a minha gente. Fiquei um bocado abalado, porque ela parecia saber tudo sobre a minha mãe e o meu pai, e como eles se tinham separado, e sobre a minha irmã, sobre nós, por isso digo: 'A senhora é nossa parenta, por acaso?'

'Não propriamente', diz ela. 'Mas fazia parte do meu trabalho saber algo sobre a tua gente, já que tenho de cuidar de ti.'

'Bem, isso é engraçado', digo eu. 'Se a senhora diz que acabei de chegar, como é que sabe sobre os meus?'

'Oh, bem, isso não é difícil. É apenas uma questão de sintonizar.'

'Sintonizar', digo eu. 'Parece a rádio.'

'Pois, nós conseguimos', diz ela. 'Se temos uma razão especial para querer saber sobre uma determinada pessoa ou pessoas, e é um trabalho especial que temos de fazer, e temos algum tipo de ligação necessária para sabermos as coisas, então sintonizamos. Um pouco mais tarde, ainda não, iremos ver a tua gente.'

'Oh, isso seria bom.'

'Claro', diz ela, 'sabes que eles não vão saber que morreste. Quer dizer, não vão saber que estás lá. Vão saber que morreste, mas não vão saber que continuas vivo — que podes observá-los ou ir vê-los. Não deves ficar demasiado perturbado se ninguém te ligar nenhuma.'

'Bem', digo eu. 'Tenho uma tia que é Espiritualista.'

'Oh, isso é bom', diz ela. 'Talvez consigamos passar alguma coisa por esse lado. Nunca se sabe. Teremos de tentar através dela. Por enquanto, deves tentar estar contente por estares aqui. Tenho um filho na terra e espero que um dia, quando ele vier para aqui, possamos estar juntos outra vez. Espero que sim. Mas, entretanto, vou olhar para ti como se fosses o meu próprio filho. Vou fazer tudo o que puder por ti e tentar fazer-te feliz. Não deves preocupar-te, nem deves sentir-te sozinho ou coisa parecida. Um pouco mais tarde, quando estiveres descansado — acho que deves descansar: isto tudo foi um bocado chocante para ti — levar-te-ei lá fora e serás apresentado a todo o tipo de pessoas interessantes na nossa comunidade.'

Um pouco mais tarde, ela levou-me lá fora, e o que parecia ser o sol — embora ela me tenha dito mais tarde que não havia sol, que era uma iluminação da qual todos nós, toda a vida, conseguíamos extrair algum poder... Coisa engraçada sobre a iluminação — isto pode parecer estranho — mas não parecia projetar sombras. Parecia-me que tudo estava agradavelmente brilhante sem ser ofuscante, e não parecia ser necessário fugir da luz, porque a luz era tão

agradável e amena, e não era o que se diria quente. Não se sentia como se estivesse a queimar, mas era um calor agradável.

Enfim, saímos, eu saí com ela. E ela limitou-se a encostar a porta.

'Não vai trancar a porta?', perguntei eu.

'Oh, não há necessidade disso aqui, sabes.'

Disse-vos que, quando subi a estrada da primeira vez, parecia que o lugar estava vazio. Era como uma cidade morta, sem ninguém, e no entanto, tudo parecia arrumado, limpo e fresco, como se toda a gente tivesse ido dormir a sesta. Desta vez, ao subir a estrada, era como se estivessem todos cá fora, parados à porta ou a descer o trilho do jardim. E, valha-me Deus, não tinha avançado muito na estrada antes de ser cercado por pessoas. Todo o tipo de pessoas — a maioria jovens. Um ou dois pareciam ser idosos e, no entanto, olhando agora para trás, percebo que não eram velhos, mas havia algo neles que sugeria que havia idade, e no entanto, não pareciam velhos. Não consigo explicar isso.

Enfim, estavam todos a apertar-me a mão e a chamar-me pelo nome. Achei estranho, toda a gente sabia o meu nome e todos me chamavam Terry como se me conhecessem a vida toda. Percebi depois que há muito pouco que lhes escape se uma pessoa nova entrar na comunidade, ou um grupo de pessoas novas vindas da Terra. Descobri depois que era uma comunidade especial cuja tarefa era ajudar os recém-chegados e guiá-los. E, com a guerra a decorrer, havia imensos jovens a passar para este lado. Enfim, estavam todos à minha volta e a fazer-me sentir bem-vindo, e eu senti-me mesmo como se estivesse entre velhos amigos.

Pensei: Bem, isto é extraordinário. Cheguei a um sítio onde todos pareciam mortos ou ausentes e ninguém se importava. E agora é como se estivessem todos aqui, todos a vir cumprimentar-me. Então perguntei à minha amiga: 'Porque é que, quando cheguei, ninguém me veio receber?'

'Oh', diz ela. 'Isso foi deliberado.'

'Mas porquê deliberado?'

'Isso foi mesmo muito necessário. Foi necessário que viesses direto a mim, pois fui eu a escolhida para cuidar de ti. Os outros sabiam, claro, da tua chegada. E em cada casa por que passaste, embora não tenhas visto ninguém, o amor deles era tão forte que te estava a ajudar. Eles sabiam que o momento certo chegaria, quando te tivesses ajustado e tivesses sido ajudado por mim a ver e a compreender um pouco. Então estarias mais pronto para ser recebido por muita gente. Se estivéssemos todos lá, teria sido demais para ti.'

'Agora que te estás a instalar', diz ela, 'estás a passar a conhecer as pessoas, e o passo seguinte será encontrar-te o tipo de coisa — trabalho — que gostarias de fazer. Mas antes disso, pode ser uma boa ideia voltar à Terra e ver como está a tua gente e ver se há algo que possamos fazer.»

Terry Smith não era um grande problema. Um dia, presumivelmente, ele iria, por sua vez, preparar um lar para a sua mãe, pai ou irmã. Mas como é que o sistema lida com os solitários da vida que nunca desenvolveram uma relação humana bem-sucedida na Terra e que parecem pouco propensos a fazê-lo, sem muita reeducação, no céu?

Uma resposta para isto surgiu a 6 de dezembro de 1965, quando outras pessoas pensavam nas compras de Natal. O silêncio foi quebrado pela voz rouca de um verdadeiro "Steptoe" (sucateiro) da vida real, mas sem filho, que anunciou: «O meu nome é George Wilmot.»

«Já andei por aqui várias vezes», continuou ele, «a ouvir conversas. E pensei que talvez um dia pudesse ter uma oportunidade. Nunca se sabe a sorte que se tem.»

«Sr. Wilmot», respondeu Betty Greene, «pode falar-nos de si?»

«Eu era um mercador de trapos e ossos», disse ele. «Sim. Costumava andar pelas casas a recolher o que quer que tivessem, ganhando uns trocos com isso. Ia sobrevivendo. Suponho que lhe chamariam ganhar a vida!

Ocasionalmente tinha um dia bom e conseguia algo realmente bom e valioso, e ganhava provavelmente uma nota de cinco libras por isso. Mas nunca tive tanta sorte como alguns pensam que têm. Claro que muito disso é conversa, acho eu. De qualquer forma, estou muito feliz por estar fora do vosso mundo. Tive tempos bastante difíceis, contas feitas, embora à minha maneira me tenha divertido. Tive os meus momentos de paródia. Tive duas mulheres, nenhuma delas prestava para nada. Mas ainda assim, talvez a culpa fosse tanto minha como delas, quem sabe?»

«Sr. Wilmot», interrompeu Betty Greene, «como foi a sua passagem? O que aconteceu?»

«Oh, apanhei apenas uma pneumonia num inverno», disse ele, «a andar por aí, sabe. Fiquei com um bocado de tosse e começaram os problemas no peito. E antes que desse por isso, estava no hospital local, sabe. Não estive lá mais do que uma semana. Já não tinha solução, sabe. O meu peito foi sempre um bocado fraco.»

Após uma semana, George Wilmot morreu. A primeira pessoa que viu, disse ele, foi a sua velha Jenny.

«Não», riu-se ele. «Essa deixou-vos a pensar. A Jenny não era nenhuma das minhas mulheres, graças a Deus. Era a minha égua.»

DEZ

Animais

Numa nação de amantes de animais, a morte de um cão, gato ou pónei favorito pode causar tanto sofrimento como a perda de um parente humano. O próximo mundo parece uma perspetiva desoladora e solitária sem eles.

As vozes contam uma história diferente. Nada as surpreendeu ou deliciou mais do que serem recebidas no próximo mundo pelos seus animais domésticos ou de estimação favoritos. Cônjuges e pais eram por vezes esperados. Mas o Rover a correr em círculos era um bónus.

George Wilmot, o sucateiro, um "desgarrado" do matrimónio, separado de duas mulheres que «não prestavam para nada», passou a maior parte da sua visita a recordar o seu espanto ao ser recebido pela sua velha égua.

«A velha Jenny», disse ele, «costumava puxar a minha carroça nos primeiros anos, quando eu estava nos trintas. Fiquei mesmo de rastos quando a pobre velha Jenny colapsou e morreu. Ela era tão próxima de mim como qualquer mulher poderia ser, aliás, mais ainda. Tinha um grande carinho pela velha Jenny. Ela percebia tudo o que eu lhe dizia, tenho a certeza que sim. Era

tão esperta como o que mais. Uma verdadeira beldade. Não era grande coisa para se olhar, suponho eu, no que toca a cavalos, claro, mas era uma pileca mesmo simpática.

A primeira coisa de que me lembro quando acordei aqui foi de estar num — bem, suponho que lhe chamariam um campo. Parecia estar sentado, deitado, debaixo de uma árvore. Lembro-me de acordar. Vi este cavalo a vir na minha direção, e era a minha velha Jenny! Caramba!

Parecia mais nova, claro, e estava tão emocionada e feliz, que se podia sentir e perceber. Não sei dizer como. Isto é algo que não consigo explicar. Mas era quase como se ela estivesse a falar comigo. Foi extraordinário. Não conseguia ouvir nenhuma voz, e não se espera ouvir um cavalo falar, mas era de alguma forma mental, suponho.

Agora percebo que deve ter sido como se ela estivesse a falar comigo e a dar-me as boas-vindas. Veio para o meu lado e estava a lamber-me a cara. Valha-me Deus, nunca esquecerei isto enquanto viver, estava tão emocionado e excitado, a dar-lhe palmadinhas e a fazer-lhe festas. E depois foi como se ouvisse uma voz atrás de mim. Voltei-me e lá estava um tipo com boa aparência. Diria que tinha um metro e oitenta e tal, loiro, jovem. E ele diz: "Vim para cuidar de ti."

"Vieste para cuidar de mim?", digo eu. "O que é que estás para aí a dizer?" Estava tão boquiaberto com a Jenny e o resto.

"Sim, vou cuidar de ti", diz ele. "Fiquei encarregue de ti."

"Como assim encarregue de mim? Sou sempre perfeitamente capaz de cuidar de mim próprio. Sempre tive de o fazer, de qualquer maneira."

"Tu não compreendes", diz ele. "Sabes que estás morto."

Claro que, por um momento, aquilo caiu-me como um raio. E de repente ocorreu-me. Claro, a Jenny tinha morrido há anos, e eu tive outra pileca depois dela, percebe. Um cavalo simpático, mas nunca como a Jenny.

Então ele diz: "Estás morto", e eu pensei: "Bem, não sei o que pensar desta brincadeira."

Depois pareceu-me que ele foi capaz de me mostrar algo. Não sei se ele mo mostrou, mas suponho que sim. Conseguia ver-me deitado numa cama, rígido e teso, sabe, e era como se estivesse a olhar para o meu próprio corpo. E, no entanto, eu não estava lá. Vi-os pôr esse corpo numa maca e levá-lo. E eu ia a caminhar atrás daquele corpo que estava a ser levado, e depois tudo desapareceu e eu estava de volta onde estava com este tipo.

"O meu nome é Michael", disse ele.

"Ah, sim."

"Percebes que estás morto?"

"Bem. Não sei o que pensar."

"Acabaste de ter essa compreensão, não tiveste?, essa visão do teu corpo", diz ele. "Sabes que morreste naquele hospital."

"Bem, agora recordo-me que estava muito doente no hospital, mas como é que posso estar morto se estou aqui a falar contigo e tenho a Jenny?"

"Bem, a Jenny não é uma prova para ti de que estás morto?"

"Bem, parece-me muito estranho. Por outro lado", disse eu, "se estou no céu, se é isso, não se espera encontrar lá cavalos. Eles não têm alma, pois não?"

"Ah, isso é o que te dizem quando estás na Terra", diz ele. "Que eles não têm qualquer tipo de outra vida, apenas a vida material, como lhe chamas. Esse cavalo, devido à proximidade contigo e ao amor e carinho que lhe deste, ganhou algo que o ajuda a prolongar o seu tempo de vida."

Eu não percebi muito bem aquela "brincadeira" de "prolongar o tempo de vida" e tudo o mais.

"Mas enquanto tiveres amor e carinho por esse cavalo", disse ele, "esse cavalo terá uma existência. Os seres humanos não conhecem a sua responsabilidade para com os animais. Desde que estou aqui, há centenas de anos..."

Claro que olhei para ele quando ele disse aquilo. Pensei: bem, isto é um bocado demais, sabe, com aquele aspeto tão jovem, Janota e bem parecido depois de centenas de anos. Pensei que, de qualquer modo, não ficava bem interromper este cavalheiro. Afinal de contas, sentia-me um bocado perdido e pensei que teria de me portar bem.

"Ah", diz ele, "o tempo não é nada, percebes. Estou aqui há centenas de anos, e parte da minha responsabilidade e do meu trabalho é ver e cuidar dos animais. Vou muitas vezes lá abaixo aos fossos."

Pensei o que raio ele queria dizer com fossos e pensei que ele se referia ao inferno ou algo assim.

"Não", disse ele. "Fossos onde têm animais nas minas. Trato deles e tento ajudá-los, mas não há muito que se possa fazer. Aqui deste lado temos grandes planícies onde os animais se congregam e onde há amor e carinho, e onde podem

ser cuidados. As pessoas têm esta ideia estúpida de que, por serem seres humanos, são os únicos que têm direito a uma existência futura, a haver uma. Depois há os religiosos que pensam que deve haver. Existe, mas eles também não têm muita noção disso."

Claro que ele estava a dizer um ror de coisas, sabe, e eu estava a ficar muito intrigado. E enquanto ele falava, eu estava meio a ouvir e meio a pensar em mim. O que é que eu ia fazer, sabe, estando morto e tudo o mais. Era como se ele estivesse a ilustrar as coisas e eu estivesse a tentar absorver. Ao mesmo tempo, não conseguia parar de pensar em mim e nas minhas próprias preocupações.

"Não queres ficar aqui sentado", diz ele. "Vamos caminhar." Então eu digo: "Está bem."

Caminhei ao lado dele e passámos por aquele campo para o que parecia ser uma estrada através de um portãozinho. Era exatamente como se estivéssemos no campo na Terra, sabe. E eu ia a caminhar, com o cavalo a seguir-me.

Pensei: bem, não sei. Parecia tão estranho aquele cavalo a seguir-me. Mas eu gostava tanto dele, e não havia dúvida. Era o mesmo cavalo que eu tivera antes.»

Wilmot foi um dos muitos que ficaram sobressaltados ao encontrar um animal doméstico a viver o mesmo tipo de vida no próximo mundo que vivia neste. Quando Terry Smith, afogado quando o *Hood* foi afundado, entrou no seu primeiro lar celestial, uma das primeiras coisas que o abalou foi ver um gato preto sentado numa cadeira de chita.

«"De repente", disse ele, "este gato fez a coisa mais engraçada. Saltou da cadeira, veio ter comigo, sentou-se nas patas traseiras a olhar para mim, tipo com as orelhas em pé, e não miou, não fez um barulho de gato, mas foi como se a coisa falasse! Olhem que quase caí para o lado, de tão abalado que fiquei.

'Oh, não te preocupes', diz ela, 'vais habituar-te a isso. Os animais por aqui desenvolveram em grande medida a sua capacidade de se fazerem entender. Claro que na terra eles conseguem fazer isso de certa forma, mas nós não os ouvimos falar porque não têm linguagem como nós a entendemos. Mas aqui os pensamentos deles são tais que conseguem fazer vibrar a atmosfera e tu consegues ouvir os sons. São meramente os pensamentos deles a serem transmitidos para que os possas ouvir. Este gato diz: "Como estás?"'

Pensei: por amor de Deus, isto é uma loucura total. Os gatos não dizem "Como estás?". Eu não sabia o que fazer nem o que dizer.

'Não te preocupes', diz ela, 'vais habituar-te a isso. Os animais são muito mais sensíveis do que as pessoas percebem, e têm o seu próprio conhecimento das coisas. Conseguem transmitir pensamentos e captar pensamentos, e vais habituar-te ao facto de que os animais conseguem transmitir muito mais deste lado do que conseguem na terra.'

Lá me ajustei à ideia e disse: 'Muito bem, obrigado.' E pareceu que o gato disse: 'Espero que sejas feliz aqui.' Depois voltou para trás, sentou-se na cadeira, enrolou-se e, pelo que me dizia respeito, foi dormir.»

Um pouco mais tarde, a guardiã celestial de Terry levou-o no seu primeiro passeio pela aldeia para conhecer os novos vizinhos. Não foram sozinhos.

«"Quando saímos", disse ele, "o gato levantou-se, saiu e seguiu-nos. Ia a caminhar como se fosse — bem, como se esperaria de um cão mais do que de um gato. 'Está bem', diz ela, 'anda lá', e continuava a chamar-lhe Nelly. Pensei: 'Nelly é um nome engraçado para um gato. Nunca ouvi falar de um gato chamado Nelly antes.'

'Achas que é um nome estranho para um gato, não achas?'

'Nunca ouvi falar de um gato chamado Nelly. Suponho que não haja razão para que um gato não se chame Nelly tal como se chama Tiddles.'

'Pois Nelly é o nome que a minha mãe deu a este gato.' 'A sua mãe?', disse eu. 'Que idade tem esse gato então?' 'Este gato deve ter agora, a avaliar pela idade material, cerca de sessenta anos', respondeu ela.»

George Hopkins, o agricultor de Sussex, ficou tão encantado como qualquer um deles «por ver o meu velho cão a correr por ali, a abanar a cauda e a dar saltos».

Ele tinha outra surpresa à espera.

«O que está a fazer agora?», perguntou Woods mais tarde na sessão.

«Bem», respondeu ele, «estou muito interessado em gado!» «Ainda têm gado aí desse lado?»

«Oh sim, e temos cavalos. Eu sempre gostei muito de animais e de cavalos em particular. Adoro gado e temos gado aqui. Porque não? Temos pastagens lindas, campos lindos e animais tal como vocês têm. Todos vivem perto da natureza.

Não há matanças. Tenho o meu jardim, que adoro muito. Tenho o meu gado. Gosto de caminhar e gosto de montar a cavalo, que é algo para o qual não tive muita oportunidade, por estranho que pareça, embora trabalhasse na terra.

Nunca parecia capaz de fazer algumas coisas, nem mesmo montar a cavalo. Andar à frente de um cavalo, sim. Mas montar, bem, muito raramente.»

«Acha», perguntou Betty Greene, «que o gado, os animais, têm um grau de consciência mais elevado, esses com que está a lidar? Eles compreendem-no?»

«Sim. Diria definitivamente que sim. Claro que têm. E, por outro lado, acho que quando se está na terra, tem-se tendência a subestimar a inteligência que o gado possui.

Afinal de contas, eles têm os seus sentimentos e emoções, e não são animais desprovidos de inteligência, sabe. Claro que sei que no vosso mundo há uma grande controvérsia sobre se se deve matar animais para alimentação. Não sei o que dizer em relação a isso. Eu teria pensado que era desnecessário, porque há tantas outras formas de alimento que se pode comer e de que se pode viver, e em qualquer caso não acho que seja bom comer carne putrefacta de animal. Não vejo que isso possa ser de algum bem real para um ser humano. E, afinal de contas, acho que um animal tem tanto direito à vida como o homem. Na verdade, mais ainda em muitos casos, creio eu.»

ONZE

Os Casamentos Fazem-se no Céu

O ingrediente mais impossível da morte é a sua finalidade. A finalidade de nos separarmos para sempre de alguém que amamos. O primeiro passo para aceitar a morte é a crença de que maridos e mulheres, pais e filhos, namorados e amigos de uma vida inteira estarão juntos novamente numa vida além-túmulo.

Para além de negar totalmente a possibilidade de vida após a morte, a primeira fase para a rejeitar poderia ser a perspetiva de uma vida eterna amarrado para sempre a um cônjuge ou parente que se detesta. Não se preocupem, dizem as vozes. Aqueles que ama estarão consigo. Aqueles de quem não gosta nunca mais o incomodarão.

«Aqui deste lado», disse Rose, a vendedora de flores, «juntam-se pessoas que se sentem realmente atraídas mutuamente, que têm um grande carinho e amor umas pelas outras... Um marido e uma mulher do vosso lado que se odeiam, simplesmente não foram feitos um para o outro — eles não estariam juntos aqui.»

O Sr. Biggs e Harry, o frequentador de *pubs*, tinham mães dedicadas à espera para os receber e cuidar deles. A mãe de Biggs vivia com a sua irmã favorita. Alf Pritchett foi levado para uma irmã perdida há muito; George Hopkins para a sua esposa. Mary Ivan foi inundada de amor por uma irmã, pais e marido. Ninguém parece ter sido reunido com alguém que não quisesse ver de novo.

O relato de Harry sobre o seu reencontro com a mãe é uma boa notícia para os divorciados.

«"Ah, já agora", perguntei-lhe. "Onde está o Pai?"

"Oh", diz ela, "não estou com o teu Pai."

Claro que aquilo deixou-me siderado! Não que eles fossem propriamente um casal ideal ou coisa parecida. Mas, afinal de contas, eram casados e tudo o mais.

Então eu disse: "Isso é engraçado, porque é que não estás com o Pai?"

"Bem, não precisas de te preocupar com isso, filho", disse ela. "O teu Pai e eu, embora nos déssemos bem, à nossa maneira — éramos bons amigos —, não éramos realmente adequados um para o outro. Não éramos o que se chamaria um casal ideal, na verdade.

Dávamos a impressão, provavelmente até certo ponto, sabe, mas não éramos realmente compatíveis. Não estou com o teu Pai."

Claro que aquilo abalou-me um bocado. Pensei: bem, se havia alguma coisa nesta brincadeira da vida depois da morte, de continuar e tudo o mais, pensei que se estava obrigado a estar com o velho.

"Mas", disse ela, "só estás com aquelas pessoas com quem estás realmente em sintonia. Pessoas com quem estás realmente bem."»

A confirmação de que a incompatibilidade é reconhecida no Céu como motivo para divórcio surgiu em agosto de 1960. Vinda de uma voz que afirmava pertencer a uma mulher cujo rosto esteve outrora na primeira página de todos os jornais da Grã-Bretanha.

Quando uma secretária vivaz e atraente de Hull, chamada Amy Johnson, voou sozinha para a Austrália em 1930, tornou-se a principal aviadora da Grã-Bretanha e a heroína do momento, que inspirou até uma canção popular na época, *"Amy, wonderful Amy"*.

Em 1932, foi a noiva do ano num casamento romântico com um aviador escocês de olhos azuis e dado à bebida, Jim Mollison. A mistura foi demasiado explosiva. O casamento foi dissolvido em 1938. Amy voltou ao seu nome de solteira.

Num dia frio e de nevoeiro, em janeiro de 1941, descolou como piloto de transporte de guerra de Blackpool para pilotar um treinador *Oxford* bimotor da RAF para um aeródromo perto de Oxford.

Nunca chegou.

Ao cair do crepúsculo sobre o estuário do Tamisa, um treinador *Oxford* e um paraquedas foram vistos a cair no mar gelado. Amy Johnson nunca mais foi vista.

A 6 de agosto de 1960, enquanto Woods e Betty Greene esperavam no escuro, uma voz feminina começou a falar, anunciou a sua identidade como Amy Johnson e descreveu as suas sensações quando percebeu que estava morta.

De repente, interrompeu para dizer: «Já agora, o Jim está comigo.»

«Ah sim», disse Woods. «Jim Mollison. Ele pode dizer alguma coisa?»

«Não sei», respondeu ela. «Damo-nos bem, mas não estamos juntos. Mas encontramo-nos. Receio que eu e o Jim não nos déssemos muito bem. Acho que éramos ambos personagens muito fortes. Acho... bem, não vou entrar na minha vida pessoal...»

A frase não foi terminada. Mas o significado era claro.

Cônjuges libertados que mantêm a sua liberdade oferecem uma garantia negativa. Mas e aqueles que deixaram escapar a oportunidade de felicidade na Terra? As vozes dizem-nos que os amantes frustrados ou tímidos têm uma segunda oportunidade de felicidade no próximo mundo e que os pares podem, de facto, ser formados no Céu.

Deixámos George Wilmot, o sucateiro e um desgarrado do matrimónio após duas tentativas sem sucesso, a caminhar com o seu guia e a regozijar-se com a companhia da sua égua favorita.

«"Fomos andando", disse ele. "Passámos pelo que parecia ser um desvio lateral e depois virámos à direita, por um monte de choupos; eles lembram-me de algo, não sei o quê, sabe. E então, de repente, caiu-me a ficha! Claro que me lembro. Era exatamente igual a uma estrada em França quando lá estive na guerra de 14-18. Estas árvores lindas, grandes e altas ao lado. E eu sabia, sem — antes mesmo de lá chegar — que na extremidade disto haveria uma casa muito antiga, e que estaria cheia de pessoas que eu conhecera. Pessoas que foram tão simpáticas comigo quando estive em França, quando estive acantonado.

E era. Estavam lá esta mãe e filha, e o pai. Vieram e puseram-se na ponta da estrada, à beira do portão, a olhar, a acenar que nem loucos para mim.

Pensei para comigo: Bem, não sei. Estas pessoas, creio que devem ter sido mortas, porque tinha ouvido um pouco mais tarde que este lugar tinha sido absolutamente bombardeado, sabe, durante a guerra, e não conseguia tirar aquilo da cabeça. Pensei: bem — tive a sensação de que estavam mortos.»

«E pensei: bem, estou morto e é suposto estar no mundo de um homem morto, por isso estas pessoas devem estar mortas.

Tudo isto passava pela minha mente. Depois olhei bem para eles, sabe, e pude ver que o marido e a mulher pareciam jovens. Eram as mesmas pessoas, mas pareciam mais novas. Depois a minha mente foi para um quadro, dois quadros que eles costumavam ter sobre um aparador. Um era dela e o outro dele, de quando eram novos. Suponho que estariam na casa dos vinte anos, e pareciam exatamente como naqueles dois retratos. E a filha parecia tão jovem como a mãe — mais ou menos a mesma idade.

Eu sentia-me muito atraído e ligado a esta filha e, na verdade, se as coisas tivessem corrido bem, eu teria — bem, dada a oportunidade, tê-la-ia pedido em casamento. Claro que eu não era casado na altura, percebe. E penso sempre — claro que agora sei — mas sempre pensei quando estava na Terra — que talvez essa fosse uma das razões pelas quais os meus dois casamentos não deram certo

— eu sempre carreguei a memória desta rapariga no meu coração, sabe. Sempre achei que ela era uma coisinha tão simpática, doce e gentil, e sempre achei que ela era a pessoa certa para mim, embora mal falássemos uma palavra da língua um do outro.»

Uma surpresa igualmente feliz aguardava Harry Tucker, outrora salteador de estrada, que em 1968 descreveu o seu resgate de uma "peregrinação" espiritual pelos pubs da Terra.

Uma rapariga adiantou-se e pegou-lhe na mão.

«Olhei para ela pela primeira vez», disse ele. «Era um rosto que eu nunca esquecera. Era o rosto de uma rapariga de quem eu, nos meus primeiros anos, gostara muito, a quem fora muito ligado. E enquanto olhava para ela e ela olhava para mim, percebi que, se a minha vida tivesse seguido um caminho diferente e eu pudesse ter casado com ela, tenho a certeza de que teria sido uma pessoa diferente. Não me teria metido em más companhias, nem me teria dedicado à estrada e tudo isso. Sabia que, se ela não tivesse morrido como morreu quando era uma jovem mulher, provavelmente teríamos casado e eu provavelmente teria sido uma pessoa diferente. Teria provavelmente trabalhado na quinta, ou feito algo na zona que me desse o suficiente para nos sustentar. Mas ela morreu, e foi isso que realmente me virou contra tudo e contra todos. Ao pegar-me na mão, ela disse: "Agora podes começar tudo de novo comigo. Vou ajudar-te e vou guiar-te e mostrar-te o caminho."

Caminhei com ela para fora daquele grande castelo e chegámos, pelo que parecia, a um lugar pequeno. Estava à beira de uma — cidade, suponho que lhe chamariam. Uma casinha, como vocês diriam, com o telhado de colmo e um murinho baixo à volta. E havia um sentimento belíssimo, como se tivesse voltado para casa e, no entanto, nunca conhecera aquele lugar na terra.

Ao entrarmos, ela parecia diferente e, no entanto, era a mesma. Mas a roupa dela mudou e, em vez daquele vestido belo e elaborado, ela tinha um de algodão muito simples. Suponho que era algodão. Mas ela continuava a parecer-me a mesma. Esteve à minha espera todo este tempo, vigiando-me constantemente, pensando em mim, tentando levar-me para o caminho certo durante todos aqueles anos. E agora estamos juntos.»

A mais romântica de todas as histórias de amor celestiais, tão consoladora como qualquer conto de ficção no mundo de fantasia das revistas femininas, estava ainda por vir. A 20 de janeiro de 1969, o silêncio no apartamento de Flint

foi quebrado por uma voz feminina com sotaque escocês que anunciou: «O meu nome é Mary Ann Ross.»

«E o que aconteceu, Mary», perguntou Betty Greene, «quando passaste para o outro lado? Quando morreste?»

«Já foi há muito tempo», respondeu ela. «Estava sentada na cozinha a costurar um bocado à luz do candeeiro...»

«Sim, continua.»

«E não me lembro de me levantar da cadeira.»

«O que aconteceu depois, Mary?»

«É muito estranho. Foi como se todo o quarto estivesse cheio de luz e eu conseguisse ver todo o tipo de pessoas à volta. Estavam lá a minha mãe e o meu pai, e o meu irmão que morrera muitos anos antes. E a Nelly — era uma amiga, uma das minhas poucas amigas, que morrera apenas há umas semanas.

Estavam todos no quarto e pensei que estava a ter um sonho sobre a minha gente, e foi a Nelly que veio e me pôs os braços à volta e me beijou no rosto, e era quente e real. E a minha mãe veio, beijou-me também.

Pegaram-me nas mãos e a coisa seguinte que sei é como se estivesse a flutuar pela janela. E depois tudo ficou escuro.

Não me lembrei de nada até acordar e estar numa cama num quarto muito agradável com caibros e vigas e coisas assim, como uma casa antiga. Era acolhedor e amigável, e o sol, como eu pensava, brilhava pela janela. E lá estava a minha mãe, mas ela não parecia a mesma de quando a vi no meu sonho, como eu pensava. Parecia jovem como eu a vira num quadro que costumava estar pendurado no meu quarto, de quando ela casou há muitos anos. E pensei que isto era apenas um sonho.

"Não, não é um sonho", disse ela. "É real. Estás viva agora. Não deves preocupar-te com nada. Em breve, quando recuperares, sairemos e conheceremos todo o tipo de pessoas que conhecias quando eras uma criancinha."

Eu não conseguia perceber que estava morta. Ainda era como um sonho lindo. Depois houve um cão que saltou para a minha cama e isto pregou-me mesmo um susto. Sempre gostei de cães, mas este era um cão que tínhamos tido há muitos anos, que o meu pai adorava e que fora morto por uma carroça. Chamávamos-lhe Nipper, e ver o Nipper saltar para a cama sobressaltou-me. Eu simplesmente não conseguia conceber isto, e a minha mãe disse: "Claro que aqui também há animais."

Eu simplesmente não conseguia aceitar isto de maneira nenhuma. Não conseguia acreditar — quando se foi criada como eu fui, num modo de vida religioso, não se começa a pensar automaticamente que há animais no Céu. Achei que isto era demasiado natural para ser o Céu. Pensei que seria bastante diferente e que seria mais como se vê nos quadros e nos livros religiosos, sabe, anjos e asas. Isto não parecia certo.

A coisa seguinte, devo ter cabeceado. Pelo menos pensei que fora isso que fizera, mas não foi propriamente cabecear. A coisa seguinte que soube foi que estava a caminhar pelo que parecia ser uma ruela, com árvores de cada lado e campos belíssimos, e conseguia ver gado. Lembro-me de caminhar e caminhar naquela estrada e, de alguma forma, sem sentir cansaço. Cheguei ao fim e havia uma bela casa branca e, no entanto, não estava pintada de branco. Tinha uma espécie de brilho como madrepérola.

Ao chegar a esta casa, um homem saiu pela porta e o meu coração deu um salto — isto é, se eu tivesse coração. Mas senti exatamente como se — oh, eu não conseguia acreditar nisto. Era um jovem de quem eu gostara muito e a quem dera uma nega.

Não foi por não o amar. Foi porque percebi que não podia casar com ele, porque isso significava que teria de abandonar os meus pais, que estavam a ficar velhos e a precisar de cuidados e atenção, e achei que não era certo sobrecarregar um homem com os pais de outra pessoa, por muito que ele gostasse de mim. Dei-lhe uma nega e ele nunca casou. Mudou-se da região pouco tempo depois e perdi o contacto com ele durante muitos anos.

Ele saiu da casa e parecia exatamente como parecia há muitos anos, nos seus trintas, alto e moreno. Embora naqueles dias ele tivesse bigode — é tonto como as coisas nos saltam à vista — mas ele já não tinha bigode. Veio a correr pelo caminho do jardim e encontrou-me. E pôs-me os braços à volta. E senti-me como se, pela primeira vez, fosse desejada.

Suponho que, de certa forma, não devesse dizer isso, porque eu era muito desejada pelos meus pais, e gostava muito dos meus pais, mas era um sentimento diferente.

"Finalmente voltaste para mim", disse ele. "Desta vez não me vais dar uma nega."

E eu não soube o que lhe dizer.

Depois, de repente, pareceu que no jardim todas as flores começaram a desabrochar. Não sei como explicar isto sem parecer tonta, mas todas as flores de repente pareceram crescer e foi como se o jardim ganhasse vida. Havia todo o

tipo de flores lá, flores de que me lembro da terra e flores que nunca vira antes. E havia um tufo de flores cor de laranja enormes e altas, como papoilas, mas pareciam continuar a crescer sem parar. E pensei que, se não parassem de crescer, iam ser mais altas que a casa. Pensei como isto é estúpido, estou tão feliz aqui com o Rossi — Rossiter, sabe — e, no entanto, o tempo todo, apesar da minha felicidade e de o encontrar, e de me sentir à vontade e feliz, conseguia ver aquele grupo de papoilas, como eu lhes chamava, a crescerem cada vez mais até ficarem como árvores enormes.

Depois, de repente, as pétalas começaram a abrir-se e começaram a — tipo pender. Quando digo isso, não quero dizer que estivessem a morrer, mas é como se se abrissem e as pétalas se dobrassem para baixo e fizessem uma espécie de guarda-chuva. E havia todas estas belas flores cor de laranja como guarda-chuvas. E nós fomos e parámos por baixo, e era como se através das pétalas destas flores cor de laranja enormes houvesse uma luz belíssima, e parecia ter calor e parecia ter um brilho. E ele estava a sorrir com isto porque eu disse: "Nunca vi flores tão grandes."

"Ah", disse ele, "até tu vires, embora eu tivesse plantado muitas sementes nos meus pensamentos, não foi até tu chegares que soube que teria um jardim de que me posso orgulhar. Estas papoilas, como lhes chamas, são o meu amor que tem estado a crescer todos estes anos em que te tenho vigiado. E agora podemos ser livres. Entra na casa."

Não sei dizer se caminhei ou se flutuei, mas era como se os meus pés nunca tocassem no chão. E lembro-me de entrar na casa e era tal como eu sempre desejara e sonhara. Não era uma casa grande, mas era maior do que qualquer coisa a que eu estivesse habituada e tudo parecia ser perfeito, tal como eu sempre quisera ter para mim. E a mobília e tudo o mais era sólido e real.

"Agora", disse ele, "estamos juntos e agora podemos compensar o tempo perdido."

Nunca me senti tão feliz. Depois pensei na minha mamã e no meu pai.

"Está tudo bem", disse ele. "Já terminaste. Agora tens a tua própria vida para ser partilhada comigo. Mas podemos manter o contacto e podemos ir vê-los sempre que desejarmos, e eles podem vir ver-nos. Tens tanto para aprender."»

As últimas palavras da Mary foram: «O que quer que seja que torna possível eu falar convosco não está tão forte. O poder, ou lá como lhe chamam. Mas estou feliz por ter estado aqui, e permitam-me dizer que espero voltar em breve.»

Ela nunca voltou. Será porque está demasiado ocupada a viver feliz para sempre?

DOZE

A Vida Quotidiana

Morreu. Sabe que morreu. Já recuperou do choque de descobrir que continua vivo. Já se afastou da Terra, chegou ao próximo mundo e instalou-se na sua nova casa.

O que faz agora?

Graças ao questionamento insistente de Woods e Betty Greene, a transição deste mundo para o próximo é uma experiência que sentimos conhecer de A a Z. As vozes conseguem lembrá-la como se tivesse acontecido ontem. Parecem ter uma memória total. Mas quando se trata de descrever o que têm feito desde então, parecem ter perdido ou a memória ou a capacidade de descrição. Ou então é tudo tão diferente que acham impossível colocar em palavras que os mortais terrenos consigam entender.

Em 1953, quando a Grã-Bretanha ainda "recuperava" da Coroação, e dois anos antes da voz que afirmava ser a desencarnada Ellen Terry lhes dar a sua missão de vida, Woods, acompanhado por três amigos, levou Betty Greene de Croydon para a sua primeira sessão com Leslie Flint. A voz que surgiu afirmava pertencer a uma vendedora de flores londrina chamada Rose. Bombardearam-na com perguntas sobre o mundo em que vivia e como passava o seu tempo. Perguntaram-lhe tudo o que lhes vinha à cabeça. Nenhuma das vozes que surgiram depois, por mais famosas ou inteligentes que fossem na Terra, lhes deu tantas respostas práticas ou lhes contou tanto do que queriam saber.

«Como é aí desse lado?», perguntou Woods quando as apresentações terminaram.

«Oh, agora é que me apanhou», respondeu ela. «Pediu-me para descrever o nosso mundo numa linguagem material. Não sei por onde começar. Suponho que, se conseguisse pensar em todas as coisas belas do seu mundo, sem todas as coisas que não são agradáveis, teria uma vaga ideia de como é. Arredores naturais belíssimos, sabe. Flores, pássaros, árvores, lagos...»

«O sol está sempre a brilhar?»

«Sim, sempre a brilhar. Pode pensar que isso se torna um bocado monótono, mas olhe que não.»

«É mais fácil cultivar flores aí do que aqui?»

«Bem, planta-as e elas nascem, mas não há estações.»

«A técnica é inteiramente diferente, então? Não precisa de as regar, por exemplo?»

«Não precisam. Tudo o que sei é que crescem, tipo natural.»

«O seu mundo é muito parecido com este mundo», perguntou Woods, «apenas muito mais belo?»

«Bem, suponho que pelo que eu... atenção, só posso falar do meu lugar particular onde estou. Quer dizer, é um lugar vasto, no seu todo. Quero dizer que há muitas esferas e condições de vida, sabe. Mas onde eu estou é muito parecido com uma bela paisagem campestre inglesa. É o mais próximo que consigo explicar. Mas percebo que há todas as outras formas de natureza, sabe, no que toca a cenários e isso.»

«Têm aldeias e cidades?», perguntou ele.

«Bem, não temos cidades como as entendem. Há lugares onde — suponho que lhes chamariam cidades num certo sentido — onde milhares de pessoas se congregam, sabe. Mas não há autocarros nem elétricos, nem essas parvoíces todas, sabe.»

«Como viajam?»

«Caminhamos, ou se tivermos alguma distância, bem, limitamo-nos a pensar no lugar onde queremos estar, fechamos os olhos e, bem, num fracção de segundo, suponho que se possa dizer, estamos lá.»

«Vives numa casa, Rose?»

«Bem, eu vivo numa casa, mas não se tem de viver. Mas nunca vi ninguém que não vivesse.»

«Que tipo de casas existem? Como aqui?»

«Todo o tipo de casas, querido. Algumas são pequenas casinhas de campo como se veria num pequeno lugarejo rural, e algumas são lugares bastante grandes onde famílias inteiras vivem. A questão é que é uma questão de escolha pessoal de arqui... arquitetura e todo esse tipo de coisas. Claro que as casas são muito reais. Quero dizer que são construídas por pessoas aqui deste lado. Não aparecem apenas, sabe. Não se pensa apenas numa casa de campo e já está.»

«Não, não», murmurou Woods.

«Quero dizer que aqui temos arquitetos e desenhadores e por aí fora, e eles criam e constroem. Não é trabalho duro como é do vosso lado, mas é uma formação real que acontece.»

«Não usam dinheiro aí desse lado, pois não, ou algo assim?»

«Dinheiro! Não se compra nada aqui com dinheiro, pá. A única coisa que se consegue aqui é pelo carácter, e pela forma como se viveu a vida, e pela forma como se pensa e age.»

«Mas eu estava a perguntar-me», perguntou Woods, «como é que eles — sabe — diz que têm arquitetos para fazer o trabalho?»

«Bem, não lhe pagamos. Ele fá-lo porque adora fazê-lo. Adora projetar casas. Adora fazer esse tipo de trabalho, e fá-lo. Da mesma forma que o músico adora tocar violino. Ele sente-se feliz por entreter os seus amigos e as pessoas, e as pessoas que gostam de música formam orquestras e coros.»

«Fazem tudo por amor?»

«Tudo é feito por amor e qualquer pessoa, por exemplo, do vosso lado que nunca teve uma oportunidade na vida, talvez quisessem ser músicos ou artistas, podem estudar aqui deste lado, percebe.»

«Estão a fazer todas as coisas que queriam fazer?»

«Exatamente. Quero dizer, afinal de contas, pense nos milhões de pessoas que passam pela vida e que têm de fazer um dia de trabalho árduo e escravo, e nunca têm oportunidade de fazer nada do que realmente gostariam de fazer — nunca têm tempo, ou nunca tiveram as bases, ou o dinheiro ou a educação — aqui podem dedicar-se a algo que lhes atraia realmente e podem aprofundar o assunto. É uma alegria para eles. É trabalho, mas é uma alegria.»

«Comem alguma coisa?», perguntou Woods, mudando de assunto.

«Temos fruta e frutos secos», respondeu ela. «Temos árvores, quero dizer que temos árvores de fruto, e frutos secos e todas as coisas que associaria ao vosso mundo em relação à comida, mas aqui não se matam animais para comer. Não se come carne de cavalo, nem carne, nem nada disso, sabe.»

«O que fazes com as tuas flores, Rose? Usas as flores para embelezar os sítios?»

«Bem, claro que se pode, se se quiser. Podemos cortar as flores e usá-las nas nossas casas, mas muito pouca gente faz isso passados uns tempos. Normalmente são pessoas que não estão cá há muito tempo. Veem as flores e pensam que seria bom ter algumas dentro de casa e por aí fora. Mas a questão é

que começamos a perceber que não é necessário e talvez não seja uma coisa boa. As flores são naturais. Têm vida. E não é a coisa certa porque podemos ter toda a beleza da natureza e das flores sem as cortar e levar para dentro. E se estivermos sentados em casa e quisermos ver as flores lá fora, não temos necessariamente de ir lá fora para as ver. Podemos simplesmente pensar nelas e conseguimos vê-las. Não sei se isto faz sentido para si?»

«Bem, nós abriríamos portas ou janelas.»

«Pois nós nem temos de fazer isso se não quisermos. Quero dizer que posso estar sentada na minha cadeira e posso pensar para comigo que gostaria de ir ao círculo do Flint, por isso eu simplesmente — er, penso e fecho os olhos e no minuto seguinte, pode-se dizer, estou aqui convosco. Pode parecer um bocado farsante, um bocado estranho, mas não posso fazer nada contra isso. É verdade. O tempo e o espaço não significam nada.»

«No campo do casamento, Rose... ?»

«Oh, caraças, o senhor está a começar uma boa, está, pá! O que é que quer saber, afinal?»

«Quero saber com o que é que prodigalizam afeto aí desse lado?»

«O que quer dizer com isso?»

«Tenho a ideia de que não há casamento?»

«Bem, o que é o casamento? O casamento é apenas uma lei feita pelo homem. Não significa patavina.»

«Pode haver um afeto muito divino nesta Terra, não pode?»

«Oh, valha-me Deus, o senhor percebeu-me todo mal. Não está a acompanhar bem o que eu estou a dizer.»

«Pensei que a estava a acompanhar. Bem, pelos vistos falhei o desvio!»

«Bem, o que eu estou a tentar dizer é que, quando duas pessoas se amam realmente, e são perfeitamente adequadas uma para a outra, e são naturalmente felizes uma com a outra, não é precisa uma lei feita pelo homem, ou uma cerimónia, para as tornar marido e mulher... Não temos leis de casamento aqui.»

«Mas não há crianças, claro?»

«Bem, há crianças aqui deste lado, mas não crianças nascidas de casamentos, pode dizer-se, nascidas aqui. Não é uma coisa física no mesmo sentido em que vocês a entendem.»

«Os animais são mansos aí?», perguntou Woods, mudando de novo de assunto.

«Oh, mansos, querido, valha-me Deus, sim. Suponho que, quando chegam aqui pela primeira vez, possam pensar: oh meu Deus, não gostaria que um leão aparecesse à minha porta, mas não pensariam nada disso. Os animais são tão mansos como o seu gato de estimação.»

«Os animais não se matam uns aos outros, pois não, ou algo assim?»

«"Não, isso é apenas uma coisa material, desejo de comida e fome. O desejo material, nesse aspeto, leva-os a matarem-se uns aos outros, mas isso não existe aqui deste lado, porque o desejo de comida perde-se rapidamente."

"Que coisa boa", comentou Betty Greene. "Nada de cozinhar."

"Oh, é tudo muito bom desse ponto de vista, querida. E, por outro lado, claro, há pessoas que vêm para aqui — quando chegam pela primeira vez, sentem o desejo de comer certas coisas. Bem, elas podem tê-las. Mas depressa perdem o hábito de as querer e, passados uns tempos, tudo isso acaba por passar, pode-se dizer assim."

"Dormem?"

"Oh sim, podes dormir se te sentires inclinada a isso." "Mas não é necessário?"

"Não é necessário."

"Não te sentes cansada?"

"Bem, eu não me tenho sentido cansada, não."

"O que acontece quando te sentes cansada mentalmente? Podes retirar-te e...?"

"Bem, se estás cansada mentalmente, apenas relaxas mentalmente, fechas os olhos, descansas e voltas a abrir os olhos passados uns tempos. Já não te sentes cansada."

"Dizes que não medem o tempo e o espaço. Como é que as coisas passam? Como é que medem o que quer que seja?"

"Bem, não sei. Não há qualquer medição de tempo, pelo que percebo. Não temos consciência do tempo. Eu sei que não consegues conceber — quero dizer, tu pensas: oh bem, tarde, noite e madrugada. Pois essas coisas não nos afetam. Não temos o tempo como vocês o têm, de todo. O tempo, afinal de contas, é apenas uma criação do homem até certo ponto, não é?"

"Têm noite e dia aí desse lado?"

"Não. Embora se possa ter um cair da noite, no sentido de que, se sentires necessidade de descanso, se fechares os olhos, podes entrar numa condição a que, suponho, possas chamar uma espécie de crepúsculo. Não sei como explicar melhor."

"Rose, já visitaste algum outro planeta?"

"Já estive nalgumas das esferas inferiores, querida, mas não estive em nenhum planeta como tu os entendes. Refiro-me aos planetas como os que há sobre a terra. É isso que queres dizer?"

"Marte e Vénus."

"Não, não estive em nenhum desses, querida. Não sei nada sobre Marte e Vénus, nem sobre o resto. Algumas das pessoas com mentalidade científica talvez saibam. Eu não."

Outra mudança de assunto. "Existe tal coisa como lei e ordem aí desse lado?", perguntou Woods.

"Há a lei natural, querido", disse Rose, "que todos começamos a reconhecer logo após chegarmos. Não há leis, nem regras, nem regulamentos como governos e por aí fora, mas há leis que são leis comuns, que todos reconhecemos."

"Compreendo. E há nuvens, e o sol brilha?"

"O sol brilha, sim. Há nuvens no céu de tempos a tempos, esse é o problema — efeitos belíssimos no céu, muito mais maravilhosos do que qualquer coisa com que tenhas sonhado, e não é necessariamente azul. Oh não, às vezes o céu pode ser verde e vermelho, ou todo o tipo de cores magníficas."

"As cores são muito belas aí?"

"Oh, não fazes ideia. Algumas das cores que temos aqui — bem, nunca vi nenhuma na Terra parecida. Não estamos limitados como vocês, estás a ver."

"Roupas, Rose. Usam roupas?"

"Oh, valha-me Deus, ele está a fazer as perguntas certas, não está? Claro que usamos roupas, querido."

"Algo parecido com as roupas que usamos?"

"Bem, não. Eu não uso roupas como as que costumava usar. Não espero que uses um fato como esse quando vieres para aqui."

"Podes descrever as roupas que tens vestidas agora?"

"As pessoas vestem-se com o tipo de coisas em que se sentem felizes. Claro que, nas fases iniciais após a passagem, quando uma mulher morre, digamos, neste século, neste período, elas pensam que aquele tipo particular de vestido lhes é essencial e, durante algum tempo, usam-no. Mas passados uns tempos percebem que é algo sem importância, que talvez, afinal, não lhes fique propriamente bem. Talvez não se sintam felizes com aquilo. E gradualmente mudam a sua perspetiva e, consequentemente, mudam o seu vestuário."

"Bem, neste momento Rose, o que tens vestido?"

"Bem, não sei como te vai soar, querida, mas tenho um vestido branco muito bonito, de alto a baixo. Tem uma espécie de bordado à volta da bainha. Tem mangas compridas, mangas muito largas, e tenho uma espécie de cinto à volta da cintura, de ouro, tipo um cordão, e tenho uma espécie de desenho em toda a volta da bainha do vestido, como um padrão."

"De que material é feito?"

"Bem, suponho que o mais próximo que te poderia explicar seria como uma espécie de seda. E o meu cabelo não está curto agora, como estava. Está bastante comprido."

"Não tens qualquer problema de lavagem e esse tipo de coisas?"

"Não, mas podes nadar. Podes ir para a água se quiseres, mas não ficas suja. Não há pó, nem sujidade, nem lama, nem nada disso aqui, estás a ver."

"Têm o mar da mesma maneira que temos aqui?"

"Bem, eu não vi mar nenhum, mas há rios e lagos belíssimos, não sei. Não vi mar."

"Têm barcos neles e tudo isso?"

"Oh, valha-me Deus, sim. Barcos lindos. Não me refiro a grandes paquetes, mas barcos muito bonitos, como — suponho que se possa chamar — como os que têm em Veneza."

"Tipo gôndolas?"

"Sim, muito bonitas, todas enfeitadas com flores. E às vezes temos uma espécie de — suponho que lhes chamariam galas ou algo do género, sabe, onde fazemos uma celebração — e às vezes na água, tudo iluminado, não iluminado por eletricidade ou gás, ou nada disso, mas iluminado pelas mentes das pessoas. É a única forma que tenho de o descrever."

"Que adorável", exclamou Woods. "E têm cidades?"

"Há cidades belíssimas, sim, mas lá está, não são como as vossas cidades, sujas e encardidas e tudo o mais. Algumas das cidades são absolutamente maravilhosas. E temos teatros e sítios onde temos o que chamariam entretenimento, embora sejam peças. E temos coisas musicais — todas as coisas que têm na Terra em teatros, apenas de uma ordem muito superior. Tudo tem um propósito. Não há nada de frívolo nisso."

"Ainda assim, claro, rimo-nos. Também temos coisas de comédia, sabe. Afinal de contas, não perdemos o nosso sentido de humor por virmos para aqui, sabe. Oh, as pessoas não fazem ideia! Quando me lembro do que me recordo das escolas dominicais e de tudo o resto, onde nos ensinavam coisas completamente diferentes. Diziam-nos com cada coisa, não era, eh?"

"Ainda dizem, infelizmente", disse Betty Greene.

"Imaginem-me só", continuou Rose, "a voar por aí, a tocar harpa! E sentada numa nuvem, sabe. Eles têm umas ideias engraçadas."

"Tenho a ideia de que existe aí uma Escola de Aprendizagem?", perguntou Woods.

"Oh, grandes escolas, museus, lugares onde se pode ir e consultar toda a história das nações e dos povos. Há todo o tipo de lugares maravilhosos. Nada se perde, sabe."

"Falam?"

"Como diz?"

"Falam?"

"Bem, não é necessário, mas as pessoas falam. Mas lá está, é como tudo o resto no desenvolvimento. Depois de se estar aqui há uns anos em tempo da Terra, o vosso tempo, invariavelmente as pessoas avançam e percebem que não há necessidade de falar. Conseguem enviar os seus pensamentos e ser captadas. É uma espécie de telepatia."

"Telepatia muito avançada?"

"Oh, nem queiras saber, querida. Sim, eu ainda não sou muito boa nisso. Espero ser um dia."

"Tenho a ideia", disse Woods, "de que tudo o que as pessoas fazem nesta terra passa para o outro lado. Está correto?"

Rose nunca respondeu. Ouviu-se outra voz a perguntar: «O que disse?». Depois, silêncio, enquanto os assistentes especulavam se ela se tinha ido embora ou se tinha sido expulsa.

"Boa noite", disse ela. "É melhor vir noutra altura." Outra pausa. Depois: "Oh, esqueci-me de dizer 'Feliz Natal para todos vós'."

"Obrigado Rose, o mesmo para ti."

Passados quase dez anos, ela cumpriu a promessa. E voltou para lhes dar outro relato da vida no mesmo canto do seu novo mundo. Mas a Rose era dez anos mais velha, dez anos mais avançada. E a nova vida começava a parecer um bocadinho diferente.

TREZE

A Rose Outra Vez

9 de setembro de 1963. O silêncio foi quebrado por uma voz familiar e feminina, com sotaque cockney. «Olá, Sr. Woods. Olá, Sra. Greene.»

«Olá, Rose», respondeu Betty Greene.

«Como é que sabia que era eu? Eu não disse.» «Reconheci-te, Rose.»

«Oh! Bem, então devo ter uma voz muito distinta, não devo? Não sabia que se lembrariam de mim. Já passou muito, muito tempo desde que falei, sabe. Pensei que se pudessem ter esquecido.»

«Nunca nos esqueceríamos de ti, Rose», respondeu Woods.

«Todo o tipo de pessoas vem falar convosco», disse ela, «semana após semana. Devem apanhar cá uma aglomeração.»

«Ainda temos o teu... Estávamos agora mesmo a passar a tua...» «Eh? Como é que se têm aguentado?»

«Muito bem, Rose. Estamos sempre a passar as tuas fitas.»

«Parecem atrair sempre muita gente», disse Rose. «Sempre que vêm aqui, há sempre multidões. Não tive oportunidade de me aproximar nada há imenso tempo, sabe. Não me esqueci de vós.»

«O que estás a fazer agora?», perguntou Woods.

«Bem», respondeu ela, «passo bastante do meu tempo com os mais novos. Gosto muito de crianças. Faço muita coisa com elas. E gosto apenas de — não

sei — fazer todo o tipo de pequenas tarefas. Sei que parece tonto para algumas pessoas, mas sabe, gosto de pequenas horas sossegadas em que me sento a fazer um bocado de bordado e, oh, ler e tudo isso.»

«Ainda vives na mesma casa, Rose?»

«Sim, e sinto-me muito feliz, não tenho qualquer desejo particular de mudar. Claro que há estas pessoas que estão o tempo todo a querer avançar mais e tudo o mais. Isso não me atrai assim tanto. Suponho que um dia terei o impulso de mudar. Mas porquê? Estou bem. Tenho o meu próprio lugarzinho simpático, todos os meus interesses e amigos.» «Como é a tua casa, Rose?»

«Oh, perfeitamente comum, um lugarzinho muito simpático num ambiente rural, aquilo em que sempre teria gostado de viver, tendo passado a vida toda em Londres. Costumava pensar que seria bom ter — sabe — ir para o campo, reformar-me e tudo isso. Agora tenho exatamente o que queria. Não tenho desejo de mais nada. Suponho que, de certa forma, isso não seja uma coisa boa. Não sei, as pessoas dizem-me que devemos ser sempre ambiciosos. Eu sinto-me perfeitamente feliz com o meu lugarzinho.»

«Tens um jardim, Rose?»

«Tenho, e assenta-me que nem uma luva, e cultivo as minhas próprias flores, e nunca colho nenhuma.»

«Não?»

«Não, deixo-as ficar no seu próprio ambiente natural, e sinto a maior felicidade e alegria apenas em tratar delas e observá-las. Elas parecem nunca morrer.»

«São vida, não são?»

«Claro que são. Têm vitalidade e vida própria.»

«Visitas muitos sítios, Rose?»

«Oh, ocasionalmente, não sou de andar sempre na rambóia. Não me importo de sair ocasionalmente, ver amigos meus e dar à língua. Mas não tenho desejo nenhum por todo este galanteio que se passa com alguns deles. Alguns ficam por um tempo e logo a seguir já se foram. Nunca mais os vemos. Foram para algum lado, para algum outro sítio. Para mim, não!»

«Estás contente.»

«Estou. Algumas pessoas dizem que é mau estar contente, mas não vejo porquê. Acho que é mau estar descontente. E, no entanto, as pessoas dizem que

se não estiveres descontente, nunca progrides, não vais a lado nenhum, sabe. Talvez me venha o impulso de seguir em frente e, no entanto, não vejo por que haveria de desistir do que já tenho por algo de que não sei muito, de que não sei nada, aliás. As pessoas vêm falar comigo às vezes, sabe, sobre diferentes lugares e esferas, como lhes chamam. Parece tudo muito bonito, mas ainda não me sinto instruída o suficiente para isso. Sinto-me feliz onde estou.»

«Como é o teu bungalow?», perguntou Woods para a trazer de volta a um tema prático e a afastar da sua preocupação sobre seguir em frente. «Podes descrevê-lo?»

«Podia o quê?»

«O teu bungalow. Disseste — é uma casa ou...?»

«Bem», respondeu ela, «é uma espécie de lugar pequeno. É num ambiente campestre. Tem quatro divisões, o suficiente para eu cuidar.

O que é engraçado é que nunca se apanha sujidade. Sabe, nunca apanhamos pó nenhum. Não temos de andar a limpar o sítio o tempo todo com um espanador. Parece manter-se sempre bem. Mas lá está, sabe o que as pessoas me dizem? Não consigo digerir isto, não percebo muito bem. Dizem que só apanhamos sujidade e pó no nosso lugar se a nossa mente estiver mal.»

«Sinto-me perfeitamente contente em deixar tudo crescer e fazer o que quiser e nada parece interferir com nada nem com ninguém. Os pássaros vêm ao jardim. São mansos como tudo e ninguém sente vontade de destruir nada. Essa é a parte maravilhosa de tudo isto.»

«Sim, muito simpático, realmente.»

«E depois falam em mudar. Mas suponho que esteja tudo bem para algumas pessoas intelectuais que querem progredir de uma forma diferente, sabe. Mas eu sinto-me feliz como estou. Porque haveria de mudar? Estão sempre a dar-me cabo da cabeça para eu fazer — sabe — tipo começar a pensar em fazer mudanças, mas eu não me vejo a fazer isso.»

Ela voltara à sua velha preocupação. Woods desviou-a de novo.

«Rose», disse ele, «na tua última fita disseste que não tinhas visto nenhum mar. E agora, viste algum desde que temos...?» «Não vi mar nenhum e não quero ver mar nenhum.» «Ainda vais aos lagos? Disseste... os lagos... e...»

«... Com os barcos», ajudou Betty Greene.

«Oh sim, tenho ido aos lagos. Gosto disso porque é calmo e plácido. Não há daquelas coisas agitadas, sabe. O mar nunca foi a minha praia.»

«Alguma vez vais às cidades? Disseste que havia cidades.» «Oh, há cidades grandes, como lhes chamariam, ou cidades. Ocasionalmente, sim. Mas é tudo tão diferente. Quer dizer, não se veem lojas. Não há nada por que ir, a menos que se seja realmente do tipo citadino. Se quisermos estar entre muita gente, suponho que automaticamente sentimos que é necessário estar numa cidade.»

«Algum vizinho por perto?»

«Oh, há pessoas, naturalmente, que vivem por aqui e por ali, que têm uma perspetiva muito parecida com a minha. Provavelmente é por isso que elas estão ali e eu estou ali com elas. Juntamo-nos ocasionalmente. Somos felizes à nossa maneira. Sinto-me perfeitamente feliz por relaxar e estar sossegada. Aprendi a ler, algo que não conseguia fazer muito quando estava do vosso lado. Aprendi o meu abecedário e por aí fora e agora já consigo ler e arranjo livros. Há pessoas que me trazem livros e às vezes consigo emprestar-lhes alguns dos meus. Sentamo-nos, conversamos e lemos. E sei que isto vos vai surpreender, mas até já fui ao cinema. Eu não me importava nada de ir ao cinema quando estava do vosso lado e às vezes vou com alguns amigos.»

«Podes descrever alguns desses filmes?»

«Oh sim. Podemos ver coisas, por exemplo, que vimos do vosso lado, filmes de que gostávamos muito. Mas muitos deles têm uma espécie de moral, suponho que se chamaria assim, e são muito interessantes e ajudam muito.»

«Como são os campos e as coisas por aí? São muito belos?»

«Oh sim, deslumbrantes. Temos uma relva verde magnífica e sei que vos vai surpreender se vos disser que temos campos de trigo.»

«Têm?»

«No entanto, o que é engraçado, sabe, é que não temos estações. Não no mesmo sentido que vocês têm. Por exemplo, nunca vi nada a que eu chamasse chuva.»

«Não viste? Sem chuva?»

«E nunca soube o que era estar realmente sombrio. Tão-pouco soube o que era estar excessivamente quente. É sempre muito agradável. Uma atmosfera quente e agradável. E, no entanto, nunca vi o sol. Por isso, não acho que a nossa iluminação e luz possam vir do sol, porque nunca o vi.»

«Rose, a relva é igual à nossa ou tem uma textura mais fina?»

«Bem, é elástica sob os pés e é muito, muito agradável. Um verde belíssimo. E já estive em sítios onde as flores são tão altas que — oh, eu diria que

têm uns bons sete ou oito pés de altura. É como caminhar através de uma floresta delas.»

«A sério? Rose, o que fazem com o trigo? Cortam-no ou fazem alguma coisa com ele?» «Bem, não, não parece ser — não sei, nunca o vi ser cortado e, no entanto, parece estar sempre lá.» «Nunca viste fazer pão com ele?»

«"Não, e isso é outra coisa engraçada. Claro que não sinto o impulso de comer. Senti quando cheguei aqui pela primeira vez, mas era sobretudo fruta e esse tipo de coisas que se comia; mas suponho que, à medida que se perde o desejo por algo, percebemos que não é assim tão importante, e então isso deixa de existir para nós. Mas eu sempre fui fã da minha chávena de chá, e ainda gosto dela e tomo-a. Agora suponho que as pessoas dirão: de onde é que vem o chá? Vem de algum lugar do vosso lado? Bem, claro que deve vir de algum lugar deste lado, por isso deve ser cultivado e deve ser fabricado, não deve?"

"Como é que o consegues?", perguntou Woods. "Apenas pensas que queres uma chávena de chá e ela aparece?"

"Bem, é uma coisa engraçada, sabes. Não tenho consciência... não vou para uma cozinha, ponho uma chaleira ao lume e faço uma chávena de chá nesse sentido. Mas se sinto necessidade de uma chávena de chá, agora tudo o que posso dizer é que ela está lá."

"Bem, isso é muito simpático."

"Claro", continuou ela, "algumas pessoas dizem, e até pessoas aqui deste lado dizem que não é uma realidade. É apenas porque eu acho que é necessário que o tenho, e que isso é tornado possível. Mas quando eu perder o desejo pela chávena de chá que estive habituada a tomar toda a minha vida, ela deixará de existir para mim. Vou dizer-te a verdade honesta: essa é uma das razões pelas quais tenho medo de ir longe."»

Rose dispersou-se em mais um monólogo sobre o seu medo de seguir em frente. Woods ouviu pacientemente, esperando por uma pausa para mudar de assunto. Depois interveio com: «As árvores e as flores, elas dão flor aí?»

«"Oh sim, as árvores são lindas, e o desabrochar de algumas delas é belíssimo. E o perfume! O aroma é maravilhoso."

"E têm música belíssima desse lado, não têm?"

"Oh sim. E tenho ido a muitos concertos e coisas dessas. Música belíssima. Não intelectual, mas agradável, sabes. Não é aquela porcaria de *jazz* que têm aí do vosso lado, mas coisas agradáveis, sabes. Realmente simpáticas. Não oiço muita música religiosa. Costumava dar-me os nervos às vezes."

"Rose, disseste que fazias bordados", interveio Betty Greene. "Fazias alguma da tua roupa?"

"Sim, faço. Fiz bastantes coisas e as pessoas trazem-me material. Um cavalheiro muito simpático que conheci aqui, oh, ele é um homem adorável. Ele tem uma posição elevada, mas visita, visita alguns dos meus amigos também. E nunca vem de mãos vazias. Oh, é muito generoso. Sinto-me sempre um bocado embaraçada, na verdade, porque penso: o que diabo lhe posso dar eu? Mas ele parece trazer sempre algo. Não há muito tempo trouxe-me um pedaço de tecido belíssimo. Um tom de azul adorável, era mesmo a cor de que eu gosto. 'Isto é para ti, Mãe', diz ele. 'Vai dar-te um belo conjunto'."

"Quando caminhas pelo campo, vês animais?"

"Oh, tenho visto animais nos campos, claro que sim. E não tenho medo deles. Aqui eles são tão mansos... E é quase como se pudessem falar connosco. Claro que eu nunca suportei bichos rastejantes como sapos. Não vi nenhum desses, e dizem-me que estão numa vibração muito baixa ou lá o que é. Não sei o que querem dizer, mas não existem aqui. E não vi nada como mosquitos ou moscas. Mas vi borboletas, o que é estranho."

"Aposto que são lindas também."

"Oh, lindas, belíssimas. Dizem-me que não — lá está, elas nunca morrem. Coisa engraçada, aqui não se morre, sabes. Nada morre. Quando cheguei aqui pela primeira vez, assim que me instalei, pensei: bem, quanto tempo é que isto vai durar? Perguntei-me se era outro tipo de vida onde se continua por tantos anos, ficamos antigos outra vez e depois batemos as botas. Perguntei-me se haveria algo além disso. Mas aqui não se morre. É muito peculiar.

Parece que se pode continuar e continuar e continuar, e depois ficamos fartos, ou cheios disto, ou achamos que já sabemos tudo o que há para saber ou tudo o que queremos saber de onde estamos, e então podemos simplesmente entrar numa espécie de sono ou algo assim, e passamos para um... claro que tenho um medo de morte disso, de certa forma. Não quero ir, sabes. Muitos dos meus amigos dizem que eu devia, mas não vejo sentido nisso."

"Disseste que o teu cabelo estava comprido, da última vez", disse Woods, orientando-a de volta ao presente.

"Oh sim, como estava antes de eu o cortar. Não que alguma vez o tivesse tido mesmo curto ou algo do género."

"Já conheceste o Rev. Drayton Thomas?", perguntou Woods. "Ele comunicou uma vez."

"Oh, ele. Sim, lembro-me dele. Sim, vi-o muito a certa altura. Não o tenho visto ultimamente. Acho que provavelmente seguiu em frente, sabes. Na terra costumávamos dizer: oh, coitada da fulana, ela partiu, sabes. Bem, aqui é mais ou menos o mesmo, porque alguém aparece e diz: sabem que mais? O fulano seguiu em frente. Claro que isso significa que avançaram um bocado."

"Para outra esfera?"

"Sim. Perdi alguns dos meus amigos assim. Seguiram em frente. Mas eu não sei, como digo, eu fico por aqui."

"Têm cavalos aí?", perguntou Woods antes que ela voltasse ao seu tema favorito.

"Sim, cavalos belíssimos, adoráveis."

"Sabes montar, Rose?"

"Oh, eu não! Pôr-me em cima de um cavalo! Oh, valha-me Deus, pá. Não me apanhavam em cima de um. Gosto muito deles à distância. Tenho um bocado de medo de cavalos. Sempre tive. Imaginem só — verem-me a galopar num cavalo!"

"Como são as cidades?"

"Oh, belíssimas, devo dizer. Não que eu viva numa. Mas estão muito bem planeadas, isso hei de admitir. Jardins belíssimos e todo o tipo de parques e lugares, especialmente para as crianças.

E todo o tipo de edifícios, lugares grandes onde dão palestras, e bibliotecas para livros e coisas. E lugares onde podemos ser entretidos. Tudo muito simpático. Nada de ordinário. Nada de barato nem de mau gosto. Tudo coisas de classe, mas divertidas, sabes. Já fui a um ou dois dos teatros aqui, vi peças. Vi imensas pessoas famosas de quem costumava ler, pois eu nunca ia muito ao teatro. Não tinha posses. Ocasionalmente ia lá para cima para o galinheiro e via uma ou duas das velhas estrelas. Vi bastantes aqui. Muitas delas continuam a fazer o mesmo tipo de trabalho."

"As cidades são coloridas?"

"Sim, belas — er — coloridas sim, mas depende do que queres dizer com coloridas. Não quero dizer que as casas ou os edifícios estejam todos pintados de vermelho, branco e azul."

"Não, não. Mas a arquitetura?"

"Oh, é muito simpática e variada, sabes. De todo o tipo." "Como é a pedra?"

"Bem, a pedra parece — não sei — parece-me madrepérola."

"Oh, que deslumbrante", exclamou Betty Greene.

"Quase que se pensaria que era feita de madrepérola. Encontram-se todo o tipo de tons adoráveis."

"Como chamarias ao pavimento? Feito do mesmo tipo de pedra?"

"Bem, parece pedra, mas não sei se é pedra. Ah, e há outra coisa. Não há trânsito. Não há carros, nem motas, nem nada disso. As pessoas estão todas contentes por caminhar. Ninguém anda de transporte. Não há necessidade disso. Não há esforço nenhum em caminhar aqui."

"Não. Mas se quiseres percorrer uma distância, vais pelo pensamento, não é, Rose?"

"Não sei se se vai exatamente pelo pensamento. Não, suponho que seja mais sentires que queres ir a um determinado lugar e dares por ti lá. Sem esforço." "Têm bosques aí? Sabes, bosques lindos?" "Espero que muitos dos teus familiares estejam aqui, sim?" "Eu referia-me a bosques, árvores... "

"Eu sei o que queres dizer, querido. Estava só a meter-me contigo! Sim, claro, bosques lindos. Oh, é um lugar maravilhoso. Ninguém precisa de ter medo de morrer. É algo que todos deviam ansiar, e perceber que, a menos que tenham algo terrível na mente — sobre a consciência — ou no passado... Claro que suponho que toda a gente tenha algum esqueleto no armário. Mas a pessoa comum não tem nada com que se preocupar ao vir para aqui.

Quero dizer que até os muito perversos, pelo que ouvi dizer, embora seja muito triste e provavelmente, num sentido, muito mau para eles, ainda assim não se perdem, pobres queridos. São ajudados e guiados e, eventualmente, saem da escuridão.

A pessoa comum não tem nada com que se preocupar. Quero dizer, eu não era particularmente boa e não era particularmente má. Mas devo dizer que me safei bastante bem e é por isso que não quero mudar.

Toda esta mania de andar sempre a mudar, as pessoas têm uma obsessão por isso. Algumas pessoas não sabem quando estão bem, pois não?"

"Bem, agora estás a viver a vida, Rose", disse Woods, "que sempre quiseste viver?"

"Sim, estou. E é por isso que não me sinto disposta a fazer qualquer mudança."

"Estás muito feliz onde estás?"

"Muito feliz. Bem, tenho de ir. Enfim, cuidem-se. E fico contente por saber de todo o bom trabalho que estão a fazer."

"Vem ver-nos outra vez", pediu Betty Greene.

"Certamente que sim, Betty querida. Tudo de bom para ti, George. Adeus, adeus."»

Mais uma vez, ela cumpriu a promessa. Mas quando os veio ver da vez seguinte, estava ainda mais feliz. Uma grande preocupação tinha-lhe sido retirada. Afinal, as mudanças não pareciam assim tão terríveis.

CATORZE

Uma Conversa com Oscar Wilde

Rose é feliz. Mas uma vida que traz contentamento a uma vendedora de flores analfabeta significa tédio para um ator, escritor ou político. Como publicidade para o Céu, ela tem as suas limitações. Não haverá nada mais por que ansiar na vida eterna do que infinitas chávenas de chá e palreado com os vizinhos, pontuados por passeios ocasionais e visitas ao cinema?

As vozes sugerem que sim. Mas os espíritos instruídos são, infelizmente, escassos em detalhes.

É uma característica curiosa e frustrante dos comunicadores intelectuais que, embora muitos afirmem ser personalidades famosas e dotadas, nomes de sucesso e por vezes familiares na Terra, parecem estar demasiado preocupados com a moral e os problemas deste mundo para serem capazes de descrever exatamente como passam o tempo no próximo.

Dois deles disseram o suficiente para reequilibrar um pouco a balança. E sugerem que pode haver mais na vida que nos espera do que estar sentado a conversar em casas e jardins ideais dos nossos sonhos, sem pó e que não dão trabalho.

A 9 de fevereiro de 1957, o silêncio foi quebrado por uma voz com um sotaque americano familiar.

«"Creio que ainda não tive o prazer de falar convosco", começou ele.

"Sim", respondeu Betty Greene. "É o Lionel Barrymore, não é?"

"Sim", disse ele. "Como é que sabia?"»

Pouco mais de dois anos antes, em novembro de 1954, Lionel Barrymore, o filósofo ranzinza do mundo do cinema, estava a ver televisão na sua casa em Hollywood quando colapsou com um ataque cardíaco.

Foi levado para o hospital, entrou em coma e morreu. A estrela de inúmeros filmes famosos dos anos trinta e o Dr. Gillespie original de *Doctor Kildare* silenciou-se. As suas últimas palavras relatadas, pouco antes do ataque o atingir, foram a última condenação desesperada da vida que Shakespeare pôs na boca de Macbeth:

A vida não é mais do que uma sombra que caminha, um pobre ator

Que se pavoneia e agita a sua hora no palco,

E depois não se ouve mais nada.

Agora, Betty Greene estava convencida de que ouvia a voz de Barrymore novamente.

Woods juntou-se com a pergunta habitual: «Quando passou para o outro lado, como encontrou as coisas? Encontrou um mundo semelhante a este?»

«"Bem, não diria semelhante", respondeu Barrymore. "Em certos aspetos semelhante no que toca à natureza. Mas certamente não vi elétricos nem automóveis, nem nada desse género. Mas, por outro lado, percebo que nas esferas inferiores, mais próximas da terra, essas coisas existem. Tudo é uma questão do estado de espírito das pessoas que habitam aquele lugar em particular.

Quando cheguei aqui pela primeira vez, lembro-me muito bem de acordar numa espécie de — bem, só posso descrevê-lo como um jardim belíssimo. Não muito diferente de um jardim de que eu gostara muito na minha juventude. E o meu pai e a minha mãe estavam lá. Quando abri os olhos, lá estava a minha mãe, tal como eu a recordava de quando era uma mulher muito mais jovem. Foi uma experiência maravilhosa.

Depois, uma multidão de outros amigos veio apresentar-se a mim. Pessoas que eu conhecera nos meus anos de juventude.

Pareceu-me, na minha primeira experiência, que estava a encontrar pessoas que conhecera lá atrás, quando era um rapaz muito novo. Como sabem, quando comecei a envelhecer, tinha uma perna má e problemas de um lado e do outro, e muitas vezes costumava sonhar acordado com a minha juventude. Suponho que, ao passar para o outro lado, os meus últimos pensamentos terrenos tivessem a ver com os meus primeiros anos.

Tenho aqui um cão de que eu gostava muito. Se alguém me tivesse dito há anos, na terra, que os animais existiam depois da morte, eu não teria acreditado. Nunca acreditei realmente que cães, gatos e cavalos tivessem alma. Percebo agora que somos muito responsáveis pelo reino animal e que eles dependem muito mais de nós do que percebemos.

Não sei se me conseguem ouvir?"

"Sim", disse Woods. "Ouve-se muito bem. Tenho um gravador a funcionar, por isso está a ficar tudo registado."

"Ah, sim, têm um gravador. Claro que sabem que tenho o meu irmão John comigo? Nem sempre nos demos bem na Terra, mas damo-nos muito bem aqui."

"Como passa a vida aí desse lado?", perguntou Woods. "O que faz?"

"Bem", respondeu ele. "Ainda estou interessado no teatro. Temos entretenimento, suponho que lhe chamariam isso, embora não seja exatamente isso. Tudo o que fazemos aqui tem um motivo, tem um propósito. Cada peça que é produzida, e tudo o que é alcançado e feito aqui, tem um propósito real — não apenas dar prazer e entretenimento às pessoas.

Por exemplo, levamos tipos de peças a que chamariam 'autos de moralidade' para as esferas inferiores, e reproduzimos a vida de certos indivíduos que talvez vejamos na audiência. Ajuda-os a verem-se como realmente são. Consequentemente, começam a pensar mais profundamente e isso ajuda-os a orientarem-se e a desejarem uma existência melhor.

Conheci aqui o Flo Ziegfeld e um grupo de outros que ainda produzem o que chamariam uma espécie de extravagância (*extravaganza*). Pelo menos essa era a palavra que costumávamos usar nos Estados Unidos. Com isto não quero dizer uma espécie de *Folies Bergère* — não me refiro propriamente a isso.

Aqui tratamos a natureza no verdadeiro sentido e da maneira correta. Aqui estamos muito conscientes das grandes dádivas que nos foram concedidas em todos os sentidos e de todas as formas. Todo o tipo de pessoas aqui encontra todo o tipo de trabalho interessante para fazer. Há alguns que criam roupas belíssimas, outros que desenham quadros lindos ou talvez cenários para as nossas peças. Há outros que compõem música grandiosa.

Ouvi música aqui que está muito longe de tudo o que alguma vez ouviram na Terra — orquestras com várias centenas de pessoas e cada uma delas um artista. Aqui, alguns dos grandes compositores compuseram novas obras, tão magníficas que eu não conseguiria começar a descrevê-las. Enquanto tocam,

pode-se ver a atmosfera a mudar de luzes e cores. É uma visão magnífica. Oh, eu podia continuar a contar-vos todo o tipo de coisas."

"É muito interessante", disse Woods de forma encorajadora. "Que tipo de teatros existem? Como são? São como os teatros na Terra?"

"Sim. Alguns são muito parecidos com os teatros na Terra e outros estão muito distantes. Temos um tipo de teatro muito parecido com o que veem na Terra, com teto e alcatifas belíssimas, e o auditório magnificamente equipado e tudo o mais. Também temos grandes anfiteatros ao ar livre, suponho que lhes chamariam assim, em ambientes naturais. Aqui são produzidas todo o tipo de peças. Grandes peças desde os tempos mais remotos, e por homens e mulheres aqui que fizeram uma arte da escrita, da produção e da representação.

Todas as grandes peças de Shakespeare são produzidas aqui e, o que é mais interessante ainda, peças novas, peças maiores, muito maiores do que quaisquer que conheçam na Terra. E ele continua a escrever e a produzir — e a representar também. O mesmo acontece com Spenser, e com todos os grandes nomes daqui."

"Ainda escrevem peças no mesmo estilo de antigamente?", perguntou Woods.

"Não. À medida que se ganha mais experiência numa nova existência, naturalmente o estilo muda. Se Shakespeare vivesse hoje, escreveria grandes peças como escreve aqui deste lado, mas claro que seriam no idioma moderno. Ele teria escrito material muito superior a qualquer escritor moderno. Às vezes volto à Terra e vou aos vossos teatros, observo a representação e as peças. Com poucas exceções, a maior parte é bastante má."

"Conheceste Shakespeare?", perguntou Woods.

"Conheci Shakespeare, e posso resolver a discussão de uma vez por todas. Não há dúvida nenhuma: ele escreveu as suas próprias peças. Isso não quer dizer que às vezes não usasse peças antigas e as remodelasse. Mas podem acreditar em mim que, quando têm uma peça de Shakespeare, é de Shakespeare.

"Conheceste algum cantor famoso aí desse lado?" "Claro, conheci muitos cantores famosos aqui."

"Kathleen Farron. Conheceste-a?"

"Quer dizer Kathleen Ferrier. A jovem senhora inglesa que passou para o outro lado há alguns anos. Sim, conheci-a, com certeza. Ela é uma alma magnífica e tem uma voz maravilhosa. Sabem, metade do charme dela não era apenas a voz, mas a sua personalidade e carácter maravilhosos. Transparecia na voz. Ouvi muitos grandes artistas na Terra, mas conheci-os como sendo

autênticos gatos selvagens nos bastidores — oh, completamente diferentes da sua voz. Mas esta de quem estão a falar era bem diferente..."»

Queria ele dizer "tem" ou "tinha" uma voz maravilhosa? Se nos conseguimos comunicar pelo pensamento, sem falar, será que ainda se canta no Céu? Teremos de esperar. Barrymore fez uma pausa. Depois: «"Lamento ter de interromper assim, mas é um esforço considerável falar longamente. Voltarei a falar convosco noutra altura. Uma das razões pelas quais não volto com muita frequência é que fico farto destas pessoas que estão o tempo todo a pedir para falar com a Fanny e o Charlie. Percebo que têm de ter provas e evidências no início, mas algumas destas pessoas continuam e continuam e parecem nunca estar satisfeitas."»

«"A isso é que nós chamamos uma 'sessão da Tia Fanny'", disse a Sra. Greene.

"Pois bem, não querem nada disso."

"Queremos algo nestas gravações", confirmou Woods, "que possamos passar às pessoas e ensiná-las."

"Bem", disse Barrymore, "podem passar estas gravações aos vossos amigos e àqueles que estiverem interessados, e posso dizer com toda a sinceridade que, se procurarem, verdadeiramente encontrarão. Estarei convosco. Adeus."»

O novo mundo de Barrymore parece muito mais satisfatório e emocionante do que o de Rose. Mas têm muitas semelhanças básicas. São as duas personagens e os seus interesses que são diferentes. Continuam a ser reconhecidamente os mesmos que eram na Terra. Mudaram apenas pelo que aprenderam desde que morreram.

As pessoas desenvolvem-se no seu novo mundo. Mas parecem levar muito tempo a mudar. Uma confirmação marcante e inesperada disto surgiu cinco anos e meio depois, a 20 de agosto de 1962.

«Estou encantado por estar aqui», começou ele.

«Estou tão contente», disse Woods.

«Não tenho a certeza absoluta se me conseguem ouvir», continuou a voz.

«Vamos lá, amigo», encorajou Betty Greene. «Está a sair-se muito bem.»

«Visto que», disse a voz, num tom ligeiramente trocista, «não estou a fazer rigorosamente nada neste momento, não vejo como podem considerar que me estou a sair extremamente bem.»

«Pensámos», explicou Betty Greene, «que estaria a dizer algo e que nós não o tínhamos ouvido.»

«Nunca fui conhecido por não dizer nada.»

«Por favor, pode dizer-nos o seu nome?»

«Se não pudesse dizer algo de valor», continuou a voz, «então preferiria não dizer nada.»

«Quem fala, por favor?»

Betty Greene foi desdenhosamente ignorada.

«Isto é extraordinário! Por outro lado, estar morto é um assunto extraordinário, especialmente quando se fala com pessoas na Terra que supostamente estão vivas e são, consequentemente, muito maçadoras e opacas! Que assunto extraordinário este é!»

Um «Sim» intrigado vindo de Woods.

«Parece ter havido um grande interesse nas minhas obras, ultimamente...»

Outra pequena pausa.

«Amigo», tentou Betty Greene novamente, «pode dizer-nos o seu nome, por favor?»

«O meu nome causou-me uma grande quantidade de problemas quando eu estava do vosso lado.»

«Quando passamos estas fitas a outras pessoas», explicou Woods, «elas perguntam de quem se trata.»

«Podem dizer-lhes que é o Coronel Bogey!»

«Não creio que eles apreciem isso», disse Woods. «De qualquer forma, amigo, estamos muito satisfeitos por o ter connosco.»

«Tenho a certeza de que estão muito mais satisfeitos por me terem do que eu por vir. Ou, pelo menos, seria talvez mais correto dizer que estou bastante feliz por vir, mas certamente desejaria que fosse muito mais agradável tentar conversar, passar-vos os meus pensamentos através deste método particular de comunicação. É como usar um ator do vosso lado.»

«Ah», disse Betty Greene. «Escreveu peças.»

«Oh, mais vale que saibam. O meu nome é Wilde.»

«Oh», disse Woods. «Li os seus livros.»

«Que afortunado é! Suponho que deveria sentir-me altamente lisonjeado. Não que esteja a receber quaisquer direitos de autor. Sem dúvida que pertence a uma biblioteca muito boa.»

Era altura de Betty Greene lançar uma das suas perguntas de rotina. «Sr. Wilde», disse ela com firmeza, «pode falar-nos um pouco da sua vida do outro lado? O que faz?»

«Devo admitir», respondeu ele, «que é um alívio ser convidado a discutir a vida aqui em preferência à minha própria vida na Terra. Porque, em todo o caso, a minha vida quando estava na Terra é sobejamente conhecida entre os coscuvelheiros. Se eu vos dissesse que a minha vida aqui não é diferente da minha vida na Terra, provavelmente ficariam horrorizados. Mas acontece ser perfeitamente verdade. E não tenho quaisquer arrependimentos sobre isso! Sou perfeitamente feliz e estou perfeitamente contente, e vivo uma vida de pecado delicioso. Mas apenas como o mundo vê o pecado. Aqui já não é pecado ser humano e ser natural. Mas na Terra, ser natural é ser pecaminoso. Aqui deste lado pode-se ser pecaminoso porque é natural. O mundo tem ideias estranhas sobre o pecado. Vivo uma existência natural aqui e sou perfeitamente feliz.»

«O que faz?», insistiu Woods.

«Porque deveria eu dizer-vos o que faço?»

«Oh, estamos interessados», disse Betty Greene.

«Na verdade, falando a sério, continuo a escrever e continuo a ter as minhas peças representadas, e sou frequentemente chamado a descer às esferas inferiores para ajudar. É estranho, sem dúvida, que pensem que eu deveria ser chamado às esferas inferiores para ajudar!»

«Não é estranho para mim», disse Woods.

«Possivelmente poderão até interpretar como — bem — provavelmente sou mais adequado para ajudar pessoas nas esferas inferiores porque eu próprio não progredi muito! Mas, na verdade, estou muito em sintonia com todos os povos. A minha mente, confio eu, dá-me a entrada (entrée) mesmo que a minha reputação não o faça! A minha reputação não me preocupa, mas parece preocupar uma data de gente do vosso lado! Fez-se mais dinheiro com a minha reputação desde a minha morte do que alguma vez fui capaz de fazer com as minhas peças, o que equivale a dizer que o pecado é muito bem-sucedido.»

«Sempre teve uma mente muito aberta, não foi?», disse Betty Greene.

«Estive sempre pronto a receber inspiração. De facto, poderia dizer que as minhas obras de maior sucesso se deveram ao facto de eu ter uma mente aberta e,

consequentemente, muito foi vertido através dela como inspiração — o que foi altamente bem-sucedido. Sinto-me seguro de que, se não fosse o facto de eu ter uma mente elevada, talvez não tivessem tido algumas das obras de sucesso que fui capaz de realizar. Mas, claro, tudo isto é uma questão de disputa entre muita gente. O veneno de um homem é o banquete de outro.»

«Oh, não», disse Betty Greene. «Acho que todos os escritores são inspirados de algum lugar, até certo ponto.»

«Oh, não nos retire a nossa própria personalidade e a nossa própria originalidade, minha querida, por favor. Mas estou perfeitamente disposto a admitir que fui inspirado. Fui sempre uma figura inspiradora. De facto, agora tornei-me quase inspirador de pavor! Possivelmente por estar morto.»

«Sr. Wilde...», interveio Betty Greene.

«Deseja que eu deixe a leviandade e seja sério? Ser sério é, frequentemente, ser maçador.»

«Não, não!», disse Woods rapidamente. «Isso não seria o senhor. Não a deixe.»

«Tantas pessoas quando estavam na Terra eram tão sérias que não podiam deixar de ser totalmente maçadoras. Recuso-me a juntar-me a tal grupo. Faço-o deliberadamente porque haverá sempre pessoas que dirão: "Como sabemos que este era Oscar Wilde?". E, por isso, espera-se que eu volte de forma muito semelhante — com o tipo de coisas que seriam esperadas de mim. Pelas vossas causas faço isto, porque sei, pobres queridos, que estão a lutar tão desesperadamente para convencer. E se eu puder ajudar-vos a convencer, então estarei a fazer algum bom trabalho, e isso poderá apagar algumas das minhas manchas!»

«Sr. Wilde», perguntou Betty Greene, «desde que está do outro lado, aprendeu alguma coisa?»

«Seria uma pessoa estranha se não tivesse aprendido algo depois de estar aqui há tanto tempo. Todos aprendemos, quer gostemos quer não. Quer sejamos alunos aptos ou não, todos aprendemos, independentemente de quão mau seja o professor.»

«Ficou surpreendido quando se descobriu do outro lado?»

«Nada nunca me surpreendeu. E certamente nada poderia surpreender-me no que diz respeito a Deus, porque ELE era uma pessoa que estava sempre a fazer coisas surpreendentes, se fosse para acreditar em tudo o que se lia na Bíblia.»

«Sim, mas como é que se descobriu realmente quando passou para o outro lado? Pode descrever a passagem propriamente dita?»

«Oh, morri como toda a gente.»

«Sim, mas deve ter-se descoberto nalgum lugar. Num jardim, ou num quarto, ou...»

«Porque deveria eu necessariamente descobrir-me num jardim? Ou porque, já agora, deveria eu necessariamente descobrir-me num quarto? Que embaraçoso seria, por exemplo, acordar e descobrir que estava no toucador da Lady Cynthia num momento muito inconveniente!»

Betty Greene insistiu. «Não. Mas quero dizer que as pessoas o foram receber, não foram? Alguém deve tê-lo recebido e ajudado na passagem?»

«Na verdade, falando a sério, fui recebido pela minha mãe.»

«E como encontrou as coisas aí?», perguntou Woods.

«Bem, naturalmente, não se pode ir para um país estranho sem o achar vastamente diferente. Mas o aspeto extraordinário e interessante é que as pessoas eram as mesmas. As situações podem ser diferentes; o país pode ser diferente; os hábitos podem ser diferentes; a atitude de cada um perante a vida e tudo o mais pode ser diferente. Mas as pessoas, graças a Deus, eram as mesmas. Continuavam a parecer as mesmas. Continuam a ser as mesmas. E, consequentemente, sentimo-nos em casa. Encontrei muitas pessoas que admirava, e muitas que não admirava e que, desde então, aprendi a admirar por razões diferentes. E viajei imenso — fui a muitos lugares, muitas esferas, muitos países se lhes quiserem chamar assim, porque num certo sentido o são. Não há barreiras, apenas as barreiras de cada um dentro de si próprio e da sua própria mente. As barreiras entre as relações humanas e os povos estão dentro de nós mesmos. São feitas pelo homem. Aprende-se a descartá-las.

Quando se está aqui mesmo que por pouco tempo, percebe-se perfeitamente que fazemos todos parte uns dos outros. Todos os filhos de Deus começam eventualmente a fundir-se, embora mantenham a sua individualidade e personalidade separada. Começamos todos a fundir-nos até sermos harmoniosos e, consequentemente, vivemos numa condição de paz, quietude e harmonia, onde todos e cada um podem ter o seu interesse, seja ele qual for.

Alguns sentem o impulso e a necessidade de trabalhar de várias formas. Outros não. Prefiro continuar a escrever, porque escrever era, em grande medida, a minha vida.»

«O seu julgamento», disse Betty Greene, «foi encenado várias vezes.»

«Sim, sim, eu sei. Tem sido a parte mais bem-sucedida da minha carreira.»

«Sr. Wilde, tem algum...»

Ele interrompeu antes que ela pudesse terminar a pergunta.

«Acho tão complicado falar convosco. Muito irritante de certa forma. É como se não conseguisse ter a minha mente clara. O tempo todo há diversos bloqueios e estorvos. Mas sem dúvida que irei melhorar. Continuem. O que é que me queriam perguntar?»

«Suponho», continuou ela, «que toda a gente tenha arrependimentos quando passa para o outro lado. O senhor teve alguns arrependimentos, talvez algo que não fez enquanto estava na Terra?»

«O meu primeiro arrependimento foi não ter ficado mais tempo do vosso lado!»

«Oh, foi?»

«Bem, com certeza. Ainda tinha desejos. Ainda queria escrever mais. Ainda queria reintegrar-me, por estranho que pareça, na sociedade humana. Não que alguma vez me tenha sentido completamente fora dela. Mas era suficientemente vaidoso para assumir que poderia recapturar o meu antigo lugar no mundo. Mas isso foi há muito tempo. Desde então, mudei.»

«Conheceu o Bernard Shaw aí desse lado?»

«Oh, conheci o Shaw. Claro que conheci o Shaw. Que homem! Personagem extraordinário. Brilhante, embora um pouco — bem, talvez seja melhor não dizer estas coisas. Supõe-se que eu esteja, até certo ponto, evoluído!»

«Como é aí do vosso lado? O plano em que se encontra. Poderia dizer-nos algo sobre isso?»

«Quer dizer pictoricamente?»

«Sim — os seus teatros e coisas desse género. Têm teatros, não têm? Continua a escrever peças aí desse lado?»

«Oh, continua-se a escrever. Continua-se. O nosso mundo, nalguns sentidos, como sem dúvida já ouviram, é muito semelhante à vossa Terra. Temos todo o tipo de cenários a que estão habituados — ainda mais belos. Como sabem, a natureza existe aqui, mas os aspetos mais irritantes da natureza não existem para nós. Por exemplo, não temos as pragas, tais como moscas, bichas-cadela e todas as coisas irritantes que a natureza engendra para amofinar o homem. Estas coisas parecem ter desaparecido, felizmente. Parece que temos toda a beleza e o

encanto da natureza sem todos os pequenos irritantes. Acabou-se o enxotar moscas!»

«Como são os edifícios aí do vosso lado?», perguntou Woods.

«Há todo o tipo de edifícios, mas na esfera em que vivo são todos elegantes, de grande beleza.»

«Há vilas, ou cidades, e...»

«Sim, poderiam chamar-lhes cidades. São cidades em que milhares incontáveis de pessoas vivem e têm o seu habitat, mas tão diferentes e, no entanto, nalguns aspetos, tão parecidas com as antigas.»

«Mas não têm carros, nem nada disso, pois não?»

«Não. Graças a Deus que não temos essas máquinas. Cavalos ainda temos. Animais, animais de estimação que significaram tanto para a humanidade e aos quais a humanidade retribuiu, de certa forma, tais como o cão de estimação, o cavalo de estimação.

Os animais estão muito próximos dos humanos. Infelizmente, os humanos estão muitas vezes próximos dos animais! Às vezes penso que os animais estão mais evoluídos do que os humanos. Pelo menos seguem os seus instintos naturais e não são, consequentemente, considerados como estando a fazer algo de errado ou não. Os seres humanos estão sempre em apuros porque tentam muitas vezes, desesperadamente, encontrar o seu verdadeiro eu. O homem deveria ter permissão para ser o seu verdadeiro eu, porque só assim pode esperar evoluir.»

Woods puxou-o de volta para a informação factual perguntando: «Tem uma casa própria onde possa escrever?»

«Sim, tenho. Uma casa muito bonita. Uma casa segundo o meu coração. Mas, lá está, num certo sentido suponho que seja porque eu próprio a criei. Sem sequer o perceber, estava a criá-la antes mesmo de vir para aqui através dos meus pensamentos — os meus melhores pensamentos.»

«Tem um jardim?»

«Tenho um jardim. Não muito grande, mas suficiente. Nunca fui homem de vida ao ar livre. Apreciava a natureza, mas preferia observar a natureza à distância em vez de estar sempre debaixo da sua luz ofuscante. Percebe-se muitas vezes mais clara e distintamente à distância.»

Depois, subitamente, tudo terminou.

«Tenho de ir», disse a voz. «Voltarei a falar convosco, se me permitirem.»

«Foi muito amável da sua parte ter vindo», disse Woods.

«Obrigada, Sr. Wilde», acrescentou Betty Greene.

«Foi muito agradável falar convosco», disse a voz. «E se às vezes pareci — pareci um pouco ácido — fi-lo tanto para vosso benefício, como poderá em certa medida servir de ajuda para outros, porque se eu não for de algum modo o meu antigo eu, as pessoas dirão que não pode ser. Portanto, faço isto pelas vossas causas. Mas posso, e irei, falar sobre as coisas que desejarem que eu fale — er — a seu tempo.

Que Deus vos abençoe. Creio que é o que se costuma dizer quando nos despedimos em sessões Espiritualistas. Que Deus vos abençoe, meus amigos. Diria o mesmo com os melhores, serei um deles. Adeus.»

A voz que afirmava ser Oscar Wilde silenciou-se.

Quinze

Casa e Jardim

Eventualmente, em qualquer exame do próximo mundo, chega-se à inevitável pergunta: «Pode descrever em termos simples um dia na vida de uma dona de casa no Céu?».

Depois de percorrer centenas de relatos gravados, a resposta honesta é que não posso.

Não há dia nem noite; não há dona de casa típica; não há vida típica. Todos, dizem-nos, vão para um estado de consciência que criaram para si mesmos através da vida que levaram na terra. George Harris não conseguia imaginar uma vida sem assentar tijolos. Continuou a assentá-los no Céu. Lionel Barrymore não conseguia imaginar uma vida sem representar. Continuou a representar. Rose não conseguia imaginar uma vida sem chávenas de chá frequentes. Continuou a beber chá.

Ninguém, dizem-nos, fica parado. Todos evoluem e progridem. A vida para todos muda no Céu tal como muda na Terra.

Que perguntas podemos responder? Descrever uma casa no Céu? O que cresce nos jardins celestiais? Comem, dormem, trabalham ou recebem visitas? Como relaxam? O que fazem exatamente consigo mesmos?

A palavra operacional é exatamente.

Woods e Betty Greene fizeram todas as perguntas necessárias. Obtiveram muitas respostas. Mas quer as vozes sejam intencionalmente vagas, quer achem impossível descrever uma existência intemporal num mundo de dimensões diferentes numa linguagem que possamos entender na Terra, as respostas raramente são exatas.

Tudo o que podemos fazer é juntar as peças do que elas dizem e ver o que conseguimos concluir.

Se confia no ensino religioso convencional para as suas expectativas do Céu, terá uma surpresa.

«Pensei que seria completamente diferente», disse Mary Ann Ross. «Que seria mais como se vê nos quadros e nos livros religiosos. Os anjos e as asas...»

Era muito diferente. Sem anjos. Sem asas. Sem harpas. As primeiras impressões são geralmente de quão estreitamente o Céu se assemelha à Terra.

«Temos uma espécie de réplica», disse a mãe do Sr. Biggs, «de tudo.»

«Estou a falar», disse Alfred Higgins, o pintor e decorador de Brighton, «sobre as condições de uma vida que, nalguns aspetos, é muito parecida com a Terra. O mundo em que vivemos é muito, muito semelhante nalguns aspetos e muito natural.»

Mary Ivan diz-nos que eles até respiram ar. «Não conheço o oxigénio», diz ela, «mas chamo-lhe o ar porque se tem consciência de respirar.»

Um Sr. George Ohlson, que fora amigo pessoal de Woods, disse-lhe: «Acho que a realidade da coisa foi o que me surpreendeu... Não é um assunto insípido. Não é algo vago. É uma existência real.»

A primeira realidade permanente para qualquer pessoa que morre é geralmente o seu novo lar. Muitos deles descrevem-no em termos de lares na Terra.

Alf Pritchett, recordam-se, foi levado pela irmã para «uma pequena casa de campo. O mais parecido que eu tinha visto com as casas de campo da minha terra, em Inglaterra... Ao fundo de um pequeno corredor havia uma salinha. Tudo muito acolhedor e confortável. Cadeiras agradáveis. Sem lareira.».

Recordem-se do Sr. Biggs a ir visitar a sua Tia May na sua casa de campo. «Lá estava a mesma casinha. Era uma de quatro, na ponta... Um jardimzinho... Levaram-me para dentro... e estava tudo num brinco.».

Ted Butler acordou «numa salinha muito simpática... cortinas de chita na janela... um belo tapete de lareira no chão.».

Terry Smith encontrou algo muito semelhante: «Suponho que lhe chamariam a sala de visitas — era uma salinha muito simpática, com cortinas de chita e cadeiras muito giras, e tinha um ar muito acolhedor.»

Oscar Wilde foi ainda menos exato. «Uma casa muito bonita», disse ele. «Uma casa segundo o meu coração.» Mas sem detalhes.

Em 1962, uma voz afirmando ser Elizabeth Fry, quacre, filantropa e reformadora de prisões, comunicou para acrescentar um pouco mais ao nosso conhecimento sobre a habitação celestial.

«A casa», disse ela, «poderia ser melhor descrita como uma casa baixa, de vigas de madeira e telhado de colmo... O lar para mim é tão importante quanto o é para vós. Os seres humanos amam um lugar que possam transformar num lar, que seja, até certo ponto, um produto da sua própria maneira de pensar. É por isso que existem tantos tipos de casas. Sou atraída pelo tipo de casa em que vivo porque me dá uma sensação de solidez, segurança, e é algo que, na minha maneira de pensar, é belo em si mesmo. É suficiente para mim. Não é grandiosa. Não é grande. É exatamente como eu a desejo. E o mobiliário é simples.»

Para nós também soa a algo belo. Mas para um agente imobiliário que tentasse redigir as características de uma residência desejável para venda, a descrição dela é desconcertantemente vaga.

Foi Rose, sempre prática, quem nos deu os primeiros detalhes essenciais sobre a sua casa: «Tem quatro divisões, o suficiente para eu cuidar.»

Quais são as quatro divisões? Ela não diz. A única divisão que alguma vez é descrita é a sala de estar. Terão quartos, salas de jantar, cozinha, casa de banho e sanitários? Ou, se as dependências habituais forem desnecessárias, biblioteca, sala de bilhar ou escritório?

Ninguém diz.

Quase todos os lares que as vozes descrevem têm um jardim e estão situados num campo suburbano invariavelmente parecido com o campo na Terra, mas mais belo.

«As flores são naturais», disse Rose. «Têm vida. Podemos cortar as flores e usá-las em casa; mas muito pouca gente faz isso passados uns tempos. Se estivermos sentados em casa e quisermos ver as flores lá fora, não temos necessariamente de ir lá fora para as ver. Podemos simplesmente pensar nelas e vê-las.»

Têm relva também, diz ela. «É elástica sob os pés e é um verde belíssimo e muito agradável... Já estive em sítios onde as flores são tão altas que — oh, eu

diria que têm uns bons sete ou oito pés de altura. É como caminhar através de uma floresta delas.»

O trigo aparentemente cresce nos campos. «Mas nunca o vi ser cortado», diz Rose, «e, no entanto, parece estar sempre lá... As árvores são lindas e o desabrochar de algumas delas é belíssimo. E o perfume!»

George Hopkins, o agricultor de Sussex, estava igualmente em êxtase. «Temos o campo. Temos os lagos e os rios... Temos flores, pássaros e todo o tipo de coisas que associamos à natureza, exceto talvez o que se poderia chamar as formas menores. Nunca vi coisas como formigas, embora, lá está, haja uma grande inteligência do vosso lado com as formigas, mas nunca as vi aqui. Nunca vi insetos e coisas do género... Há certos aspetos da natureza, como vocês a entendem, que parecem não existir aqui.»

Esta feliz omissão é ecoada por Oscar Wilde, que nos diz que «os aspetos mais irritantes da natureza não existem para nós. Por exemplo, não temos as pragas, tais como moscas, bichas-cadela e todas as coisas irritantes que a natureza engendra para amofinar o homem. Estas coisas parecem ter desaparecido.»

A coisa seguinte que notam, nas palavras de Ted Butler, é «uma sensação maravilhosa de leveza e calor, o que eu pensei ser o sol a brilhar pelas janelas»; ou como Mary Ivan disse: «o sol, ou o que eu pensei na altura que era o sol, brilhava pelas janelas.»

Mas não era o sol.

Terry Smith explica: «O que parecia ser o sol, embora ela me tenha dito mais tarde que não havia sol, que era uma iluminação da qual todos nós, toda a vida, conseguíamos extrair algum poder... Coisa engraçada sobre a iluminação — isto pode parecer estranho — mas não parecia projetar sombras.»

«Disseram-me entretanto», acrescentou Ted Butler, «que não tem nada a ver com o sol de todo. É uma iluminação de ser natural, mas qual é a sua fonte, nunca descobri.»

Um dia, talvez um cientista celestial explique.

Se não há sol, será que alguma vez escurece e vocês vão dormir?

As vozes discordam.

«Têm noite e dia aí?», perguntou Woods.

«Sim», disse George Harris. «Tal como vocês têm. Noite e dia. Claro que temos. Eu vou dormir e vou para a cama, acordo tal como vocês fazem na terra.»

O mesmo fez o Sr. Biggs, pouco depois da sua chegada.

«Devias descansar», disse a mãe dele. «Gostarias de ir para a cama?»

«Oh, cama. Também se vai para a cama aqui?»

«Bem», diz ela, «não é necessário, mas no teu caso pode ser uma boa ideia.»

«Resumindo a história, fui para a cama.»

Mas o Sr. Biggs tinha acabado de chegar da Terra. E George Harris estava na fase em que ainda se sentia compelido a assentar tijolos celestiais.

Rose, que já estava no Céu há mais tempo, respondeu de forma diferente: «Oh sim, podes dormir se te sentires inclinada a isso.»

«Mas não é necessário?»

«Não é necessário... Se estás cansada mentalmente, apenas relaxas mentalmente, fechas os olhos e descansas. E voltas a abrir os olhos passados uns tempos. Já não te sentes cansada.»

Ellen Terry, uma antiga habitante mais avançada, explicou: «Nunca há escuridão. Há uma espécie de algo a que talvez se possa chamar crepúsculo, e no entanto é algo tão diferente do vosso. Há um tempo para a quietude connosco, e descanso. E, contudo, nunca há necessidade de descanso ou sono, mas sim uma paz que cai sobre nós quando sentimos necessidade.»

Também não parece chover.

«Nunca vi nada a que eu chamasse chuva», disse Rose. E, «não parece que tenhamos estações, não no mesmo sentido que vocês.»

Mas, mais uma vez, parece depender do estágio de desenvolvimento. Pois George Harris, ainda parcialmente nas vibrações da terra, respondeu: «Diferentes estações, chuva, brilho e tudo isso... é tudo muito natural.»

«Chuva, disse o senhor?», perguntou uma Betty Greene surpreendida.

«Sim», respondeu ele. «Chuva e tudo isso. É tal e qual. É como se tivéssemos uma réplica — será isso? — da terra. Oh, muito agradável.»

Mas para a maioria não há estações e, o que é mais difícil de captar, não há tempo.

«Não há qualquer medição de tempo, pelo que percebo», disse Rose. «Não temos consciência do tempo. Eu sei que não conseguem concebê-lo — quero dizer, vocês pensam: oh bem, tarde, noite e madrugada. Pois essas coisas não nos

afetam. Não temos o tempo como vocês o têm, de todo. O tempo, afinal de contas, é apenas uma criação do homem até certo ponto, não é?»

A melhor explicação para esta diferença vital entre os dois mundos veio de George Ohlson.

«Sr. Ohlson», perguntou Betty Greene, «o senhor disse que não estava a fazer nada. Como passa o seu tempo?»

«Oh, valha-me Deus, o tempo!», respondeu ele. «Sabe, isso é algo que não existe para nós. Sabe, essa é outra coisa que deve tornar-se muito intrigante para as pessoas. Elas dizem: "Oh bem, o que é que eles fazem com o tempo deles?". Tempo, tempo, tempo! Bem, não temos consciência do tempo. O tempo não significa nada para nós. Podemos estar, do vosso ponto de vista, a fazer todo o tipo de coisas que nos interessam, e podemos encontrar tantas formas diferentes de interesse, mas não temos consciência do tempo. Não temos consciência de uma hora, ou de um dia, ou de uma semana, ou de um mês ou de um ano, e de facto a nossa única consciência do tempo é através de vós. Ao voltarmos para vós, temos consciência do tempo até certo ponto.

As pessoas dizem: "Oh bem, tenho a certeza de que o fulano voltará e falará porque é o seu aniversário". Bem, nós nem sequer nos importamos, num certo sentido, com aniversários. Na verdade, provavelmente nem nos lembraríamos de que era o nosso aniversário se não fosse o facto de captarmos a ideia do pensamento a partir da consciência do indivíduo que nos é próximo e querido na Terra. O facto é que alguém diz: "Oh bem, é o aniversário do Fred no dia tal de fevereiro", então nós dizemos oh, o meu aniversário deve ser então, mas de outra forma nem saberíamos disso.

O mesmo acontece com o nascimento. Quero dizer, é óbvio para mim que a consciência de um indivíduo já existia antes do nascimento. Quero dizer, só passamos a ter consciência das coisas à medida que nos desenvolvemos gradualmente. À medida que envelhecemos um pouco na Terra, passamos gradualmente a ter uma perceção consciente das coisas que acontecem ao nosso redor — vultos e formas, cor e som. E estas coisas começam gradualmente a significar algo quando somos bebés. Mas não há como fugir ao facto de que a vida existia antes do nascimento.

Não creio, por exemplo, que simplesmente nasci, tal como não creio que simplesmente morri. Quero dizer, eu obviamente estava lá antes do nascimento, não necessariamente exatamente no mesmo sentido. Desenvolvi e evoluí a minha própria personalidade, e as pessoas chamavam-me fulano Ohlson. Mas a questão é que isso é infinitesimal no próprio tempo. Quero dizer, é bastante óbvio para

mim que nenhum de nós é o que pensa que é. Tudo isto é tão complexo, concordo, mas é tudo tão fascinante.»

Sem tempo. Sem horas de refeição. Alguma refeição? Comemos no próximo mundo? À primeira vista, a evidência parece contraditória.

Ninguém espera comer ou beber. Quando são recebidos com uma chávena de chá, não conseguem acreditar que seja real.

Recordem-se de Alf Pritchett. Ele chegou ao seu centro de receção. O que viu? «Alguns estavam a conversar e outros estavam a comer, e isso impressionou-me. Pensei: "Bem, apanhei-o agora". Ele diz que isto é uma espécie de parte do Céu. Eu julgaria que não se comia. Por isso digo: "Olhe, eles estão a comer ali".»

Recordem-se do Sr. Biggs, numa visita à sua Tia May.

«Gostarias de uma chávena de chá?», perguntou ela.

E Ted Butler: «Então vamos tomar uma chávena de chá.»

E Terry Smith, recebido no seu novo lar com um «gostarias de beber alguma coisa?» e respondendo: «Gostava de uma laranjada.»

E como George Wilmot foi feito sentir em casa pela família da sua namorada francesa: «Puseram-me esta tigela grande de sopa à frente e, honestamente, foi como se estivesse na Terra outra vez. Eles estavam a tomar aquela sopa e eu juntei-me a eles. E também fumei. O velho tinha o seu cachimbo.»

Os seus anfitriões celestiais foram rápidos a explicar que estas eram ocasiões excecionais.

«O que tu não percebes», disse o guia de Pritchett, «é que quando vens para aqui, sentes que é essencial fazer certas coisas. Se sentes que é essencial comer e beber, podes fazê-lo.»

«Quando chegas aqui pela primeira vez», explicou a Tia May ao sobrinho, «tudo é feito de forma muito parecida para que te sintas feliz e familiarizado; e se quiseres algo assim, podes tê-lo. Mas em breve perceberás que essas coisas não são necessárias.»

«Se, quando chegas aqui pela primeira vez», explicou o guia de Ted Butler, «sentes que é necessário ter isto ou aquilo, isso é providenciado. Mas é apenas algo temporário até te ajustares ao facto de que não precisas dessas coisas. Eu normalmente não tomo chá nem nada disso. Mas como és um convidado na minha casa e te estás a habituar gradualmente às coisas, pensei que ajudaria.»

George Wilmot obteve quase a mesma explicação do seu guia. «Isso só é necessário porque tu pensas, e outras pessoas como tu pensam, que essas coisas são necessárias. Mas em breve perceberás que não são. E quando o desejo se for, a forma de pensamento desaparecerá com ele, e essas coisas deixarão de existir para ti.»

Para alguns, o desejo parece levar muito tempo a desaparecer.

«Eu sempre fui fã da minha chávena de chá», disse Rose, «e ainda gosto dela e ainda a tomo.»

«Como é que a consegues?», perguntou Woods.

«Bem, é uma coisa engraçada, sabes», respondeu ela. «Não tenho consciência — por exemplo, não vou para uma cozinha, ponho uma chaleira ao lume e faço uma chávena de chá nesse sentido. Se sinto necessidade de uma chávena de chá, agora tudo o que posso dizer é que ela está lá.»

Ela foi mais explícita sobre a comida. «Temos árvores de fruto, e frutos secos, e todas as coisas que associarias ao vosso mundo em relação à comida, mas aqui não se matam animais para comer. Não se come carne de cavalo, nem carne, nem nada disso, sabes.»

E mais tarde: «Isso é apenas uma coisa material, desejo de comida e fome. O desejo material, nesse aspeto, leva-os a matarem-se uns aos outros, mas isso não existe aqui deste lado, porque o desejo de comida perde-se rapidamente... Há pessoas que vêm para aqui — quando chegam pela primeira vez, sentem o desejo de comer certas coisas. Bem, elas podem tê-las. Mas depressa perdem o hábito de as querer, ou de pensar que as querem, e passados uns tempos tudo isso acaba por passar, pode-se dizer assim.»

Uma voz afirmando ser um Sr. Martin, que emigrou para a Austrália nos anos vinte e foi morto em Sydney, descreveu a mesma experiência em primeira mão.

«Havia tudo o que se pudesse querer comer e beber», disse ele, «e eu não conseguia entender nada disto. Quer dizer, eu fazia as coisas automaticamente, suponho. Mas gradualmente começou a cair-me a ficha de que estas coisas, tais como comer e beber, eram apenas hábitos. Eram coisas que eu tinha ganho o hábito de pensar que eram necessárias e desejadas, e portanto estavam ali para mim. Mas passado um bocado comecei a perceber que estas coisas não eram assim tão importantes e gradualmente perdi o desejo de comer, e perdi o desejo de beber, e gradualmente essas coisas já não significavam nada.»

Há alturas em que o tilintar das chávenas de chá parece tão alto no Céu como nas festas de jardim das paróquias na Terra. Quais são as perspetivas para aqueles que preferem uma caneca de cerveja ou uma garrafa de vinho?

As vozes são vagas. Uma pista deixada por John Brown, o criado de confiança e dado à bebida da Rainha Vitória, não é encorajadora. «Tive de aprender a viver sem bebida», disse ele. «Sem uísque. E aqui, claro, não é possível ter isso.» Mas o pai de Woods, um bebedor regular de uísque e vinho na Terra, disse ao filho que podia ter ambos no Céu.

Há compensações no Céu. Se os prazeres de comer e beber se desvanecem, o mesmo acontece com as penalidades do excesso.

«Não há dores nem sofrimentos», disse George Harris. «Nada de doenças. Não vi nenhuns hospitais, nada disso, embora, lá está, eles digam-me que há lugares como hospitais, dizem eles, para casos mentais.» E mais tarde: «Nem sequer tenho de ir à casa de banho, não é engraçado? Quer dizer, comemos uma bela refeição e pensamos bem, mais tarde teremos de ir ao "trono", sabe, mas não é preciso... É diferente. Não pode ser o mesmo velho corpo físico, como lhe chamam, e não tem o mesmo tipo de construção.»

A sede e o apetite desvanecem-se rapidamente. Mas, pelo menos nas esferas de onde vêm as vozes, ninguém parece ter perdido o interesse pela roupa.

Alf Pritchett, recordam-se, chegou ao Céu, aterrou numa longa avenida com árvores belíssimas e reparou em pessoas «a andarem por ali com um tipo de vestimenta muito peculiar». Quando chegou ao seu centro de receção, «o que me pareceu estranho foi que estavam vestidos de forma muito parecida com a que eu costumava vestir-me na vida civil. Fatos e todo esse tipo de coisas.»

Mary Ivan acordou no seu hospital e a irmã disse-lhe que se podia levantar.

«E as minhas roupas?», perguntou ela.

«Não tens de te preocupar com isso», respondeu a irmã. «Já as tens vestidas.»

Ela olhou para si mesma. «E ali estava eu, de pé ao lado da cama, com um vestido lindo.»

«Está tudo bem», disse a irmã. «Eu ajudei-te a vestir, mas tu não soubeste.» Através do seu pensamento.

Recordem-se do que Rose disse quando lhe perguntaram: «Usam roupas?»

«Claro que usamos roupas, querido.»

«Algo parecido com as roupas que usamos?»

«Bem, não. Eu não uso roupas como as que costumava usar. Não espero que uses um fato como esse quando vieres para aqui.»

«Podes descrever as roupas que tens vestidas agora?»

«As pessoas vestem-se», explicou Rose, «com o tipo de coisas em que se sentem felizes. Claro que, nas fases iniciais após a passagem, quando uma mulher morre, digamos, neste século, neste período, elas pensam que aquele tipo particular de vestido lhes é essencial e, durante algum tempo, usam-no.

Mas passados uns tempos percebem que é algo sem importância, que talvez não lhes fique propriamente bem. Talvez não se sintam felizes com aquilo. E gradualmente mudam a sua perspetiva e, consequentemente, mudam o seu vestuário.»

«Bem», perguntaram-lhe, «neste momento Rose, o que tens vestido?»

A sua resposta deu-nos uma das descrições mais detalhadas de uma criação celestial.

«Não sei como te vai soar, querida», disse ela, «mas tenho um vestido branco muito bonito, de alto a baixo. Tem uma espécie de bordado à volta da bainha. Tem mangas compridinhas e tenho uma espécie de cinto à volta da cintura, de ouro, tipo um cordão, e tenho uma espécie de desenho em toda a volta da bainha do vestido e da manga, como um padrão de cercadura.»

«De que material é feito?»

«Bem, suponho que o mais próximo que te poderia explicar seria como uma espécie de seda.»

Isso é bastante claro. Mas de onde é que ela o tirou? O amigo de Woods, George Ohlson, tentou explicar, mas foi visivelmente menos claro.

«Há pessoas que desenham roupas. Se descobres que queres um vestido particular, e gostas de uma cor particular, então o material pode ser criado e, de facto, há milhares de sítios onde podes obter materiais.

Não sugiro que existam lojas no mesmo sentido em que vocês as entendem. Mas há lugares que são geridos por pessoas que se interessam por materiais e esse tipo de coisas, que fornecerão o material com o qual podes, se desejares — ou se não o souberes fazer, alguém o fará por ti — criar um vestido ou até um fato, se quiseres.

Existe esta ideia que persiste entre os Espiritualistas de que basta pensar num vestido e ficamos vestidos com ele. Bem, isso, num certo sentido, é verdade. Mas só é verdade do ponto de vista de quando se volta à terra e se quer recriar uma impressão de si mesmo como se era. Seríamos lembrados talvez por certa vestimenta, e por aí fora. E temos a capacidade de recriar, numa força ou forma de pensamento mental, a nós mesmos numa vestimenta particular, digamos assim. Mas apenas temporariamente. É apenas por um segundo ou dois de tempo da Terra que conseguimos manter esse pensamento o suficiente para que ele seja impregnado e captado por um sensitivo ou um médium.»

Um pouco de luz sobre um problema aparentemente complexo foi lançada por Rupert Brooke.

«Que tipo de roupas usas?», perguntou Woods.

«Sinto que as roupas de que mais gosto», respondeu ele, «são algo parecido com o que os antigos gregos usavam. É muito, muito confortável, muito atraente de ver e os materiais são belíssimos.»

«Muito coloridas?», perguntou Woods.

«Oh, muito. Claro que, lá está, não é totalmente uma questão apenas tua. Gostamos de sentir... quero dizer, que usamos o que gostaríamos de usar, o que é verdade em essência. Mas a questão é que há certas cores, por exemplo, que não poderias possivelmente usar a menos que tu próprio, pela tua própria natureza e pela tua própria alma, por assim dizer, o tornasses possível; porque somos muitas vezes conhecidos no temperamento e no carácter pelas cores do nosso vestuário.

A questão é que nos conhecemos uns aos outros pela própria iluminação e luz ao nosso redor. Por exemplo, se certas cores estivessem na tua aura, poderá haver outras cores que não poderias usar no teu vestido, ou na tua aparência, no teu vestuário. Certas coisas simplesmente não poderiam ser. Se, por exemplo, não tivesses progredido muito, não serias capaz de usar azul suave porque ele não estaria na tua constituição e natureza. Não terias tornado possível para ti mesmo ter essa cor na tua emanação áurica e, consequentemente, não a usarias no teu vestuário. Por um lado, não serias atraído por ela porque não estarias pronto para ela, digamos assim, e, por outro, simplesmente não seria possível.»

«"Não sei como explicar por que razão não seria possível. A questão é que, de alguma forma, quase automaticamente, tu és o que és; e não podes ser mais do que isso nem menos do que isso. Bem vês que todos avançamos. Todos nos esforçamos, de uma forma ou de outra, para agir em conformidade; e, consequentemente, somos automaticamente como somos pelo nosso próprio

empenho; e seria extremamente antinatural alguém assumir aqui uma fachada que tu próprio saberias que não enganaria ninguém.

"Por outras palavras, enquanto um homem pode construir uma fachada, pode construir algo sobre si próprio que dê uma impressão errada aos outros, mas na realidade a pessoa por baixo pode ser uma pessoa horrível — esse tipo de coisas podes fazer do teu lado, mas não podes fazê-lo aqui. Aqui não há engano de qualquer espécie. Aqui és conhecido pelo que és."

O que és tu? O teu aspeto, o aspeto da tua casa, do jardim, do que te rodeia e das tuas roupas — tudo isto pode ser construído, com dificuldade, numa espécie de imagem. Mas o que tu és, e o que fazes exatamente, é ainda mais difícil.

DEZASSEIS

Trabalho

Se é difícil descrever como são o Céu e os seus habitantes, o problema intensifica-se quando se tenta descrever o que todos fazem lá. Aqui na Terra, a maioria de nós trabalha para ganhar dinheiro, para nos sustentar com comida, roupa e casa. Ou cuidamos de quem ganha o pão e da família. Levantamo-nos, vestimo-nos, despirmo-nos e vamos para a cama; dormimos, comemos, viajamos, fazemos compras e vemos televisão. E, às vezes, ficamos bastante aborrecidos.

No próximo mundo, dormir e comer são desnecessários. As casas são gratuitas; o vestir e o viajar são instantâneos. E ninguém tem de trabalhar para viver. O que é que todos fazem, afinal? As vozes são bastante explícitas sobre o que *não* fazem.

«"Não vi nenhumas fábricas, não vi nenhuns elétricos nem automóveis e esse tipo de coisas"», disse Lionel Barrymore. “Não existem vastas fábricas, por exemplo"», disse George Ohlson. «"Não existem caminhos-de-ferro nem estações."» «"Obviamente não voo"», disse Amy Johnson, «"porque não há aviões."» «"Não vi nenhuns carros de porcaria"», disse George Harris. «"Ora essa, quem é que quer carros? Aqui podemos deslocar-nos com os nossos próprios pés."» «"Posso sentar-me na minha cadeira"», disse Rose, “e posso pensar para comigo que gostaria de ir ao círculo do Flint, por isso apenas — er — penso, fecho os olhos e, no minuto seguinte, por assim dizer, estou aqui convosco."» «"Dinheiro!"», exclamou ela. “Não se pode comprar nada aqui com dinheiro, pá!"»

«"Mas"», disse Woods, «"diz que têm arquitetos para fazer o vosso trabalho?"» «"Bem, não lhe pagas"», disse Rose. “Ele fá-lo porque adora fazê-lo. Adora projetar casas. Adora fazer esse tipo de trabalho e fá-lo. Da mesma forma que o músico adora tocar violino. Ele sente-se feliz por entreter os seus amigos."» «"Fazem tudo por amor?"» «"Tudo é feito por amor e qualquer pessoa, por exemplo, do vosso lado que nunca teve uma oportunidade na vida — talvez quisessem ser músicos ou artistas — podem estudar aqui deste lado."»

Mesmo no seu estado pouco evoluído, George Harris já tinha percebido que “não temos de sair para trabalhar. Nada disso. Não poupo para tentar ganhar uns trocos. O dinheiro não significa nada aqui. O dinheiro não tem importância nenhuma."»

Sem rendas. Sem contas de comida. Sem impostos. Até aqui, tudo bem. As dificuldades começam quando se lhes pergunta que talentos latentes estão a desenvolver para preencher o dia longo, desimpedido e intemporal. As aspirações do homem comum (celestial) parecem limitadas.

A guia de Ted Butler explicou a ausência da mãe dizendo que ela tinha saído. “Ela sai para trabalhar?"», perguntou Butler. “Sim"», respondeu ela. «"Suponho que lhe possas chamar trabalho. A minha mãe era uma mulher trabalhadora quando estava na Terra. Costumava aceitar roupa para lavar e estava sempre a fazer qualquer coisa. Agora vai a um sítio onde cuida de crianças, porque sempre gostou muito de crianças. Criancinhas que morreram bebés ou quando eram muito novas; e ela ajuda a criá-las e a cuidar delas. Ela adora esse trabalho."»

A mãe do Sr. Biggs preparou o filho para o seu novo lar dizendo-lhe que vivia com a irmã Florrie. «"Eu e a Florrie"», disse ela, «"damo-nos bem e fazemos trabalho hospitalar."» «"Hospitais?"» «"Bem, não são hospitais da mesma maneira que tu conheces os hospitais. Mas são necessários para certos tipos de pessoas que estão mentalmente perturbadas e precisam de orientação e ajuda. É um trabalho interessante e sinto-me feliz a fazê-lo."»

Mary Ivan foi recebida pela irmã. O marido só apareceu mais tarde. “Ele estava fora"», explicou ela. “Estava a fazer um trabalho especial, descobri depois. Tinha a ver com uma guerra que estava a decorrer algures em África... e ele estava a ajudar os feridos e os moribundos."»

Alfred Higgins tinha um trabalho mais prático. Muito parecido com o seu trabalho na Terra. “Sinto um grande prazer"», disse ele, «"em cuidar das casas de outras pessoas e ajudá-las a instalarem-se quando chegam aqui pela primeira vez, e fazer pequenas coisas por elas... Faço pequenos trabalhos e ajudo de forma geral. Nós decoramos."»

George Harris, ex-construtor, também seguia o seu antigo ofício. “Eu estava no ramo da construção e interesso-me muito por construir e gostava do meu trabalho, mas aqui é um bocado diferente. Constrói-se, sim. Constrói-se com materiais e coisas que são reais e sólidas e tudo isso, mas claro que não o fazes por dinheiro. Não o fazes porque tens de o fazer. Falo porque gostas de o fazer, porque retiras algum prazer e felicidade disso.

"Claro que me foi dito por algumas das pessoas onde estou que é muito — bem, suponho que lhe chamariam estágios iniciais, sabe — e é por isso que temos de construir. Mas dizem, sabe, nos planos superiores, como eles lhes chamam, que tudo é criado pelo pensamento.

"Onde eu estou, é o mais real possível. Tens materiais e trabalhas com materiais. Vi praticamente uma réplica de, oh, tantas coisas que eram comuns do vosso lado. As pessoas não se limitam a sentar-se e a pensar em algo e pronto, lá está. Não haveria muito prazer nisso. Acho que isso é uma maneira deprimente de continuar. Acho que, a menos que tenhas de fazer algum esforço para isso, e construir para isso, trabalhar para isso, esse é o único prazer e felicidade real, tanto quanto consigo ver."»

«"George"», perguntou Betty Greene, “como é que arranjas os tijolos para construir?"» «"Oh, eles são produzidos. Lugares onde os fornecem, e podes recolhê-los e usá-los e construir com eles."» «"Constróis casas para pessoas especiais"», perguntou Woods, «"ou para toda a gente, ou quem é que decide quem deve ter as casas?"» «"Bem, isso depende dos indivíduos. Quer dizer, não há empresas comerciais nem nada disso. Mas toda a gente que vem para aqui — estou a falar de onde eu estou — se tinham um ofício ou algo um bocado especial, e gostavam disso e os fazia felizes, têm a mesma coisa aqui. Tens carpinteiros, tens decoradores e tudo isso, e suponho que o que quer que gostasses de fazer na Terra, podes continuar a fazê-lo aqui. Dizem que aqui podes fazer o que quiseres, até ao momento em que comeces a pensar de uma maneira diferente.

"Sinto-me muito feliz a construir, a ajudar outros que, sabe, também estavam no ramo da construção quando estavam na Terra, e construímos e trabalhamos juntos, e as nossas casas são tão reais e sólidas como as vossas, e algumas delas são realmente bonitas. Claro que as pessoas para quem construímos são pessoas de quem gostamos, pessoas de quem somos amigos, pessoas que anseiam por algo seu, e pela sua própria maneira de pensar e ideia, e tudo é planeado.

"Há pessoas que criam aqui. Há o que vocês chamam arquitetos e tudo isso. Eles esquematizam as coisas, sabe, planeiam as coisas. Nós executamos."»

A confirmação da importância contínua do trabalho criativo veio inesperadamente de um estágio avançado de desenvolvimento, através da voz de Elizabeth Fry. «"Não devem pensar que apenas pensamos numa coisa e ela aparece"», disse ela. «"Todo o tipo e maneira de trabalho decorre aqui. As pessoas fazem artigos, criam designs. Grandes artistas pintam grandes quadros ainda, porque é a sua alegria fazê-lo, mas com uma maior variedade de matizes e cores. Grandes músicos compõem música grandiosa..."»

Elizabeth Fry continua, segundo o seu próprio relato, a fazer um grande trabalho social, o mais próximo que consegue chegar da reforma prisional num mundo sem prisões. «"Estou a fazer"», disse ela, «"o que provavelmente chamariam trabalho de resgate entre aquelas almas que, particularmente por circunstâncias fora do seu controlo quando estavam na Terra, e pelo ambiente, foram incapazes de se ajustar e de encontrar um modo de vida que as tivesse ajudado a crescer em estatura."»

Os grandes artistas criativos que falaram com Woods e Betty Greene, ou que foram descritos pelas vozes, parecem estar a criar obras de beleza celestial. Oscar Wilde continua a escrever. «"Alguns sentem o impulso e a necessidade de trabalhar de várias formas"», explicou ele. “Outros não. Prefiro continuar a escrever porque escrever era, em grande medida, a minha vida."»

Lionel Barrymore, recordam-se, continua interessado no teatro. Mais seriamente do que em Hollywood. «"Ainda estou interessado no teatro... Todas as grandes peças de Shakespeare são produzidas aqui; e, o que é mais interessante ainda, peças novas, peças maiores, muito maiores do que quaisquer que conheçam na Terra. E ele continua a escrever, a produzir e a representar. O mesmo acontece com Spenser, e com todos os grandes nomes daqui."»

«"Conheci Shakespeare"», disse uma voz afirmando ser Lillian Baylis, do *Old Vic*. “Ele ainda produz peças?"», perguntou Woods. «"Produz, produz."»

Frédéric Chopin ainda afirma estar a tocar piano. «"A minha impressão de um piano quando toquei um pela primeira vez do outro lado foi a de que estava em casa; suponho que porque, sem um piano, eu era uma pessoa perdida. Mas quando encontrei um piano aqui e pude tocar, fiquei feliz."»

Rupert Brooke continua a escrever. “Perguntei"», disse ele, «"se ainda era possível aqui continuar a escrever e ele disse: 'Oh sim, podes fazer isso se desejares. E podes, se quiseres, fazer outras coisas.'

"Se quiseres tornar-te pintor ou músico, não há nada que te impeça. Na verdade, podes fazer exatamente o que te sentires inclinado a fazer. Essa é a

única maneira de alguém progredir deste lado. Segues em frente da maneira que tu próprio tornaste possível pelo teu pensamento e pela tua ação."»

Será possível elaborar uma lista de carreiras celestiais? As oportunidades parecem mais limitadas do que na Terra. Mas os empregos e profissões que existem estão abertos a todos. Se eras soldado, terás de treinar para uma vocação pacífica. Soldados, marinheiros e aviadores parecem estar em reforma permanente. Os negócios acabaram. Isso significa que não há vendedores, nem contabilistas, banqueiros, lojistas ou escriturários. Também não há indústria. Portanto, nada de patrões, nem trabalhadores de linha de montagem, mineiros, estivadores — ou sindicatos.

Nada de motoristas, revisores ou pilotos, creio eu. E provavelmente poucos mecânicos. Se queres trabalhar com as mãos, os ofícios mais promissores parecem ser a construção, a decoração, a pintura e talvez a jardinagem. As profissões liberais florescem. Há vagas para arquitetos, psiquiatras, enfermeiros, designers, bibliotecários e professores. E o campo para assistentes sociais é ilimitado. Qualquer pessoa pode abraçar as artes. Escritores, músicos e pintores potenciais ou frustrados podem satisfazer todos os instintos criativos que tiveram de suprimir na Terra.

E se todas as formas de trabalho parecerem um fardo aborrecido, podes passar o resto da tua existência — ou enquanto conseguires suportar não fazer nada — como um cavalheiro ou uma dama de lazer. Parece não haver necessidade de estar aborrecido. Ninguém afirmou definitivamente se a televisão chegou ao próximo mundo. Mas quase todos os outros entretenimentos terrenos que valem a pena estão disponíveis gratuitamente. Livros, peças de teatro e concertos. Provavelmente filmes. E, aparentemente, até natação e corridas de cavalos, se isso ainda parecer importante. Sem dinheiro e, presumivelmente, sem apostadores, a emoção pode esmorecer.

Foi Rose quem disse: “Podes nadar. Podes ir para a água se quiseres, mas não ficas sujo."» E revelou: “Sei que isto vos vai surpreender, mas até já fui ao cinema."» Referia-se ela aos filmes? Alfred Higgins sugere que sim. «"Temos centros educativos"», disse ele. «"Temos grandes bibliotecas onde há livros maravilhosos que se podem ler, e lugares onde se podem ver maravilhosos... suponho que lhes chamariam filmes. Não são propriamente filmes como vocês os entendem, mas é a maneira mais próxima de eu descrever, nos quais se vê retratado todo o tipo de coisas pertencentes ao homem e ao seu desenvolvimento, e à vida, e como as pessoas evoluíram."»

Boas notícias para os frequentadores de corridas vêm de Elizabeth Fry, a quacre. “Têm coisas a decorrer como nós temos na Terra?"», perguntou Woods.

«"Tais como corridas de cavalos ou sinos de igreja a tocar?"» «"Há esferas onde estas coisas existem"», respondeu ela. «"Porque a mente do homem considera que são vitais e importantes para a sua felicidade e bem-estar. Por outras palavras, o homem cria pelo pensamento aqui como faz no vosso mundo, e nas esferas próximas da terra estes pensamentos predominam."»

As peças de teatro continuam a ser consideradas entretenimento indispensável em todas as esferas que as vozes ainda habitam. “Temos entretenimento"», disse Lionel Barrymore, “embora não seja exatamente isso. Cada peça que é produzida aqui tem um propósito real — não apenas dar prazer e entretenimento às pessoas. Por exemplo, levamos um tipo de peça a que chamamos autos de moralidade para as esferas inferiores, e reproduzimos a vida de certos indivíduos que vemos na audiência."»

Os concertos parecem ser tão comuns como as peças de teatro. Mary Ann Ross descreve como foi levada ao seu primeiro concerto pelo namorado a quem tinha dado uma nega na Terra. «"Ele levou-me"», disse ela, «"a um lugar em particular que era numa — suponho que lhe chamariam uma cidade porque havia todo o tipo de casas e edifícios grandes onde as pessoas viviam. E havia um lugar enorme com muitos degraus e, quando olhei pela primeira vez para todos aqueles degraus, pensei: 'Valha-me Deus, que quantidade de degraus. Ficaria tão cansada a subir', mas o que é engraçado é que não me senti nada cansada.

"Entrámos neste lugar grandioso e era tão vasto que deve ter albergado milhares de pessoas. E ali, na plataforma, estava um piano belíssimo, a coisa mais linda que eu já vira na vida. Era enorme, muito maior do que qualquer outro piano que eu já vira ou de que ouvira falar, e eu imaginaria que tinha três filas de teclas. Era feito de madrepérola e tinha as cores e matizes mais bonitos.

"Depois entrou uma criatura belíssima. Era alto e bem parecido, e o seu cabelo era comprido e tinha traços finos. Sentou-se e começou a tocar. Nunca ouvira nada assim. O que era engraçado era que parecia que os três teclados estavam a ser usados ao mesmo tempo e, no entanto, havia apenas um par de mãos. Não vi as mãos dele irem aos dois teclados de cima, apenas ao de baixo, mas conseguia ver o baixar das notas nos outros teclados, e só posso assumir que de alguma forma estavam todos ligados uns aos outros.

"Era extraordinário, o som. Era como se fosses transportada por ele, e como se fosses envolvida por ele, e como se perdesses todo o sentido de lugar e tempo e tudo. Como se estivesses, de uma certa forma, com a música e fosses parte da música, e perdesses de vista o salão e as pessoas, e até o pianista passados uns tempos. Era como se fosses parte da música e como se ela estivesse a falar contigo e a ajudar-te a compreender."»

Até John Brown, quando superou o seu anseio por uísque, parece ter desenvolvido o gosto pela música. “Podes sentar-te com milhares de pessoas"», disse ele, «"num vasto auditório ao ar livre e podes ouvir a música mais grandiosa pelos maiores compositores. E não só ouves, como vês! A representação pictórica da música deles, por assim dizer, é registada na atmosfera. E podes ver o que está a ser transmitido em forma visual, bem como pelo som.

"Por exemplo, se um grande músico estivesse a compor uma peça de música que representasse a evolução do homem, então verias numa imagem o que estava na mente dele e o que estava realmente representado na música. Tudo isto, claro, é extremamente difícil de explicar."»

De cada relato da nova vida, uma coisa que emerge claramente é que as pessoas no próximo mundo sobrevivem basicamente com os mesmos caracteres com que morreram neste. “Não se pode ir para um país estranho"», disse Oscar Wilde, «"sem o achar vastamente diferente. Mas o aspeto extraordinário e interessante é que as pessoas eram as mesmas."»

Mesmo o preconceito racial e a consciência da cor sobrevivem durante algum tempo. E são tidos em conta na ordem natural do Céu. George Wilmot, o mercador de trapos e ossos, descreveu como caminhou com o seu guia passando por pessoas paradas à porta e a olhar pelas janelas. «"Às vezes acenavam"», disse ele, «"e às vezes as pessoas chamavam e todas pareciam ser brancas. Não vi nenhumas pessoas de cor. E pensei para comigo: isto deve ser, se for o que ele diz que é, o Céu e isso, deve ser um Céu de brancos.

"Comecei a pensar em pessoas de cor. Pensei: bem, não sei, todos parecem ser perfeitamente normais e naturais aqui, mas não se vêem outras pessoas, apenas brancas. Por isso perguntei a mim próprio. Claro que não lhe disse nada, mas ele deve ter sido capaz de ler os meus pensamentos.

"'Ah', diz ele. 'Também há pessoas de cor. Todas as raças, todas as nações. Mas, claro, é natural que as pessoas queiram viver numa comunidade, numa condição de vida que lhes seja mais adequada. Talvez uma pessoa goste de uma casinha e sinta-se muito feliz por viver dessa maneira, e tenha isso; ao passo que talvez uma pessoa de cor, dependendo da sua experiência de vida e por aí fora, não se sentiria feliz no que chamas um tipo de atmosfera de homem branco.

Descobrirás que há pessoas de todas as nações, de todos os tipos, aqui. E vivem numa comunidade ou condição de vida que lhes é mais adequada, na qual seriam mais felizes. Mas gradualmente mudam os seus pensamentos e a sua perspetiva, sejam brancos ou de cor, e encontram comunidades onde se integr... o que quer que seja, e juntam-se'."»

John Brown leva esta ideia um passo adiante. “Aqui a morte, poder-se-ia dizer", explicou ele, "é um grande nivelador das pessoas. Percebes que não tem importância o que eras na Terra, qual era a tua posição na vida. É o que tu próprio eras que contava. Se tu próprio eras uma pessoa real, no sentido de que tinhas valores reais e uma apreciação real das coisas que importavam. Desde que estou aqui, conheci muitas grandes personalidades que tinham sido, devido à sua posição na vida, às vezes até muito cruéis, e que não tinham simpatia ou compreensão pelos pobres e, na verdade, nunca tinham tido de sofrer de todo. E aqui tiveram de aprender a apreciar as coisas que realmente eram vitais e importantes. Coisas que nunca foram capazes de compreender, devido à sua condição ou posição social."»

«"É mais fácil para uma pessoa pobre compreender a verdade, muitas vezes, do que para uma pessoa rica."

"É mais fácil", poderia ele ter dito, "passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus."

"Muita gente parece pensar do vosso lado", disse Alfred Higgins, "que assim que deixamos de ser seres humanos, deixamos de ser as mesmas pessoas. Claro que somos as mesmas pessoas, mas somos um pouco mais sábios, um pouco mais sensatos, um pouco mais compreensivos e um pouco mais tolerantes. Eu diria muito mais tolerantes. Simplesmente já não temos as mesmas velhas ideias parvas que nos foram ensinadas ano após ano do vosso lado. Todo este credo estreito e tudo o resto. Isso não ajuda os filhos de Deus. Separa-os. Todos os filhos de Deus têm a mesma oportunidade de sobrevivência no sentido mais elevado, espiritual e mentalmente."

"Não temam essa passagem do vosso mundo para este", acrescentou Ellen Terry. "Pois qualquer que seja a condição de vida em que entrem, por mais humilde que seja, será um reflexo do vosso mundo. Mas de acordo com a sua condição, e de acordo com a vossa condição de passagem, e particularmente de acordo com o vosso desenvolvimento, ou falta dele, assim encontrarão uma condição que se aplique a vós e que seja a mais adequada. E embora possa parecer talvez a alguns algo escuro e medonho de acordo com a luz deles, ainda assim há liberdade para expressar, desenvolver e evoluir.

Claro que sabemos que existem as esferas inferiores, as esferas subdesenvolvidas para onde as almas não evoluídas vão. Mas, mesmo assim, não é o inferno tal como é pintado por muitos que gostariam que assim fosse. Não há inferno, apenas aquele que o Homem cria pelo seu próprio pensamento — e pelo seu próprio viver. Aqui, aquilo que o homem criou mudará de acordo com ele, de acordo com o seu esforço e a sua elevação de si mesmo a partir das trevas.

O Homem habita muitas vezes em trevas criadas por si próprio. Assim que começa a desejar a centelha da vida eterna, assim que se esforça para lutar e se elevar da esfera inferior, logo será ajudado, guiado, instruído e ser-lhe-á mostrado o caminho. A todos os que vierem, ser-lhes-á mostrado o trilho e o caminho."»

O caminho para onde?

DEZOITO

O Problema da Religião

«"Sabem o que eles costumavam dizer-nos lá em baixo sobre o Céu e o Inferno, e a última trombeta e tudo isso? Perceberam tudo mal."»

«"Pois, parece que sim, não parece?"»

«"Sim. Toda aquela história de que se fores muito bom vais para o andar de cima, e se não fores tão bom vais para a cave velha. Perceberam aquilo tudo mal, pá. Aqui somos exatamente como éramos, apenas melhores. Perfeitamente felizes."»

A reavaliação de Alf Pritchett sobre o cristianismo institucional é um exemplo terra-a-terra do que a maioria das vozes nos diz. Percebemos tudo mal.

Tomemos uma voz instruída. A de Michael Fearon, o mestre de escola pública graduado pela universidade. Capitão no 1º de Norfolk, morto três semanas depois do Dia D.

«"A Igreja"», declarou ele, “continua a pregar esta ideia ridícula de Céu e Inferno. Céu se fores imensamente bom e tiveres seguido certos dogmas e por aí fora. E Inferno se não tiveres seguido o que eles acham que é correto. Na verdade, quando se analisa a coisa, não faz qualquer sentido."»

A mãe de Michael, a Sra. A. C. Fearon, que estava com Woods nesta sessão em 1954, juntou-se à conversa.

«"Da última vez que estive cá, disseste: 'pelo amor de Deus, tragam quem trouxerem, não tragam nenhuns párocos'. Disseste-o a sério?"»

«"Não quero parecer preconceituoso"», respondeu Fearon, “mas receio não ter muita paciência para a Igreja. Ou para tantos que a ela aderem, porque as suas mentes são tão estreitas que não conseguem passar de um certo ponto. Acham que têm todo o conhecimento em poucas palavras. Parecem pensar que o que está contido na Bíblia de capa a capa é tudo o que há para saber. Não conseguem

aceitar nada além disso e, mesmo assim, embora digam que aceitam tudo o que leem na Bíblia, muito poucas pessoas, se forem honestas, o fazem."»

«"Então não a interpretam corretamente, pois não?"», disse a Sra. Fearon.

«"Bem, a questão principal é que a Bíblia — bem, obviamente há muita verdade, há muita bondade na Bíblia — refiro-me aos ensinamentos simples de Jesus. Se alguém seguisse o exemplo que Ele deu, então o homem não poderia errar muito na sua vida material e nas coisas que fizesse. E a sua perspetiva e o seu desenvolvimento espiritual seriam, consequentemente, grandiosos. Mas a questão é que eles tentam estreitar as coisas a tal grau, tentam fazer das verdades simples de Jesus algo tão complexo e complicado, tentam acrescentar tanto ao longo dos séculos que não tem nada que ver com Jesus."»

«"Como conseguirias levar"», perguntou a Sra. Fearon, «"esta religião de Jesus às massas?"»

«"Cada homem pode encontrar Jesus dentro de si próprio. Se ele ler a sua Bíblia e usar sabedoria e discrição, pode encontrar lá a verdade. Mas tem de aprender a descartar todas as coisas que lhe foram acrescentadas, muitas vezes por homens da Igreja ao longo dos séculos para os seus próprios fins.

A Igreja quer seguir o seu caminho, e se aceitares e acreditares como a Igreja quer que acredites, então ficas bem quando vens para aqui. Bem, acreditem-me que isso é um ror de tretas. Porque muita gente que tinha este conceito estreito de vida e religião encontrou as coisas vastamente diferentes quando chegou aqui. Na verdade, foram prejudicados no seu progresso.

Algumas pessoas que chegam aqui acreditando que eram realmente os eleitos de Deus, que eram os escolhidos, continuam a existir aqui numa certa esfera acreditando que são as únicas pessoas que ainda existem neste mundo. São tão estreitos na sua perspetiva que acreditam real e genuinamente que são os únicos que renasceram, como eles lhe chamam. E até estão à espera de voltar à Terra numa forma física — à espera da ressurreição do corpo."»

«"Muitas vezes, é mais fácil para uma pessoa pobre compreender a verdade do que para uma pessoa rica." "É mais fácil", poderia ele ter dito, "passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus." "Muita gente do vosso lado parece pensar", disse Alfred Higgins, "que assim que deixamos de ser seres humanos, deixamos de ser as mesmas pessoas.

Claro que somos as mesmas pessoas, mas somos um pouco mais sábios, um pouco mais sensatos, um pouco mais compreensivos e um pouco mais tolerantes. Eu diria muito mais tolerantes. Simplesmente já não temos as mesmas velhas ideias parvas que eram ensinadas ano após ano do vosso lado. Todo este credo

estreito e tudo o resto. Isso não ajuda os filhos de Deus. Separa-os. Todos os filhos de Deus têm a mesma oportunidade de sobrevivência no sentido mais elevado, espiritual e mentalmente."

"Não temam essa passagem do vosso mundo para este", acrescentou Ellen Terry. "Pois qualquer que seja a condição de vida em que entrem, por mais humilde que seja, será um reflexo do vosso mundo. Mas de acordo com a sua condição, e de acordo com a vossa condição de passagem, e particularmente de acordo com o vosso desenvolvimento, ou falta dele, assim encontrarão uma condição que se aplique a vós e que seja a mais adequada. E embora possa parecer talvez a alguns algo escuro e medonho de acordo com a luz deles, ainda assim há liberdade para expressar, desenvolver e evoluir.

"Claro que sabemos que existem as esferas inferiores, as esferas subdesenvolvidas para onde as almas não evoluídas vão. Mas, mesmo assim, não é o inferno tal como é pintado por muitos que gostariam que assim fosse. Não há inferno, apenas aquele que o Homem cria pelo seu próprio pensamento — e pelo seu próprio viver. Aqui, aquilo que o homem criou mudará de acordo com ele, de acordo com o seu esforço e a sua elevação de si mesmo a partir das trevas.

"O Homem habita muitas vezes em trevas criadas por si próprio. Assim que começa a desejar a centelha da vida eterna, assim que se esforça para lutar e se elevar da esfera inferior, logo será ajudado, guiado, instruído e ser-lhe-á mostrado o caminho. A todos os que vierem, ser-lhes-á mostrado o trilho e o caminho."»

O caminho para onde?

DEZANOVE

Observações sobre Médiuns

Se Lang tivesse pregado a interpretação de Cristo e do Cristianismo que deu a Woods e Betty Greene do púlpito como Arcebispo de Cantuária, isso poderia ter causado uma sensação na Igreja. Teria certamente tido ampla publicidade e sido lido pelo mundo pensante com respeito.

Infelizmente, ele não chegou a fazê-lo até estar morto. A sua mensagem veio como uma voz na escuridão, através de um método de comunicação com o rótulo suspeito de Espiritualismo. Os cristãos praticantes foram ensinados a evitá-lo. Os anglicanos ortodoxos que se lembram de Lang também se lembrarão de que ele o rejeitou quando vivo.

Nos anos trinta, como Primaz da Igreja de Inglaterra, Lang criou um comité anglicano sob a presidência do Bispo de Bath e Wells, o Dr. Francis Underwood, para examinar as evidências de fenómenos psíquicos. Após dois anos, relataram que certas experiências psíquicas de indivíduos constituíam um forte caso *prima facie* para a sobrevivência e a possibilidade de comunicação espiritual. Acrescentaram: «Achamos provável que a hipótese de que estas procedam, em alguns casos, de espíritos desencarnados seja a verdadeira.»

O Arcebispo Lang não achou. Nunca permitiu que o relatório fosse publicado. Continua a ser oficialmente secreto hoje em dia. Será possível que ele, logo ele, pudesse estar agora a usar o meio do Espiritualismo, que rejeitou quando era Arcebispo, para comunicar as suas opiniões alteradas sobre religião e imortalidade a nós, que ainda estamos vivos neste mundo hoje? Se é Lang, as suas opiniões religiosas mudaram e as suas perspetivas sobre a possibilidade de comunicação espiritual foram completamente invertidas.

«"No que toca ao Espiritualismo"», disse ele a Woods e Betty Greene, “eu tinha medo dele. Tinha medo que pudesse minar a Igreja e provavelmente até destruí-la, e não tinha a certeza de que tivesse muito de bom para oferecer. "Claro que muitas dessas ideias mudei-as agora. Sinto muito fortemente que é algo tão vital e tão importante que todos os povos deveriam estar conscientes e saber disso."»

Ele ainda tem reservas. «"Sinto"», acrescentou, «"que é perigoso se for usado no sentido errado. "Se vais contactar as formas mais elevadas, as forças do bem, aqueles que podem ajudar o mundo, aqueles que podem elevar a

humanidade, deves ter instrumentos que tenham a mesma mentalidade e o mesmo pensamento e parece-me que muitos destes instrumentos são, infelizmente, de uma ordem muito baixa.

"Enquanto estás, por assim dizer, apenas a arranhar a superfície dos mundos astrais — o que noventa por cento dos vossos instrumentos fazem — então não é apenas mau, mas pode até ser perigoso, porque o semelhante atrai o semelhante. E também entidades inferiores que estão presas à terra, que se agarram à vossa Terra, podem usar instrumentos, e também através de instrumentos falar com as pessoas e dizer às pessoas coisas que não são verdadeiras.

"Percebo que deste assunto a que chamam Espiritualismo há muito bem a surgir. Na verdade, é obviamente a essência da Igreja primitiva — os primeiros cristãos que se reuniam e que possuíam o poder do Senhor. "Percebo a necessidade gritante das pessoas no vosso mundo por conforto quando estão entristecidas pela perda, como lhe chamam, de alguém próximo e querido para elas. É natural que precisem de prova, e sei muito bem que a prova é dada, e será sempre dada quando a necessidade é grande."»

Woods e Betty Greene nunca careceram de conselhos e avisos sobre os perigos inerentes ao Espiritualismo, mesmo vindos daqueles que foram os médiuns mais bem-sucedidos quando estavam na Terra, incluindo John Brown, médium pessoal da Rainha Vitória. A história de como este simples escocês de origem humilde estabeleceu o seu estranho domínio sobre a Rainha enlutada, pondo-a em contacto com o seu amado Albert, é demasiado conhecida para ser recontada em detalhe.

«"Sabe que a Vitória estava muito interessada neste assunto?"», disse ele. «"Sim"», respondeu Betty Greene, “já nos disseste isso antes, John."» «"Era um grande desejo o de estabelecer contacto com ele"», continuou Brown. «"Conhecem a história. Claro que os diários dela, e tudo o mais, foram destruídos, o que foi uma grande pena, porque ela mantinha diários meticulosos. Na verdade, ela tinha pequenos livros especiais que guardava com todas as suas mensagens e coisas. Éramos muito próximos neste trabalho, embora na posição dela ela tivesse de manter tudo muito em segredo. Costumávamos ter estas pequenas sessões de tempos a tempos em Osborne, e noutros lugares.

"Eu era uma pessoa muito terra-a-terra em muitos sentidos, mas dotada de um grande dom. E é isso, claro, que se aplica a muitos médiuns, infelizmente. Têm grandes dons espirituais, grandes qualidades espirituais que podem ser usadas para o bem. Eles em si não são necessariamente más pessoas, mas têm tendência a ser muito materialistas e muito terra-a-terra. E, claro, na minha associação particular com Sua Majestade, eu tinha passado, de ser um homem

comum e vulgar, a ser colocado numa posição onde, francamente, a minha palavra era, por estranho que pareça dizer agora, lei.

"Às vezes gloriava-me um pouco no meu poder. Percebo que todas estas coisas são más agora. Mas na altura, suponho que com a consideração e o afeto que a Rainha tinha por mim, fui capaz de fazer tanto por ela no seu luto e ajudá-la também. E às vezes, digo-vos isto, nas nossas comunicações ela recebia conselhos em relação a — er — coisas de importância relacionadas com o Estado.

"Muitas sugestões e ideias que foram apresentadas por Sua Majestade ao Governo na altura eram coisas que vinham através de nós. E às vezes, quando ela própria estava baralhada ou incerta, pedia conselho. Mas talvez eu não devesse dizer todas estas coisas agora."»

Mais reservas foram apresentadas por uma voz afirmando ser Emma Hardinge Britten, uma das famosas médiuns pioneiras do século XIX. Ela ecoou as críticas feitas por assistentes não convencidos e investigadores críticos desde então.

«"Há tanta conversa vaga entre médiuns e Espiritualistas"», disse ela em 1969. «"Há tantos médiuns vagos que, pelo facto de fecharem os olhos, assumem que são médiuns. Há muita tagarelice a decorrer; e tantas coisas são creditadas ao espírito que são meramente ficções de mentes férteis e, muitas vezes, de pessoas ansiosas por serem consideradas o que não são. Temos de lutar contra isto.

"Há inúmeras pessoas no movimento Espiritualista que não são médiuns, mas que se consideram como tal, e que são aceites, infelizmente, como tal, muitas vezes por pessoas a quem se teria dado mais crédito pela sua inteligência. E a falta dela — da inteligência — no movimento Espiritualista causa-nos, por vezes, grande preocupação. Não vos pedimos que aceitem tudo o que vem como verdade absoluta. Pedimos-vos que usem o vosso senso comum, mas, mais importante, que usem o vosso senso incomum. "Pedimos-vos que percebam que deve haver, devido à própria natureza da comunicação, algumas discrepâncias, devido às múltiplas dificuldades."»

Estas críticas aparentemente não se aplicam a Woods e Betty Greene. Pois a voz continuou: «"Mas este método de comunicação que é muito mais avançado, muito mais fiável do que as tagarelices de tantas destas pessoas tolas que proferem tanto que, quando analisado, significa tão pouco ou nada e pode muitas vezes ser traçado de volta às suas próprias mentes, subconscientes ou não — nós estamos a dar-vos, o melhor que podemos, uma comunicação direta que é, de longe, superior a qualquer outra comunicação no vosso mundo.

"Faremos tudo o que pudermos para vos ajudar. Traremos de tempos a tempos todo o tipo de pessoas para vos ajudar. Mas haverá dificuldades. Estas devem ser esperadas, e vós sabeis delas. Mas quando recebem uma boa comunicação, quando a gravam e a enviam, podem ter a certeza de que será semente semeada em boa terra. Aqui e ali cairá no solo pedregoso de mentes opostas à verdade. Mas sustento que este método de comunicação, devidamente usado e aplicado, pode fazer mais pela propagação da verdade do que qualquer outra forma ou método."»

Porquê as discrepâncias e tagarelices? Por que são algumas sessões tão dececionantes? As falhas de médiuns mal-sucedidos têm sido expostas e ridicularizadas vezes sem conta por repórteres céticos, e os seus resultados descartados como fraude. De acordo com as vozes, as frustrações dos espíritos que tentam passar uma mensagem do próximo mundo podem ser ainda piores. Ninguém sofreu mais às mãos de uma médium vaga do que Alfred Higgins, o pintor e decorador de Brighton que caiu de um escadote, ao tentar passar uma mensagem à sua viúva.

«"Fui levado"», disse ele, «"a uma igreja — uma igreja Espiritualista. E pensei: se ao menos eu conseguisse passar uma mensagem à minha mulher. Claro que a patroa não estava lá. Então pensei: 'Bem, a questão é tentar impressioná-la a ir'. Então comecei a visitar a patroa outra vez, e comecei a sugestioná-la para ir a esta igreja Espiritualista.

"Uma noite estava na igreja. Sabia que a tinha convencido a ir porque tinha estado o dia todo a trabalhar nela. Na verdade, já andava a trabalhar nela há vários dias. Ela estava sentada lá atrás e uma médium estava na plataforma. Olhei para ela e pensei: 'Oh, valha-me Deus, logo a minha sorte calhar-me uma destas'. Ela não me pareceu grande coisa. "Já as tinha visto boas e más, sabe, e esta parecia-me do tipo 'muito beata'. Falava de coisas que eram boas para quem gosta, mas ela não era lá muito boa nas evidências e não parecia ser capaz de descrever muito bem.

"Quando ela começou a dar a velha mensagem, pensei: 'Bem, tenho de entrar aqui de alguma maneira. Vou ter de fazer qualquer coisa'. Então concentrei-me como um louco nela. Finalmente ela apanhou a coisa. "Ela captou certas coisas que eu estava a tentar passar-lhe. Não parava de captar um escadote. Claro que baralhou tudo. 'Não sei, minha querida', diz ela, 'se vais ter um bocado de sorte, mas vejo um escadote contigo'. Pensei: 'Por amor de Deus, isto está a correr bem, está!'.

"'Bem', diz a minha patroa, 'eu realmente percebo o assunto do escadote'. "Claro que a médium confundiu tudo. 'Acho que vai haver algo muito bom para

si, minha querida', disse ela. 'Vejo-a a subir, a subir este escadote em direção ao sucesso'. "Claro que não era nada disto que eu estava a dizer à parva da médium, mas foi a interpretação dela. Pensei: 'Oh, meu Deus!'. Mas finalmente consegui passar uns bocadinhos e depois consegui passar o meu nome. Então a minha mulher diz: 'Acho que compreendo isto tudo muito bem'. E depois diz — claro que lhe podia ter dado um pontapé a seguir — 'O meu marido morreu num escadote e o nome dele era Alf'.

"Pensei: bem, lá consegui passar aquilo à maneira dela, mas a médium estragou tudo. Enfim, que se lixe. Depois pensei: 'Bem, o que posso dizer que realmente comprove a coisa?'. Então pensei em fazer qualquer coisa mesmo forte aqui. "Então eu digo — sugestionando a médium para dizer: 'Esse anel que tem posto, esse não é o anel, não é o mesmo anel'.

"Ora isto não fazia sentido nenhum para ninguém, suponho eu, mas tinha um grande significado para a minha patroa, porque o que aconteceu na realidade foi que a minha mulher perdeu a aliança de casamento e tentou que eu não soubesse que a tinha perdido, sabendo que eu ficaria perturbado com isso; por isso tinha ido comprar outra que era, para todos os efeitos, idêntica, percebe. Eu tinha sabido disso desde que passara para este lado. Então pensei: isto vai abalá-la.

"Ela ficou branca como a cal, mas diz: 'Bem, como é que o meu marido poderia saber isso? Eu nunca lhe tinha contado, tinha guardado segredo', e tudo isso. "Então, claro, a médium empertigou-se toda. Sabe como elas fazem, algumas delas. 'Bem', diz ela, 'sabe que é a prova do seu marido, não é, minha querida?'. Ficou toda armada em importante. Sentiu-se inspirada naquela noite!"»

«"Muitas destas pessoas são muito simpáticas, muito sinceras. Mas metade delas são imaturas, não estão realmente desenvolvidas. E muito do que dizem é imaginação. Ocasionalmente conseguem captar algo — quero dizer, somos capazes de enfiar algo naquelas cabeças, sabe, e fazer com que saia. Mas muitas vezes fazem muito mal."

Higgins explicava por que razão a mensagem do Espiritualismo convenceu tão poucos e, até agora, fez tão pouco para reforçar uma confiança religiosa que se desvanece no relato de 2000 anos da Ressurreição. Seria diferente se cada sessão produzisse evidências tão claras e coerentes como as de Woods e Betty Greene? Porque conseguem eles manter conversas inteligentes e lúcidas com os mortos, enquanto outros mortais numa sessão comum média têm de se satisfazer com o tipo de afirmações dadas à Sra. Higgins?

Uma razão é que eles recorrem a um médium excecional, dotado com o dom de ser um veículo para a forma mais precisa de comunicação até agora

concebida entre este mundo e o próximo plano de existência. Outra razão foi dada a Woods e Betty Greene por uma voz que falou com autoridade invulgar a 1 de setembro de 1963, mas que recusou dar o nome e pediu para ser referida pelo pseudónimo de 'Pierre'.

"O número de pessoas que vão a médiuns," disse ele, "e pensam que tudo o que têm de fazer é sentarem-se e o resto virá automaticamente, é uma tolice. Se ao menos pensassem nisto seriamente, perceberiam que nem sempre é possível, e na verdade é muito raramente possível, alcançar resultados excelentes à primeira vez. Só os guias muito experientes e os comunicadores muito experientes estão em posição de conseguir manter uma conversa longa e inteligente. É por isso que as vossas sessões são únicas e por que, quando as pessoas ouvem as vossas fitas, dizem: 'Isto é maravilhoso'.

Aqui está uma conversa longa, cheia de personalidade e carácter. Elas pensam imediatamente que, se puderem ser trazidas a este médium por vós, ou talvez combinarem por si próprias, vão sentar-se e ter a mesma experiência que vós. É ridículo, porque não poderia ser, ou seria muito improvável. Estas pessoas não sabem que levou anos para que vós tivésseis a vossa experiência, e para que as pessoas deste lado se tornassem comunicadores tão excelentes.

Uma boa comunicação só pode surgir quando os assistentes se sentam regularmente com o mesmo instrumento, onde os guias e as pessoas que vêm deste lado podem, ao longo de um grande período, construir certas condições até ao ponto de haver uma união perfeita. Há uma harmonia perfeita. As suas vibrações estão todas, por assim dizer, completamente afinadas.

A maioria das pessoas não sabe estas coisas. Trazeis aqui alguém com toda a boa fé, e o que aconteceria? Talvez fizéssemos um esforço muito grande para ajudar essa pessoa, como já fizemos no passado, e essa pessoa irá embora e dirá: 'sim, foi muito interessante. Mas não pareceu tão bom como quando o Sr. Woods e a Sra. Greene me passam as fitas'.

É por isso que, quando vós os dois vêm, é diferente. Eu não sugeriria que alargásseis o vosso número, não importa quanta pressão vos seja feita, pois isso poderia ser fatal do ponto de vista do sucesso. Não queremos outros assistentes. Não queremos que lhes seja permitido perturbar o instrumento ou as condições que são boas; e podemos receber de vós energia suficiente para nos permitir fazer este trabalho.

Vós fostes trazidos para isto com um propósito, e vós sabeis disso. Sois médiuns na medida em que fostes chamados para o serviço e estais a fazer este trabalho. Estais a permitir que milhares de pessoas saibam algo da vida após a morte e da comunicação.

Há demasiadas pessoas egoístas, mesmo entre os Espiritualistas, que só se preocupam com o que vão obter disto. Não estão preocupadas com verdades espirituais. É por isso que fazem perguntas tão mundanas e materiais sobre todo o tipo de coisas ligadas aos seus negócios, aos seus casos amorosos e sei lá que mais. Mais de setenta por cento das pessoas estão preocupadas com o aspeto mundano de saber se receberão uma mensagem desta ou daquela pessoa em particular, que lhes dirá o que fazer de uma forma muito material.

Porque é que o movimento Espiritualista não varreu o mundo inteiro e mudou a face da vida no vosso mundo? Eu digo-vos. É porque os Espiritualistas são, possivelmente, em muitos aspetos, as pessoas menos espirituais.

Há muitas, muitas religiões diferentes no vosso mundo. Há muitas ideias e pensamentos confusos e conflituosos. Mas há uma verdade, e é a verdade da vida eterna. De que todos os que morrem, vivem.

Estamos gratos porque vós tendes, como tão poucos têm, o verdadeiro espírito, a verdadeira compreensão. As vossas mentes estão livres e abertas para receber. Não há preconceitos. Não há obstáculos como os que encontramos com tantos que querem amarrar a verdade — que deve ser sempre livre — à sua marca particular de religião. Querem tentar, se puderem, trazer esta grande verdade para um certo nível que só eles consigam entender e apreciar, porque tem de estar nos confins da sua religião ou crença ou dogma particular.

Nós não temos dogmas. Não temos religião no sentido em que vós entendeis a religião. Temos uma liberdade de expressão, e uma liberdade de pensamento, e uma liberdade de espírito que está muito além dos confins do Homem e da sua pequenez e da sua tolice. Somos livres para dizer a verdade e é por causa disso que temos prazer em vir e ser capazes de vo-la dar.

Batei, foi dito, e abrir-se-vos-á. Mas quão poucas pessoas no vosso mundo batem verdadeiramente. Há alguns que dão um toque suave na porta e ficam surpreendidos porque ninguém os ouve. Há aqueles que se esforçam por rodar a maçaneta, mas ela não abre. E há aqueles que põem todo o seu peso contra a porta e ela abre-se de repente.

Mas porque foram brutais, ou talvez porque foram ansiosos demais, ou puseram demasiado peso no sentido errado, não viram a verdadeira vista do espírito através da porta aberta. Vós, meus amigos, sois bons e gentis e fazeis o que podeis com um bom coração e uma mente aberta. E, portanto, recebeis. E vós, em troca, sois capazes de servir verdadeiramente aqueles que procuram."»

Se Pierre tiver razão, parece seguir-se que as fitas de Woods-Greene podem ser o relato mais fiável que o mundo já recebeu da vida noutro plano de

existência, e a nossa prova mais detalhada até agora de que o homem é imortal. Poderemos provar que ele tem razão?

VINTE

Teste de Voz

Terminamos com o problema com que começámos. De onde vêm as vozes? Vêm do médium? São um ato de ventriloquia?

Antes de Woods e Betty Greene começarem a sua longa série de sessões, Leslie Flint já tinha passado pelos testes mais rigorosos que os investigadores psíquicos objetivos conseguiram conceber. Ele afirma, com alguma justiça no seu livro, ser «o médium mais testado que este país já produziu e, acrescentarei, o médium mais disposto a ser testado sempre que senti que a verdade seria servida».

Um dos seus investigadores foi o Dr. Louis Young, que tinha trabalhado com Thomas Edison, o inventor americano da lâmpada elétrica incandescente, do microfone e do fonógrafo, e já tinha exposto vários médiuns duvidosos nos Estados Unidos. Flint foi obrigado a encher a boca com água colorida. As luzes foram acesas. Flint devolveu a água da sua boca para um copo.

Em 1948, o Rev. Drayton Thomas, então membro do Conselho da Sociedade de Investigação Psíquica, realizou outro teste. Relatou o resultado no *Psychic News* de 14 de fevereiro:

«A 5 de fevereiro, coloquei sobre os seus lábios (de Flint) bem fechados uma tira de Elastoplast. Tinha 12 cm de comprimento por 6 cm de largura e era fortemente adesiva. Pressionei-a firmemente sobre e para dentro das fendas dos lábios fechados. Um lenço foi então atado firmemente sobre isto e as mãos do médium amarradas aos braços da sua cadeira; outra corda foi atada de modo que ele fosse incapaz de baixar a cabeça. Assim, supondo que ele tentasse soltar a ligadura durante o transe, seria impossível alcançá-la.

Qualquer pessoa pode descobrir, fechando bem os lábios e tentando falar, quão abafados e ininteligíveis são os sons produzidos. O meu teste foi desenhado para mostrar que, nestas condições, uma fala claramente enunciada e em abundância poderia ser produzida pela voz direta. O teste foi um sucesso absoluto. Vozes falavam em breve com a clareza habitual e Mickey (o guia de Flint) enfatizou a sua capacidade várias vezes gritando alto.

Estavam presentes cerca de doze pessoas e todos ouvimos mais do que o suficiente para convencer o cético mais obstinado de que a selagem da boca do

Sr. Flint de forma alguma impedia que oradores invisíveis dissessem o que quisessem. No final da sessão, examinei as cordas e o adesivo, encontrando tudo intacto e imperturbado. O adesivo estava tão fortemente colado que tive uma dificuldade considerável em removê-lo sem causar dor.»

Noutra série de testes, um microfone ligado a um amplificador foi fixado à garganta de Flint para registar qualquer som que ele fizesse. As suas mãos foram seguradas por observadores sentados de cada lado e os investigadores vigiaram os seus movimentos através de um telescópio de infravermelhos.

As vozes continuavam a falar. E os investigadores viram realmente a caixa de voz ectoplásmica a formar-se a cerca de sessenta centímetros da sua cabeça.

Se as vozes não são de Flint, de onde vêm? Podem ser testadas contra as vozes das pessoas que afirmam ser? Desde o momento em que começou as suas gravações, Woods lançou um convite aberto a qualquer pessoa que tivesse conhecido os falecidos a ouvir as fitas e dizer-lhe se pareciam genuínas.

Uma das primeiras vozes afirmou ser Michael Fearon, que aparece anteriormente neste livro. Woods foi à sessão com a mãe de Michael, a Sra. Fearon. A voz manteve uma conversa longa e animada com ambos. A Sra. Fearon ficou convencida de que tinha estado a falar com o seu filho. De tempos a tempos, amigos e familiares das vozes aceitaram o convite de Woods para ouvir as fitas.

A 19 de abril de 1962, uma voz afirmando ser F. E. Smith, Lord Birkenhead, antigo Lord Chancellor, comunicou para anunciar que tinha mudado de ideias sobre a pena de morte, e deu as suas razões para pensar que esta fazia mais mal do que bem. A fita foi passada ao falecido Charles Loseby, M.C., Q.C., que fora aluno de Smith no *Gray's Inn*. Ele escreveu a Woods a 21 de novembro de 1965, da sua casa em Guernsey:

«Eu, CHARLES LOSEBY, M.C., Q.C., afirmo por este meio que estou satisfeito por ter ouvido a voz do falecido F. E. Smith, Lord Birkenhead, outrora Lord Chancellor de Inglaterra, numa gravação feita pelo Sr. S. G. Woods numa sessão de voz direta em Londres, na presença do Sr. Leslie Flint, o conhecido médium. Estou completamente satisfeito, após um exame cuidadoso, de que todas as precauções foram tomadas para evitar a possibilidade de fraude, mal-entendido ou erro. Ouvi a voz de Lord Birkenhead, ainda vivo, ansioso aparentemente apenas por ajudar a humanidade.»

A 4 de março de 1963, e novamente a 25 de abril de 1966, surgiu uma voz afirmando ser Sir Oliver Lodge, o mais famoso físico inglês do seu tempo e um igualmente famoso investigador psíquico. A fita foi passada ao Sr. **J. Croft**, um

professor de física reformado que estudara sob a direção de Lodge e o conhecia bem. A 1 de agosto de 1966, Croft escreveu a Woods:

«A convite do Sr. S. G. Woods e da Sra. Greene, eu e a minha mulher ouvimos uma gravação de declarações que nos disseram terem sido feitas pelo falecido Sir Oliver Lodge. Sentimos que a voz tinha as qualidades que associávamos à voz de Sir Oliver Lodge, tendo-o ouvido falar em várias ocasiões. Havia uma sibilância característica, uma fluência de expressão fácil e uma escolha da palavra e frase adequadas que recordávamos serem uma característica da fala de Sir Oliver Lodge.»

A 17 de junho de 1963, comunicou uma voz afirmando ser Lilian Baylis, fundadora do *Old Vic*. A 21 de agosto desse ano, Woods passou um extrato da sua fita na *Southern Television*. Isto valeu-lhe uma carta da Sra. Alys F. Watson, afilhada de Lilian Baylis que vivera com ela e trabalhara no *Old Vic*. Ela fez a curta viagem da sua casa em Hove para visitar Woods e ouvir a fita completa. A 21 de novembro, escreveu a Woods: «Ficarei mais do que feliz em confirmar que era a voz de Lilian Baylis que ouvi, o que tenho a certeza que era.»

As fitas testadas de forma mais extensa foram as da voz que afirmava ser Cosmo Lang. A primeira comunicação ocorreu em maio de 1959, quando ele falou a Woods e Betty Greene sobre as suas opiniões alteradas sobre religião e Espiritualismo, citadas nos últimos dois capítulos. Em setembro de 1960, o Rev. John Pearce-Higgins, então vigário de Putney e Presidente do Comité de Investigação da Fraternidade das Igrejas para o Estudo Psíquico, apareceu no programa de domingo à noite da *Associated Television*, 'About Religion', num debate sobre a relação entre o Cristianismo e o Espiritualismo. Mencionou a gravação como evidência de uma ligação entre ambos.

Ao mesmo tempo, como redator no *Daily Sketch*, fui incumbido pelo meu editor, Colin Valdar, de escrever uma série de artigos sobre as evidências mais recentes de uma vida após a morte. Woods soube da minha tarefa e convidou-me para ir ao seu apartamento em Brighton ouvir a fita pessoalmente. Enquanto estudante universitário, eu tinha ouvido Lang pregar um sermão na capela da minha faculdade, *St John's*, em Oxford, em 1937 ou 1938. Mas, não querendo confiar na minha memória de um evento ocorrido há mais de vinte anos, tentei, no tempo limitado de que dispunha, recolher opiniões de quem o conhecera bem ou ouvira com frequência.

Pearce-Higgins estava bastante seguro. «Desde que a sessão tenha sido genuína,» disse ele, «acho que a probabilidade é que seja Cosmo Lang. Tem todos os sinais de Lang. Aqueles que ouviram esta fita e Lang dizem que a voz é muito semelhante. É exatamente o tipo de coisas que ele diria. Quando se analisa

em conjunto com muitos outros tipos semelhantes de comunicações que podem ser corroboradas com maior precisão, parece provavelmente verdadeiro.»

Uma velha amiga da família, a Hon. Sra. Herbert Lane, parecia igualmente convencida. Lang ficara muitas vezes na casa dela e ela na dele. «A minha primeira impressão,» disse ela, «foi que é genuíno. Pelo que pude ver, parecia ele a falar. Sinto que é exatamente o que o Arcebispo Lang diria. Era próprio dele não criticar sem apresentar ideias construtivas.»

Pearce-Higgins ajudou a organizar um teste que esperávamos ser decisivo. Por sugestão sua, pedi emprestado ao Diretor de Emissões Religiosas da BBC um disco da voz viva de Lang. A famosa transmissão que ele fez sobre a Abdicação do Rei Eduardo VIII em 1936. Levei este disco e a gravação de Woods à casa do Bispo de Southwark, o Dr. Mervyn Stockwood. Passei-os um a seguir ao outro, depois ambos ao mesmo tempo para ele, para o seu Capelão e para o diretor do Colégio Teológico de *St Stephen*, Oxford.

O teste não foi decisivo. A voz do Lang vivo era mais forte e firme do que a voz vinda do além. «Assumo,» disse o Bispo, «que podemos descartar qualquer possibilidade de fraude consciente. De onde vem a voz, não se sabe. Pode ser Cosmo Lang. Pode ser qualquer pessoa. Não posso provar nem desmentir.» Um ponto que preocupou o Bispo e os outros dois clérigos foi que o Lang desencarnado era menos lúcido nos seus argumentos, menos claro do que esperavam. Lang, quando vivo, era um orador brilhante.

Isso não preocupou Pearce-Higgins. «É impossível,» disse ele, «esperar que a voz de uma pessoa desencarnada seja exatamente igual à voz viva quando se consideram as dificuldades com que é produzida. Parece que a inteligência fica toldada na descida dos seus níveis elevados para os nossos níveis baixos. É difícil para eles conseguirem chegar até nós de todo. Não conseguem expressar-se tão claramente como conseguem no seu estado normal — ou mesmo tão bem como o fizeram na Terra. Por vezes, parecem, portanto, funcionar num nível inferior ao que tinham quando estavam vivos na Terra.»

Pouco depois, Pearce-Higgins recebeu apoio de uma fonte inesperada. Perto do fim de setembro de 1960, a Fraternidade das Igrejas realizou a sua conferência anual. A gravação de Lang foi passada e discutida. A 1 de outubro, Woods e Betty Greene tiveram uma sessão de rotina com Flint. A voz afirmando ser Lang comunicou novamente. E explicou porquê.

«"Eu estive na vossa reunião," disse ele, "quando se juntaram com os membros da Fraternidade das Igrejas, e percebo muito bem a reação que se sentiu em certos quadrantes em relação à minha conversa que passaram nesta ocasião. Não tenho nada a retirar. Na verdade, tenho mais a dizer sobre este assunto."»

Seguiu-se outra longa palestra. Perto do fim, Betty Greene aproveitou a oportunidade para lançar uma pergunta. «Esteve connosco na outra noite?», perguntou ela. «Sim, filha», respondeu ele. «Bem, sabe que houve controvérsia sobre a sua voz?» «Haverá sempre controvérsia, infelizmente.» «Houve uma pequena surpresa», disse ela, «com certas palavras que usou como *'afeard'* e *'stratas'*, e foi sugerido que, se alguma vez voltasse a comunicar connosco, mencionássemos estes pontos.»

«"A resposta," respondeu ele, "é a própria simplicidade. Devem lembrar-se de que todo o som é criado artificialmente. Vós, no vosso mundo, usando o vosso corpo humano natural, fazendo vibrar a atmosfera como fazem usando os vossos próprios órgãos vocais, juntamente com a vossa formação e educação, criam o que chamam a vossa voz peculiar a vós próprios.

O que constitui uma voz comum em si mesma, afinal, é apenas a transmissão dos pensamentos de um indivíduo. Quando eu, ou outros, vimos falar convosco, devem lembrar-se de que estamos a falar através de uma caixa reproduzida artificialmente.

Pessoalmente, não acho que importe se a voz é idêntica. Duvido muito que alguém vindo deste lado consiga reproduzir identicamente a sua voz. Afinal, o que é uma voz? Uma reprodução do pensamento por ondas sonoras. Não se esqueçam, meus amigos, que nós, que estamos fora do vosso mundo, já não tendo o mesmo corpo físico, já não sendo capazes de falar convosco num sentido normal como o entendem, transmitindo o pensamento como fazemos pelo poder de um instrumento ou médium, dificilmente se pode esperar que reproduzamos identicamente, ou sequer recordarmos, como teria sido o som da nossa voz.

O próprio tempo rouba-nos muitas coisas, mas o que não nos rouba é a verdade. Pois ganhamos maior verdade e conhecimento pela experiência, e estamos em posição de vos apresentar a verdade se a quiserem receber.

Não se deixem afetar pelas pequenas coisas que tantas vezes as pessoas apontam deliberadamente para tentar destruir, porque estão receosos — e com medo. Afinal, não importa realmente se a minha voz é a voz que eu tinha quando estava na Terra, ou não. Em todo o caso, a minha voz, como muitas outras vozes, sem dúvida mudou de época para época. A minha voz nos meus últimos anos de vida não era como a minha voz quando tinha vinte anos. E a mudança de uma palavra aqui e ali tem pouca importância.

Falo convosco como sou — lembrem-se disto. Não como era. Lembrem-se que eu mudei — graças a Deus, mudei. E orgulho-me de ser capaz de dizer, se o orgulho estivesse na minha natureza, mas não está, que mudei. Os meus

pensamentos não são os pensamentos que outrora tive, por isso o que importa se a minha voz não for a mesma?

Aos que duvidam, digo que o tempo chegará certamente em que acreditarão. Mas é melhor se acreditarem enquanto ainda estão na Terra, pois então podem fazer muito do que é bom, do que esperar até virem para aqui. Pois muitos são os que olham para trás e desejam ter conhecido a verdade quando estavam na Terra. Quão diferentes as suas vidas teriam sido; quão diferentes as suas ações; e quanto mais poderiam ter servido os seus semelhantes, e a Deus em consequência."»

Esta gravação foi passada ao Sr. Conan Shaw, de Angmering. Ele achou que a voz era idêntica. «Como corista na Catedral de York (1908/1915),» escreveu ele, «tive muitas oportunidades de entrar em contacto direto com o Dr. Lang. Em várias ocasiões especiais, fui escolhido para carregar a cauda da túnica do Arcebispo. O Dr. Lang costumava levar-nos, os coristas, num barco no Rio Ouse... O seu estilo lento de fala transparece muito bem na fita, tal como os seus maneirismos. Ambas as mãos agarravam o topo da sua estola, depois ele construía um clímax, até uma palavra ou uma frase, como faz na fita com a palavra 'Agora' e a frase '... então eles se levantarão na igreja e o proclamarão'. A cabeça dele virava (1) da esquerda para a direita (2) da direita para a esquerda (3) para o centro, de forma observadora, fazendo chegar os seus três pontos a toda a congregação. Sim, tenho toda a confiança de que o comunicador é o Dr. Cosmo Lang, quem ele afirma ser na fita.»

As corroborações são encorajadoras. Mas serão essenciais? Perante o que Lang diz, provavelmente não. As evidências do outro lado apoiam o seu argumento de que ninguém no próximo mundo consegue reproduzir identicamente a sua voz neste.

«"Muitas pessoas deste lado," queixou-se Oscar Wilde, "tentam dizer muito e, em consequência, dizem muito pouco. Pela simples razão de que temos de utilizar este método extraordinário de comunicação. Porque não conseguem inventar algo mais agradável, adequado e bem-sucedido do que isto, não consigo imaginar!"»

Ellen Terry explicou o problema detalhadamente em 1965.

«"Não é fácil, mesmo para o comunicador mais experiente, ser sempre capaz de passar e estabelecer contacto, e manter uma conversa dita natural e normal. Acho que o facto de conseguirmos qualquer contacto é, em si mesmo, um milagre. E, no entanto, há pessoas no vosso mundo que, apesar das evidências que possam ter recebido no passado, apesar das comunicações que

foram altamente bem-sucedidas, ainda têm problemas e ainda têm dúvidas por vezes.

Tudo isto, claro, nós compreendemos e simpatizamos. Mas vejam, acho que é tão importante perceber que toda a comunicação é fundamentalmente um processo mental, uma transmissão de pensamento que, ao chegar até vós, pode ter-se tornado talvez, até certo ponto, alterada ou distorcida. E quando se percebe que há muitas, muitas palavras que transmitem quase a mesma coisa, e às vezes uma palavra passa com um significado semelhante, mas talvez não defina exatamente o que estamos a tentar dizer.

Quem me dera poder explicar-vos que a 'caixa de voz' em si deve ser, pela sua própria natureza, um reprodutor artificial do carácter individual, personalidade, som, voz, impressões, ideias — de facto, tudo o que recebem. Embora possa soar por vezes — e esperamos que soe, claro — altamente natural, muito real, ao mesmo tempo é a 'caixa de voz' que está a fazer por nós o que, da forma comum, se estivéssemos na Terra, os nossos órgãos vocais estariam a fazer.

Quando na Terra, têm o vosso próprio corpo particular, e os vossos próprios órgãos vocais, e vivem sob condições normais e os vossos órgãos vocais respondem automática e naturalmente; estão a vibrar a atmosfera criando som sob condições naturais. Nós temos de fazer todas estas coisas artificialmente.

Colocamo-nos à frente da caixa de voz. Concentramos toda a nossa personalidade o melhor que podemos, e os nossos pensamentos.

Sabem como é difícil manter os pensamentos claros, e como ser preciso no que se está a tentar sugerir ou dizer da forma normal na Terra. Imaginem quanto mais difícil deve ser para nós."»

Demasiado difícil, se as vozes não estiverem apenas a dar desculpas, para que o teste de voz seja decisivo de uma forma ou de outra.

Haverá algum outro teste que possamos aplicar? Não podemos confirmar o que dizem sobre o seu mundo através da observação. O que nos dizem sobre o nosso mundo, já o sabemos. Haverá algum terreno neutro entre eles onde, por um momento, os dois mundos se encontrem? E onde os relatos do próximo mundo possam ser verificados por qualquer pessoa ainda viva neste? O ponto de encontro da morte?

VINTE E UM

A Prova Final

Pouco depois de George Wilmot, o vendedor de trapos e ossos, se ter instalado com a sua família francesa, o seu guia voltou para ver como ele estava a passar. Wilmot confessou uma ligeira ansiedade em relação às suas ex-mulheres que ainda viviam na Terra.

Uma delas, disse o guia, viria para este lado em breve. Poderia ajudá-la se ele fosse vê-la. Relutantemente, ele foi. Para a ver morrer.

Encontrou-se a caminhar por uma rua. «Lugar muito estranho era, uma data de casas todas muito parecidas. E encontrei-me num quarto, uma casa vitoriana real à moda antiga era, e lá estava a minha velha deitada numa cama de ferro. Oh, ela não estava nada bem! Suponho que não devesse ter pensado isto. Pensei: 'meu Deus, fui poupado a algo'. É errado pensar assim, mas ela nunca foi lá muito bonita. Mas, de qualquer forma, ela parecia cadavérica. Então este sujeito, Michael (o guia), diz: 'Sabes que ela vem para aqui em breve?'»

«"Disseste-me isso," disse eu.»

«"Não creio que ela te reconheça," disse ele, "e não creio que ela te veja. Claro que é muito raro que eles nos vejam. Mas fica apenas ao pé da cama, queres, e concentra-te nela."»

«"Bem, por que haveria de fazer isso? Não estou assim tão interessado."»

«"Olha," diz ele, "tens de aprender que, mesmo que não te dês bem com as pessoas, e não ames as pessoas particularmente, em algumas circunstâncias tens um dever a cumprir, e isso irá ajudá-la."»

«"Então fiquei como ele disse. Depois, de repente, pude vê-la como que a mudar de cor. Parecia que a cor voltava às bochechas dela, e os olhos pareciam mais brilhantes e ela parecia completamente diferente. E ouvi-a chamar o meu nome. Fez-me sentir muito estranho por dentro, digo-vos. Senti-me um autêntico pateta (*a real Charley*), ali parado daquela maneira."»

«"De qualquer forma, ela estendeu as mãos e, de repente, pude ver que ela tinha mudado, sabe. Algo tinha acontecido. E havia uma luz à volta dela. E depois vi que outras pessoas estavam a entrar no quarto e a ficar em volta. Reconheci dois deles como sendo o pai e a mãe dela."»

«"Ela parecia flutuar. É a única maneira que tenho de o dizer, como se ela flutuasse acima do corpo, como se ela se levantasse a direito. Soa estúpido agora, mas eu afastei-me do caminho, pensei que ela ia cair mesmo em cima de mim."»

«"Michael sussurrou-me: 'Ela está a sair do corpo agora. Vai ficar bem. Estão a vir buscá-la, vês. Aqueles são o pai e a mãe dela, e aquelas outras pessoas

são amigos que vieram ajudar. Eu só queria que viesses porque, de certa forma, ajudaste-a. Ainda não percebes quanto'."»

«"Bem, é muito estranho," disse eu. "Ela está aqui completamente sozinha."»

«"Sim," diz ele, "evidentemente tem vivido sozinha há muitos anos, e não há ninguém que se rale muito com ela, e as outras pessoas na casa nem sequer sabem que ela está doente na cama. Vão encontrá-la morta na cama provavelmente nalgum momento durante o dia, ou talvez amanhã. Bem, isso não é tão importante. É para a ajudar a passar por um momento difícil."»

Todos os relatos das vozes que considerámos até agora descrevem o que lhes aconteceu em algum estágio após a morte. Este é diferente. Pretende dar um relato visto do mundo espiritual sobre o que acontece momentos antes e no momento da própria morte.

A descrição de Wilmot contém duas afirmações:

1. Que no momento da morte a sua esposa reconheceu a sua presença no quarto e que ela foi ajudada e recebida pela sua mãe, pai e amigos.

2. Que quando ela morreu, o seu corpo psíquico ou etérico desprendeu-se do corpo físico e flutuou acima dele.

Podemos verificar a exatidão destas afirmações através de relatos de morte feitos por pessoas ainda vivas?

Os meus artigos sobre a vida após a morte trouxeram-me mil cartas. Uma delas era de uma enfermeira reformada, Vivien Keddie, de Wells em Somerset.

«"Quando eu estava muito doente, e não se esperava que sobrevivesse," escreveu ela, "senti como se estivesse a deixar a cama para ir para a minha mãe, que estava ao fundo da cama com um sorriso adorável no rosto. As mãos dela estavam estendidas como se estivesse à minha espera. Ela não falou e uma sombra pareceu interpor-se entre nós. Senti que o tempo ainda não era chegado e pareci voltar para a cama."»

A Sra. Marjorie Flint, de Hull, enviou-me esta descrição da morte da sua mãe:

«"A minha mãe estivera inconsciente durante bastante tempo. De repente, sentou-se direita na cama, estendeu os braços e disse: 'Oh, minha mãe! Não é ela bonita!' Quando pus os braços à volta dela para a deitar, ela tentou esticar-se mais

e disse: 'deixa-me ir'. Estas foram as últimas palavras que proferiu. Tenho a certeza de que a minha avó estava lá para a guiar e ajudar."»

Em alguns casos, afirmou-se que ajudantes espirituais do próximo mundo foram vistos por pessoas saudáveis dotadas de visão psíquica neste.

A Sra. W. Woodcock, de Hampshire, contou-me: “A minha mãe teve um derrame. Tínhamos uma enfermeira para ficar com ela. Na manhã seguinte, a enfermeira disse que tinha visto a figura de uma rapariga aproximar-se e ficar ao pé da cama da mãe às 3 da manhã. Perguntou o que se passava. A figura respondeu: 'Vim apenas buscar a minha mãe', e desapareceu. Na noite seguinte, a mãe morreu às 3 da manhã. Mais tarde, a enfermeira viu uma fotografia da minha irmã falecida. 'Era aquela a rapariga que estava à beira da cama', disse ela."»

Uma história ainda mais estranha veio da Sra. K. McLaughlin, de Norbury, no sudeste de Londres:

«"A minha mãe foi morta por uma bomba voadora em 1944. Em 1948, descobriu-se que o meu pai tinha cancro no pulmão e cuidei dele até à sua morte em 1950. Na tarde antes de ele partir, eu estava a falar com ele quando ele virou a cabeça, sorriu e disse: 'Não vou demorar muito, querida'. Na manhã seguinte, o meu pai morreu. O meu filho de três anos, nascido depois de a minha mãe morrer, esperava lá em baixo com a esperança de ir ver o avô. Quando o levei para a sala, ele disse subitamente: 'Mamã, não gosto daquela senhora. Ela foi para junto do meu avô e não me deixa ir'. Ninguém mais tinha subido as escadas. Ele só pode ter visto a forma espiritual da minha falecida mãe."»

O Dr. Robert Crookall, outrora Geólogo Principal do Levantamento Geológico de Sua Majestade, dedicou uma longa reforma a examinar as evidências da vida após a morte. Chegou a uma conclusão interessante.

«"Parece não haver," decidiu ele, "um único caso registado em que uma pessoa moribunda tenha afirmado ver um amigo vivo que pensasse erradamente estar morto. Por outro lado, há muitos casos registados de pessoas moribundas que veem amigos que supunham estar vivos e que estavam, de facto, mortos."»

Podemos encontrar evidência mortal para apoiar a afirmação de Wilmot de que no momento da morte o corpo psíquico se destaca do corpo físico, flutua acima dele e depois parte para o próximo mundo? Alguém neste mundo viu isso acontecer?

Entre os históricos de casos recolhidos por Crookall está um relato de um médico americano, R. B. Hout, de Indiana, que parece ter sido dotado de um raro grau de visão psíquica. No leito de morte da sua tia, ele afirmou ter visto «"este corpo astral pendurado suspenso horizontalmente a alguns pés acima da

contraparte física. Estava sereno e em repouso. Mas o corpo físico estava ativo em movimentos reflexos e contorções subconscientes de dor. Vi as feições claramente. Eram muito semelhantes ao rosto físico, exceto que se expressava um brilho de paz e vigor em vez de idade e dor. O meu tio, o falecido marido da minha tia, estava ali ao lado da cama. Também o seu filho, falecido muitos anos antes."»

Por si só, este testemunho isolado pode não valer muito. Mas assim que o publiquei, começaram a chegar cartas de pessoas que tinham estado próximas da morte ou que tinham sido declaradas clinicamente mortas — os seus corações pararam de bater — e tinham sido reanimadas e trazidas de volta à vida.

Sugeriam que um processo natural de transição de um mundo para outro era automaticamente posto em funcionamento e, depois, revertido.

Uma Sra. C. M. Langridge, de Poole, escreveu: «"Tive uma operação grave. Três dias depois, quando o meu marido me visitou, perguntou como me sentia. Respondi que não me sentia muito bem. Quase imediatamente fiquei inconsciente de quaisquer coisas materiais. Eu estava fora do meu corpo, suspensa no ar, e a olhar para o meu corpo lá em baixo. Três ou quatro pessoas estavam a reanimar-me. Mais tarde, quando voltei ao meu corpo, perguntei ao meu marido o que tinha acontecido e se alguém tinha estado no meu quarto. Ele respondeu que eu tinha colapsado, que ele tinha ido buscar a enfermeira chefe que, por sua vez, fora buscar o médico e que por alguns minutos pensaram que eu morreria."»

Uma Sra. M. Veitch, de Redcar, escreveu: “Fiquei muito doente e estava a apagar-me lentamente. Estava inconsciente, contudo, subitamente pareci estar acordada. Não sentia dor, mas sabia que estava a morrer. Pois comecei a flutuar. Era exatamente como olhar para si próprio num espelho. Eu sabia que não era o eu real."»

A Sra. C. A. Paton, de Hove, teve a sua certidão de óbito assinada pelo médico. Descobriu-se a “flutuar à vontade, fácil e rapidamente"». Depois derivou para o que descreveu como «"um lugar adorável"». Um ajudante ou guia apareceu e comunicaram sem o uso de palavras. Ela disse: «"Eu preferia continuar, mas tenho de voltar para o meu marido."» Ele respondeu: “Será difícil, mas eu ajudar-te-ei."»

Ela viajou de volta, começou a perder a sensação de leveza e a sentir dor. Eventualmente chegou de volta ao quarto e viu o seu próprio cadáver.

A enfermeira estava a escrever. A Sra. Paton acordou no seu corpo físico e falou com ela. A enfermeira deixou cair a caneta e abafou um grito.

Durante o tempo em que esteve "morta", ela notou várias coisas na casa que não poderia ter visto da cama. Depois de ter reentrado no seu corpo e recuperado a consciência, descreveu o que tinha visto. A sua descrição era completamente exata.

Em 1968 escrevi outra pequena série citando este e outros casos semelhantes. Outro lote de cartas forneceu-me várias histórias parecidas.

A Sra. Pat Cherry, então com cinquenta e seis anos, descreveu como teve uma operação grave ao estômago. «"Houve um zumbido estranho. A coisa seguinte que soube foi que estava a flutuar sobre a cama, a olhar para o meu corpo ali deitado, pálido e abatido. Senti que estava a flutuar para longe."»

Isto aconteceu três vezes. Na última ocasião, viu a enfermeira ir buscar um médico que lhe deu uma injeção no braço. Flutuou de volta para o seu corpo físico e perdeu a consciência.

A Sra. Patricia Ariss, de Daventry, disse que tinha tido uma operação para remover um crescimento canceroso do estômago. Demorou seis horas. Ela descreveu como «"subitamente me senti a flutuar acima da mesa de operações, a olhar para baixo para a equipa a trabalhar no meu corpo. Toda a dor que tinha sentido antes da operação tinha desaparecido e senti-me em paz."»

Viu a sua mãe, a quem tinha sido amputada a perna esquerda pouco antes de morrer, com aspeto jovem e com ambas as pernas, dizendo «"ainda não"», e acordou no dia seguinte na cama do hospital. A enfermeira confirmou: «"Sim, você morreu durante a operação, e tivemos um trabalho para a trazer de volta."»

Um conjunto de contos prováveis? Terão acontecido realmente ou foram apenas sonhos febris?

A estranha experiência de deixar e regressar ao seu corpo físico é conhecida como Projeção Astral ou uma Experiência Fora do Corpo. Existe um corpo considerável de evidência para mostrar que as pessoas que afirmaram tê-la experienciado notaram eventos e cenas a milhas, por vezes centenas de milhas, dos seus corpos físicos, as quais foram mais tarde confirmadas por testemunhas independentes.

Quão comum é? Inquéritos por amostragem sugerem que acontece mais vezes do que pensamos. Num, limitado a 200 frequentadores de igrejas inglesas no final dos anos cinquenta, nada menos que 90 — quarenta e cinco por cento — admitiram pelo menos uma experiência.

A dedução inevitável: se podemos continuar a existir como seres conscientes fora dos nossos corpos físicos quando vivos, por que não quando morremos?

Além do momento da morte, as testemunhas também estão mortas. Tudo o que podemos perguntar é: parecem elas fiáveis? Confirmam ou contradizem-se umas às outras?

Todas as vozes que contaram as suas experiências a Woods e Betty Greene afirmam ter vivido neste mundo, ter morrido, e encontrado-se noutro. As suas descrições de como lá chegaram e o que encontraram à chegada coincidem?

Tente inverter a questão. Suponha que havia outro mundo onde as pessoas viviam e morriam antes de virem para a Terra. Suponha que meia dúzia delas fazia a transição para o nosso mundo e enviava relatos de volta para aquele que tinham deixado sobre o que encontraram aqui. O que diriam elas sobre nós?

Se todas viessem para a Grã-Bretanha e se instalassem com parentes aqui, os seus relatos teriam muito em comum. Mas relatos de vida nas Terras Altas da Escócia e no East End de Londres poderiam conter discrepâncias surpreendentes e, à primeira vista, irreconciliáveis.

Mas suponha que aterravam em lugares tão distantes como Preston e Pequim, Calgary e Calcutá, Toronto e Timbuktu? Alguém que coligisse os seus relatos acreditaria realmente que tinham ido todos para o mesmo mundo ou que este existia realmente?

As vozes dizem-nos que existem muitas esferas no próximo mundo e que todos vão para um lugar ou existência moldada para si mesmos pelo seu carácter e vida na Terra.

Se, permitindo as diferenças que isto deve causar, conseguirmos encontrar algum tipo de consistência interna nos seus relatos, poderemos comparar o que as vozes que falaram com Woods e Betty Greene dizem com outros relatos de uma alegada vida após a morte recebidos através de outros métodos de comunicação bastante independentes?

O método mais respeitado, que dispensa a conceção popular de médiuns e é muitas vezes aceitável para quem rejeita uma sessão espírita, é conhecido como **escrita automática**. Um dos escritores automáticos britânicos mais amplamente divulgados é a Miss **Grace Rosher**.

Quando a visitei, ela insistiu que não era médium. Era uma cristã normal frequentadora da igreja até que um dia, no final dos anos cinquenta, estava sentada a escrever aos amigos. A caneta estava na sua mão, pousada no bloco.

Subitamente, pareceu receber uma mensagem mental que dizia: «"Deixa a tua mão aí e vê o que acontece."»

Quase imediatamente a caneta começou a escrever por sua conta: “Com amor, de Gordon."»

«"Quem está a fazer isto?"», pensou ela. A caneta respondeu: “Sou eu. Sou eu. Gordon. Gordon."»

Quatro dias depois, a caneta escreveu durante meia hora. A caligrafia parecia ser semelhante à de Gordon Burdick. Quinze meses antes, ele preparava-se para deixar Vancouver, no Canadá, para casar com ela. Na noite anterior à data da partida, morreu.

A Fraternidade das Igrejas enviou amostras da escrita com cartas escritas por Burdick quando vivo a um perito em caligrafia. Este relatou que ambos os conjuntos foram escritos pela mesma pessoa.

Em 1961, ela escreveu um livro contendo uma versão editada do relato de Burdick sobre o que lhe aconteceu quando morreu. Como se compara o seu relato com os relatos das vozes?

«"Adormeci," escreveu ele, "e depois encontrei-me num jardim adorável. Caminhei em volta e depois vi a minha mãe a vir em minha direção. Ela disse: 'Filho, vim para te levar para casa!'"»

Ele foi para a casa dela e foi saudado pelo irmão e irmãs que tinham morrido antes dele. Não conseguia perceber o que tinha acontecido, pensou que devia estar a sonhar. Disseram-lhe que estava morto. Foi levado para um hospital, disseram-lhe para descansar, e depois foi-lhe permitido juntar-se à família na casa.

O que disse ele sobre a sua nova vida?

Quando morremos, fazemos o nosso próprio céu ou inferno, que são estados de consciência, condicionados pela forma como vivemos na Terra. Casas e jardins são muito parecidos com os da Terra. O mesmo acontece com as roupas. Há cidades com colégios, galerias de arte e salas de concertos. As flores são maravilhosas. Não há dinheiro. Podes comer o que quiseres, mas a comida já não é necessária.

Podes viajar à vontade. Podes estudar o que quiseres. Há muitos animais e pássaros. Tens o aspeto e sentes-te muito como na Terra. O único laço que une as pessoas é o amor. Eventualmente, progridis e mudais-vos para esferas superiores.

Tudo soa estranhamente familiar.

Podemos estender a comparação a todos os relatos por todo o mundo que afirmam descrever uma vida além-túmulo? A única pessoa que tentou coligir tudo foi Robert Crookall. Ele passou quatro anos a recolher todas as comunicações que conseguiu encontrar, alegadamente vindas de pessoas que afirmavam estar mortas descrevendo o que experienciaram no momento da morte e logo após. Analisou os resultados num livro publicado em 1961.

Era impossível, raciocinou ele, que todas as pessoas que afirmaram ter recebido as mensagens pudessem estar em conluio. Mesmo que todos os médiuns fossem fraudulentos, era impossível que todas as suas afirmações fizessem parte de um engano global coordenado. Se todas as afirmações fossem recebidas por telepatia das mentes dos assistentes, poderiam todos eles ter tido ideias imaginárias exatamente semelhantes sobre a transição da morte para outro mundo?

Não eram exatamente semelhantes. Mas, desde ilhas no Pacífico até à Europa e América, os relatos tinham uma consistência interna ampla. Uma consistência muito amplamente partilhada pelas vozes que falaram com Woods e Betty Greene.

Porque são todos tão semelhantes? Uma resposta possível é que todos vêm de uma fonte semelhante. De algumas das esferas de outro mundo onde nos encontramos quando morremos.

Se esta é a explicação verdadeira — ninguém provou ainda que o é — poderia ser possível que as vozes que falaram através da mediunidade de Flint e independentemente dele para Woods e Betty Greene estivessem a dar-nos o relato mais completo e detalhado que recebemos até agora de uma experiência que todos partilharemos quando as nossas vidas neste mundo chegarem ao seu fim inevitável?

FIM